

Jen HATMAKER



*ame mais,
julgue menos*



COMO DESCOMPLICAR *seus*
RELACIONAMENTOS *e* VIVER
MAIS LIVRE *e* FELIZ



THOMAS NELSON
BRASIL



Ame mais, julgue menos

Lutando pela graça em um mundo
de padrões impossíveis

Jen Hatmaker

TRADUÇÃO: Mariana Moura


THOMAS NELSON
BRASIL
Rio de Janeiro, 2016

Copyright © 2015 by Jen Hatmaker

Publisher	<i>Omar de Souza</i>
Editores	<i>Samuel Coto, André Lodos e Aldo Menezes</i>
Coordenadora de produção	<i>Thalita Ramalho</i>
Copidesque	<i>Daniel Siqueira</i>
Revisão	<i>Samuel Gonçalves</i>
Capa	<i>Rafael Brum</i>
Diagramação	<i>Julio Fado</i>
Produção do eBook	<i>Ranna Studio</i>

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

As citações bíblicas são da Nova Versão Internacional (NVI), da Bíblia, Inc., a menos que seja especificada outra versão da Bíblia Sagrada.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

H289a

Hatmaker, Jen
Ame mais, julgue menos : lutando pela graça em um mundo de padrões impossíveis / Jen Hatmaker ; tradução Mariana Moura. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Thomas Nelson Brasil, 2016.

Tradução de: For the love
ISBN 978.85.7860.929-0

1. Vida cristã. 2. Conduta. I. Título.

CDD: 248.4

CDU: 27-584

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada
à Vida Melhor Editora S.A.
Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso
Rio de Janeiro – RJ – CEP 21042-235
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313
www.thomasnelson.com.br

A Jesus, que me ensinou a amar as pessoas.

Sumário

Introdução

VOCÊ MESMA

1. Pior trave de todos os tempos
2. Sobre fazer quarenta
3. Sobre vocação e mães haitianas
4. Questões de moda
5. Corra atrás de seus sonhos
6. Não caia nessa
7. Diga a verdade
8. Notas de agradecimento (parte 1)

TODAS AS PESSOAS QUE MORAM EM SUA CASA

9. Esperança para famílias apimentadas
10. Sobrevivendo à escola
11. Queridas crianças
12. Casamento: divirta-se e tal

- 13. Crianças de Jesus
- 14. Notas de agradecimento (parte 2)

AMIGOS, VIZINHOS, ESTRANHOS E INIMIGOS

- 15. Clube Gastronômico
- 16. Porches como altar
- 17. Peculiar
- 18. Pessoas difíceis
- 19. Bônus: cardápio do Clube Gastronômico
- 20. Notas de agradecimento (parte 3)

IGREJA, O PESSOAL DA IGREJA, O PESSOAL QUE NÃO É DA IGREJA E DEUS

- 21. Turismo de pobreza
- 22. Querida igreja...
- 23. Se as redes sociais já existissem
- 24. Notas de agradecimento (parte 4)
- 25. Caros cristãos, por favor, parem de ser chatos
- 26. Sobre mulheres

Conclusão

Notas de agradecimento pra valer

Notas

Sobre a autora

Introdução

Recentemente, uma amiga me contou sobre uma conversa que teve com minha filha mais nova, Remy:

AMIGA: Fale sobre o trabalho de sua mãe, Remy.

REMY: Ah, ela não tem um trabalho direito.

AMIGA: Tenho certeza de que sua mãe trabalha.

REMY: É, mas ela não tem um trabalho que tenha que *saber* alguma coisa.

AMIGA: Então ela escreve livros sobre nada?

REMY: Ah, ela também cozinha muito.

Além de ser claramente amada em minha casa, eu talvez devesse esclarecer qual exatamente é a minha especialidade, pois parece bem pouco perceptível para minha filha. Algumas pessoas amam números e colunas e contas conciliadas (eu mal sei o que isso significa). Algumas de minhas melhores amigas amam organizar e administrar; elas são estranhamente boas nisso. Tenho parentes que são excelentes em web

design e tecnologia criativa, e outros que são artesãos e construtores. Educadores, chefs, especialistas em medicina esportiva, corretores de imóveis, todas as pessoas em meu círculo que obviamente *sabem alguma coisa*.

Em meu círculo mais íntimo, algumas de minhas amigas são verdadeiras teólogas e amam os prós e contras da pegajosa hermenêutica. Outras são pregadoras que falam favorosamente. Algumas são acadêmicas que estudam Deus. Algumas são empreendedoras sociais que fazem um grande bem com suas empresas e organizações. Outras, ainda, dão a vida para fazer justiça em lugares difíceis. Esses são seus dons, e isso é o que elas amam.

Eu amo pessoas.

É o que sei fazer.

Deus sempre fez mais sentido para mim por meio das pessoas. Elas carregam sua imagem. Eu desejo dignidade e cura, propósito e liberdade para mim e os meus, para você e os seus, para eles e os deles. Quero que vivamos bem e amemos bem. A substância da vida não são coisas, ou sucesso, ou trabalho, ou conquistas, ou posses. Não é mesmo, embora devotemos grande energia a esses objetivos. As partes mais plenas de minha vida, as melhores lembranças, os pedaços mais satisfatórios da minha história sempre envolveram pessoas. Da mesma forma, nada machuca mais ou nos priva de alegrias do que relacionamentos quebrantados. Podemos curar e ferir uns aos outros; e assim fazemos.

Espero ajudar a liderar uma tribo que proporcione mais curas e menos ferimentos.

Considero que esse seja meu trabalho.

Vejo uma geração de pessoas SOBRECARGADAS. Somos duras umas com as outras, a começar por nós mesmas. Quando Jesus disse “ame o próximo como a si mesmo”, não acho que ele se referia a fazer um

julgamento; mas é exatamente assim que tratamos nossa alma, e isso transborda para os outros. Povos que prosperam na graça de Deus dão graça com facilidade, mas a pessoa autocrítica torna-se crítica dos outros. “Amamos” as pessoas como “amamos” nós mesmas, e se não somos boas o suficiente, então, ninguém é.

Permanecemos brutalmente sobrecarregadas, assim como nosso marido, nossos filhos, nossas amigas, nossas igrejas, nossos líderes, qualquer “outro”. Quando impomos expectativas irreais a nós mesmas, é natural impô-las a todos os outros. Se vamos errar, pelo menos podemos esperar que os outros também errem; e a angústia ama companhia, certo?

Acredito que podemos fazer melhor que isso. Acho que Deus quer que nos libertemos, uma vez que Jesus praticamente já cuidou disso para nós. Posso dizer qual é o meu sonho para este livro? Espero que você vire a última página e solte um enorme suspiro de alívio. Espero que você ria com vontade porque acabou de se *libertar*. Então, espero que você olhe com olhos revigorados e renovados para todos os seus — seu cônjuge, aqueles que você gerou, os que estão em sua rua, na igreja, no trabalho e em todo o mundo — e sinta-se livre para amá-los como se esse fosse seu trabalho.

Talvez possamos deixar de lado nosso medo e nossa crítica, dirigidos a nós mesmas ou aos outros. Talvez, se nos libertarmos, também possamos libertar os outros e descobrir que Deus estava no controle o tempo todo, como ele tentou nos dizer. Ele é bom em ser Deus. Iupiiii! Não temos de ser salvadores nem críticos uns dos outros; é provável que sejamos melhores como pessoas amadas ao lado das outras.

Nós não somos bons como Deus, mas podemos ser bons como seres humanos.

Alerta de *spoiler*: você é incrível. É mesmo. Essa coisa de graça não é brincadeira. Nós começamos a viver uma vida livre. O mesmo vale para as outras pessoas, pois Deus nos deu Jesus, que consertou tudo. Em vez de sermos “certos” uns para os outros o tempo todo, podemos apenas viver nossa linda e preciosa vida em plena liberdade. É mesmo uma ótima notícia.

Eu abuso de uma expressão de efeito muito citada: *pelo amor* (e outras expressões amigas de “pelo amor”, como “minha nossa!”, “puxa vida” e “pelo amor de Deus”, porque hipérbole dramática é comigo mesma). Eu a uso o tempo todo, de maneiras que fazem sentido e de outras, que não fazem sentido nenhum. Acho que é uma resposta generalizada e deliciosa:

Pelo amor de Moisés.

Pelo amor de Tina Turner.

Pelo amor do técnico.

Na verdade, não há nenhuma finalidade específica para essa expressão. O fato é que vivemos e respiramos: pelo amor de Jesus; pelo amor de nossa alma; pelo amor de nossas famílias e pessoas queridas; pelo amor de nossos vizinhos e pelo amor deste mundo. Tudo aquilo que dura. Para ser honesta, é tudo o que importa. Porque, como Paulo disse: podemos ter coisas velhas espalhadas em vários compartimentos, mas se não tivermos amor, estamos totalmente falidos. Entenda isso e todo o resto acompanha. Entenda errado, e a vida se torna amarga, intimidadora e solitária. Queridas, ela não tem de ser assim.

O amor é, de fato, um excelente caminho.

Uma das melhores partes de ser humano são os outros seres humanos. É verdade, porque a vida é dura, mas as pessoas podem estar presentes umas para as outras, como Deus nos aconselhou, e, assim, nos lembramos de que somos amadas e contempladas, de que

Deus está aqui e não estamos sozinhas. Nós não podemos tirar as pessoas do buraco, mas certamente podemos ficar lá com elas até que Deus as tire de lá. Se você vive por tempo suficiente, percebe que as coisas da vida não são coisas. São pessoas. Precisamos umas das outras, por isso, devemos praticar a graça radical, pois, quando a vida real nos atinge em cheio, nossas opiniões politicamente corretas se tornam amigos distantes.

Então segure na minha mão, boa leitora. Vou dizer como você é incrível, como Deus é gracioso a ponto de ser surpreendente e que somos livres para amar muito. Espero tirar as cordas de seu pescoço, tanto as que você colocou lá quanto as que os outros colocaram. Vamos nos libertar, a nós mesmas e aos outros, e, no final, seremos livres para executar bem nosso trabalho, viver dias amplos, generosos, e praticar o viver pleno para o qual fomos criadas.

Ah! Eu também vou falar sobre jeans de cintura alta e vício em Netflix, então, se prepare para ter um papo bem sério à frente.

Vai ser divertido.

Você mesma

CAPÍTULO 1

Pior trave de todos os tempos

Remy, minha filha de nove anos, faz ginástica olímpica. Depois da segunda aula, ela perguntou quando iria competir. Que bênção! Ninguém jamais a acusou de ter autoestima baixa (hoje ela está decidindo entre ser ginasta profissional ou cantora; eu poderia dizer que tanto o plano A quanto o plano B são fadados ao fracasso?).

O aparelho em que ela mais se esforça é a trave de equilíbrio. Não está claro quem inventou esse aparelho em particular, mas certamente não foi a mãe de uma aluna desengonçada do terceiro ano com delírios de grandeza. Ela ainda está tentando ir de um lado para outro, fazendo alguns “mergulhos”, “saltos” e “inclinações” sem cair no tatame. Esqueça os movimentos elegantes; uma única perturbação no caminho a deixaria tão fora de forma, que estou começando a me perguntar como ela vai se tornar uma atleta olímpica e ter, ao mesmo tempo, uma carreira musical.

Se eu tivesse de dizer quais são as principais perguntas que me fazem em entrevistas, conversas e e-mails, uma delas sem dúvida seria:

Como você equilibra trabalho, família e vida social?

E toda vez eu penso: *Você por acaso me conhece?*

Equilíbrio. É como um unicórnio: já ouvimos falar dele, todo mundo conversa sobre ele e faz camisetas pintadas a mão para celebrá-lo; ele parece super-radical, mas, na verdade, nunca nem vimos um. Estou começando a achar que eles nem existem.

Eis parte do problema, meninas: venderam gato por lebre para todas nós. Antigamente, as mulheres não passavam o tempo todo tentando alcançar conquistas impressionantes na vida, em oito áreas diferentes. Ninguém promovia uma infância de conto de fadas para os filhos, desenvolvia um conjunto inato de talentos pessoais, construía uma carreira estimulante e capaz de mudar o mundo, planejava decorações deslumbrantes para casas e jardins, preparava comida caseira em todas as refeições (com ingredientes orgânicos, é claro), mantinha aceso todo o fogo do casamento, cultivava relacionamentos significativos em vários ambientes, arranjava tempo de sobra para “cuidar de si”, servia a vizinhos/igreja/mundo e alimentava um relacionamento ativo e pleno com Jesus, nosso Senhor e Salvador.

Não dá para equilibrar as coisas com essa descrição de trabalho.

Ninguém consegue. Ninguém *está* conseguindo essa proeza. As mulheres que parecem cavalgar esse unicórnio mostram apenas as melhores partes de suas histórias. Confie em mim. Ninguém pode fragmentar o tempo e a atenção entre tantos segmentos.

O problema é que temos acesso a mulheres que se destacam em certas esferas individuais. Com as redes sociais e suas mensagens cuidadosamente selecionadas, vemos mulheres arrasando no trabalho, mães boas em trabalhos manuais mandando ver, mães chefs de cozinha acertando em cheio, líderes cristãs botando pra quebrar. Nós vemos lindos quintais, tortas caseiras, festas de aniversário temáticas, grupos de estudo bíblico de oito semanas, tabelas de organização de tarefas, séries de abdominais, “10 dicas para um casamento feliz”,

melhores atitudes para a carreira, trabalhos voluntários e ideias para noites de diversão em família. Tomamos nota de suas conquistas, catalogando sucessos e observando talentos. Em seguida, combinamos o melhor de tudo que vemos, cada mulher que admiramos em cada nível, e concluímos: *eu deveria ser tudo isso*.

É comprovadamente insano.

A única coisa pior do que esse padrão inatingível é a culpa que chega quando a perfeição se mostra impossível. Mana, o que poderia ser mais louco do que uma mulher que acorda as crianças antes do amanhecer, as alimenta e dá banho nelas enquanto escuta e responde a tudo o que elas falam, as veste e manda para a escola com a agenda assinada? Depois, talvez, vai para o trabalho a fim de colocar comida na mesa ou fica em casa para criar os menores, que não conseguem nem se limpar sozinhos; faz um milhão de tarefas domésticas que se multiplicam como gremlins, interrompe 44 brigas, disciplina 293 vezes por dia, atende a todos os e-mails/cartas/prazos, ajuda na lição de casa de matemática/redação/biologia, serve o jantar enquanto planeja redecorar a casa no estilo *clean*, supervisiona a maratona do banho e da hora de dormir, põe as crianças no colo e lê amorosamente para elas, coloca-as para dormir com uma oração, termina o interminável recolhimento do lixo diário espalhado por todo lado, volta as atenções para o marido, seja com a mente, seja com o corpo, e, então, tem o último pensamento do dia: *Estou fazendo um trabalho terrível em tudo*.

Estou tomando um analgésico agora.

Isso vai além do razoável. É destrutivo. Nós já não avaliamos nossa vida com precisão. Perdemos a capacidade de dizer que um trabalho foi bem-feito. Medimos nosso desempenho segundo um *padrão inventado* e almejado, e isso está destruindo nossa alegria. Não importa quão duro trabalhemos ou o quanto nos destaquemos em

uma ou outra área, parece que nunca é suficiente. Nossas primeiras falhas são a exaustão e a culpa.

Enquanto isso, temos uma vida linda, implorando para ser realmente vivida, desfrutada, aplaudida — isso é mais simples do que ousamos esperar: temos de descer dessa trave.

Não podemos fazer tudo, ter tudo ou dominar tudo. Isso simplesmente não existe. Posso dizer uma coisa? As mulheres sempre me perguntam como eu “faço tudo”, então, vou esclarecer uma coisa: EU TENHO AJUDA. Meu agente de reservas cuida dos eventos, meu agente literário cuida do material editorial, meu técnico em TI faz todas as coisas relacionadas à internet, minha diarista faz em duas horas o que eu levaria doze anos, e nossa babá de meio período preenche as lacunas.

Eu não estou fazendo tudo. Quem poderia? Eu não posso. Você não pode. Decidi quais movimentos eu poderia fazer na trave e deixei o resto de lado ou descobri uma maneira de delegar. Amo escrever, mas odeio fazer gestão de conteúdo online. Fora da trave. Eu não poderia fazer malabarismo para conciliar viagens de fim de semana, atividades para as noites dos dias de semana (vezes cinco crianças... fique por perto, Jesus) e, ainda, ir a reuniões semanais; assim, por mais que eu ame o pessoal da igreja, não estamos participando de nenhum grupo no momento (e sou a esposa do pastor, então, vamos falar de liberdade). Fora da trave.

Cozinhar e jantar com calma? São revigorantes para mim. Fica na trave.

Café com todas as pessoas que querem que eu as ensine coisas? Simplesmente não posso. Fora da trave.

Conversar até tarde com nossos melhores amigos? Preciso. Fica na trave.

Ensinar aritmética? Não tenho as habilidades necessárias. Fora da trave.

Você também pode fazer isso. Você tem permissão para avaliar todos os movimentos e decidir o que deve ficar. Que partes você ama? No que você é boa? O que revigora você? O que *precisa* ficar nesta fase da vida? *Não olhe para os lados em busca das respostas.* Não transfira para sua trave as escolhas de outra pessoa. Eu poderia passar dias cozinhando, mas isso não significa que você queira fazer o mesmo. Para mim, ensinar aritmética significaria um colapso nervoso, mas pode ser o ponto alto de seu ano. Você constrói você mesma aqui. O dia tem apenas 24 horas.

Precisamos parar de tentar ser incríveis e, em vez disso, ser sábias.

Selecione quais partes estão sugando você. O que você teme? O que você está incluindo pelas razões erradas? Que partes são para obter aprovação? Há algo que você pode delegar ou abrir mão? Você poderia sacrificar um Bom por um Melhor? Jogue fora cada *deveria* ou *não deveria* e faça cortes sem piedade. Vá em frente. Sua trave está muito lotada. Eu sei.

Veja suas escolhas através desta lente: fase da vida. Se seus filhos têm menos de cinco anos, você não pode incluir as coisas que eu posso fazer com crianças que estão no segundo ciclo do Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Você é governada por um pequeno exército criado por você mesma. É assim que as coisas são agora. Se você tiver grandes anseios como eu — temos uma empresa de táxi que funciona das 17h às 21h, quase todas as noites. O serviço imobiliário noturno pertence à família por ora. Em dez anos, quando eles saírem de casa, a história vai mudar (*snif*). Talvez você saiba fazer um movimento fabuloso na trave, mas ele não funciona mais, e talvez seja necessário deixá-lo de lado por um tempo. Esses são, muitas vezes, os cortes mais difíceis. As escolhas que você faz hoje podem mudar completamente

em cinco anos ou até mesmo no próximo ano. Trabalhe no momento presente.

O que esta fase exige de você? Não tem certeza? Pergunte a Deus. Ele é um conselheiro maravilhoso que sempre, sempre sabe O QUE É MELHOR. Ele irá ajudá-la a descobrir. Quando você não pode confiar no próprio discernimento, pode, sem dúvida, confiar no dele. Deus não tem outra pauta além de querer seu bem maior no reino dele. Não há ninguém melhor para guiar o caminho através desse campo minado.

Eu me vi às voltas com um dilema relacionado à minha agenda, em 2015, e fiz tempestade em copo d'água. Eu me afligi, agonizei e vacilei antes de me lembrar de orar (sou uma ótima escolha como conselheira espiritual, não sou?). Não vou enganar você: por fim, coloquei a decisão nas mãos de Deus, e, em cinco segundos, ela ficou imediatamente clara. A resposta foi “não”, e é provável que tenha salvado minha vida.

Aliás, ninguém vai fazer essas escolhas por você. As pessoas vão tomar de você tudo o que você lhes der, não por serem seres humanos terríveis, mas por quererem uma fatiazinha de você. Não parece muita coisa para elas. Em teoria, é só aquela coisa, aquela noite, aquele compromisso. Além do mais, é provável que você seja boa em ser o animalzinho de estimação delas. Mas elas não têm noção de tudo o que existe em sua vida e de todos os outros movimentos que você faz na trave. Elas só querem aquele mergulho/salto/inclinação, mas, em um dia, só cabe determinada quantidade de movimentos.

Boa notícia: a maioria das pessoas sabe respeitar os limites de forma surpreendente. O pessoal aceita um “não” melhor do que eu suspeitava. A maioria das pessoas responde de forma incrível quando digo: “Obrigada por me convidar para essa sua coisa legal. É tão extraordinária quanto você. Mas qualquer ‘sim’ novo que eu der

significa um ‘não’ à minha família e à minha sanidade. Por favor, aceite minhas sinceras desculpas e conte com minhas orações.” Você pode dizer não, e ninguém vai morrer. Na verdade, os não ditos de forma graciosa desafiam o mito do Fazer Tudo. Quando vejo outra mulher se esforçando para manter o equilíbrio na trave, fico inspirada, porque, se ela tem permissão para fazer isso, eu também tenho. Mulheres sábias sabem a que se agarrar, do que se desapegar e como agir com confiança de acordo com suas escolhas — sem arrependimentos, sem desculpas, sem culpa.

Acredito profundamente que Deus quer essa liberdade para nós. As Escrituras nos ensinam a viver no presente e com alegria, resistindo às preocupações e acreditando que Jesus nos libertou por amor à liberdade. Temos uma abundância de talentos que muitas vezes tomam a forma de uma casa bagunçada e cheia de risos, de uma criança de dez anos correndo em volta do irrigador de jardim, de um coração aliviado pela comparação, de um cochilo à tarde, da alegria em usar nossos dons e deixar o restante para as pessoas mais adequadas. Nossa geração é tão paralisada pelo esforço e pela culpa, que já não reconhecemos quando presentes bons e perfeitos da parte de Deus estão na nossa cara. Que tragédia. Que perda. Nunca teremos de volta esses adoráveis anos.

Então, não, você não pode se equilibrar em uma trave sobrecarregada. Essa não é uma opção. Mas, talvez, se rejeitarmos o padrão inventado, se pararmos de achar que se dissermos não o mundo vai acabar, se apararmos nossa vida e mantivermos o que é belo, essencial, revigorante, se nos recusarmos a culpar umas às outras por escolhas diferentes, e se celebrarmos as realizações dignas da dura e boa vida comum, descobriremos que nem havia uma trave, para começo de conversa, que o reino de Deus nunca exigiu um número de equilíbrio e que Jesus estava na piscina de bolinhas o tempo todo.

Somos todas apostas olímpicas *nesse* evento.

CAPÍTULO 2

Sobre fazer quarenta

Estou vivendo uma experiência traumática e não sei o que fazer. Ela me pega de surpresa constantemente, me ataca quando estou distraída e despreparada. Toda vez, fico cambaleando e preciso deitar para me recuperar. Nunca me acostumo e, sempre que isso acontece, é como se fosse a primeira vez.

Volta e meia vejo as mãos de uma velha saindo de minhas mangas.

Lá estou eu, fazendo meu trabalho, e BAM! Mãos de velha digitando. Pegando os pratos, e CABUM! Mãos de velha cozinhando. Fico bastante confusa com essas mãos, por causa de suas veias, manchas e pele solta. Mas o que é isso? As mãos de que vovó estão usando minhas joias? Mais especificamente, como é que as mãos de minha mãe se transferiram para meu corpo? Meu amigo Tray foi para a escola com uma mulher que estava convencida de que o governo havia transplantado mãos diferentes em seu corpo como resultado de alguma conspiração (*tadinha* de mim!); e até mesmo quando rio, estou pensando em segredo: *Está tudo começando a fazer sentido.*

Fiz quarenta este ano.

Quarenta! É tão estranho, porque sempre fui jovem. Fui jovem a vida inteira, aliás. Não importa como destrincho essa ideia, mas eu saí da categoria “jovem” e entrei no grupo “meia-idade”. Meu cérebro se sente confuso, porque sou muito jovem. Faço minhas as palavras de canções de *hip-hop* e cito Paul Rudd ao falar de estratégia de parentalidade. Claro que sou uma pré-adolescente. Parafraseando Shakira, “minhas mãos não mentem”.

Então, cheguem mais, juvenzinhas, pois sei que vocês me acham idosa. Vocês acham que os quarenta estão tão distantes que não podem ser compreendidos, embora a matemática básica confirme que são meros, digamos, onze anos de diferença. Nos meus vinte anos, eu tinha pena das pessoas de meia-idade como se elas claramente estivessem com o pé na cova. *Nunca vou ter quarenta*, pensava meu eu jovem e iludido. *Sempre vou ter esse corpo flexível e essas mãos de recém-nascido. Minha testa vai parecer ter sido beijada por anjos todas as manhãs. Só vou fazer xixi se e quando quiser.*

Bem, deixe que minhas colegas quarentonas e eu falemos sobre isso. Não queremos assustá-la, mas você precisa saber algumas verdades. Não queremos que você veja as rugas em suas mãos daqui a onze anos e chore: “Ninguém me contoouuuu!” Então, pegue uma caneta, vou prepará-la para algumas coisas.

Algo estranho acontece com seu cérebro. Este cérebro lhe serviu bem por muito tempo, mas começa a lhe pregar peças. Você não lembra como se chega a algum lugar, esquece por que entrou em um cômodo e, minha nossa, não consegue lembrar o nome de seu terceiro filho (“Leve o lixo para fora... hum... Chris?”). Você fala ao celular enquanto revira a casa à procura dele. Ninguém ajuda, porque eles estão rindo de você; as pessoas que moram com você zombam desse comportamento. Às vezes, seu marido vai dizer uma frase, mas, por alguma razão, as palavras não vão se juntar, e você vai olhar para ele

sem expressão, como um pombo, porque elas são muito confusas. *O que ele está tentando dizer? Quais são essas palavras? Isso é um truque? Falar é difícil.*

E a capacidade de aprendizagem? Que Deus a ajude se você precisar aprender algo novo. Nesse ponto, a educação é uma missão infrutífera. Seu cérebro não ajuda. É fato. Ele já levou você para a faculdade e trabalhou pesado pelos últimos vinte anos e, agora, está fazendo uma pausa para tomar um fôlego. É lamentável, porque, nesta altura, você volta para a escola com sua cria. Espera-se que você os ajude com a matemática e a química e se lembre de tudo, mas seu cérebro parece o fundo de sua bolsa: tampas de canetas perdidas e sujeira indefinida e solidificada. Seu cérebro se sente furioso com a lição de química. Fica irritado com essa matemática nova. Ele não vai engolir essa porcaria. Vai tirar uma soneca enquanto as crianças descobrem as coisas sozinhas. Seu cérebro já concluiu o terceiro ano do Ensino Médio. Já cumpriu o que tinha de cumprir.

Nós sentimos muito por revelar isso, jovenzinhas, mas vocês não vão mais perder quase três quilos se pararem de comer pão por um dia. Sei que é difícil acreditar. Uma vez pensei que, se eu fizesse pequenos ajustes e desse uma corridinha, os jeans apertados caberiam daqui a dois ou três dias. Aos quarenta, seu corpo passou dessa fase. Ele só quer ser gordo e feliz. Para provar, seu corpo mal vai se livrar de um quilo e meio se você ingerir quatrocentas calorias por dia durante seis semanas. No dia seguinte, você vai comer metade de um pão e engordar como se tivesse comido dezessete. Ele não está interessado na dieta ou nos jeans. Seu corpo quer calças confortáveis e as camisetas largas de seu marido, e vai tê-los. Aproveite seu corpo jovem. Veja-se nua em espelhos de corpo inteiro. Vá ao supermercado de pijama. Tire um monte de fotografias, porque um dia, quando você

vir uma foto de si mesma aos vinte e nove anos, vai chorar só de ver suas coxas lisas.

Pele. Cheguem perto, todas vocês que ainda se banham na fonte da juventude: CUIDEM DA PELE. Eu sei, você nunca vai ser velha e enrugada, e aquele bronze é *a melhor coisa*, mas logo você vai se arrepender dessa loucura. É estranha a questão da pele, porque às vezes o cérebro ajuda você a sobreviver ao espelho do banheiro (lembre-se de que ele está velho; além disso, a negação é forte, jovem Jedi), mas depois você vê uma foto de si mesma e fica tipo, *a luz estava terrível*, e o ângulo não favoreceu, *e as sombras deixaram meu pescoço esquisito*, e, *pelo amor da fotógrafa Annie Leibovitz, será que meus amigos não sabem usar os FILTROS DO INSTAGRAM?* É tudo muito angustiante. Às vezes falo com partes do corpo usando vozinha de bebê para resistir à revolta: “Vamos lá, canelas! Estou contando com vocês. Vocês sempre foram tão boas para mim. Vocês não querem ser como o pescoço, as pálpebras e o peito, essas coisas soltinhas, não é? Segurem firme, queridas, e serão a última parte de mim a ver a luz do dia.”

Você se surpreenderá, mas vai se tornar uma vovó excêntrica no que diz respeito a certas coisas. Hoje, você pensa, *Uhul, galeraaaa! Vamos botar pra quebrar! Somos jovens e bonitas e encaramos a vida de braços abertos! Abaixo o Governo! Viva intensamente ou vá para casa!* Mas em poucos anos, você vai estar mais do tipo, *Acalme-se, jovem, tem gente que precisa dormir um pouco*. Uma amiga minha saiu para dançar com o marido na semana passada e levou três dias para se recuperar. Brandon comprou ingressos na primeira fila do camarote para um show a fim de garantir que eu pudesse me sentar (não posso ficar de pé por três horas, não sou uma atleta olímpica). Você vai evitar multidões, lamentar a juventude atual, desmerecer a

música da juventude e sair à francesa de festas a fim de ir para casa e ver *House*. Esse é seu futuro. Fique em paz com isso.

Você sempre foi especialista em cultura pop, mas algo estranho acontece em torno dos quarenta. Ao ver a capa de revistas de celeridades, eu me pergunto: *Quem é esse povo e por que essa menina não consegue sair do carro sem mostrar a calcinha?* Depois de assistir a um programa tipo BBB, você declara a falência intelectual da humanidade (veja o parágrafo anterior sobre o comportamento da vovó excêntrica). Quem são esses cantores adolescentes? Como é que tanta meninada em idade universitária tem programas de tevê? Quais são os nomes de bebê na moda, hoje em dia? O nome Maria é tão 2002 assim? Não fazemos ideia. Não conheço aquela música, aquela série ou aquela celebridade. Ainda assisto a reprises de *Friends* quase toda noite. Qual é, gente?

Agora escute, coisinha doce e jovem, no caso de você perder a vontade de viver, também há boas notícias. Você não vai ser apenas uma gorduchinha enrugada e irritada que não consegue encontrar os óculos com eles na cara. Você terá algumas outras vantagens, além da incontinência.

Você vai entender muito bem quem você é, no que é boa, o que você ama, o que valoriza e como quer viver. Essas perguntas costumavam tirar meu sono. Jovem, se você se preocupa interminavelmente com o propósito e a jornada, identidade e valor, os quarenta trazem uma segurança que você nem imagina. Hoje sei no que sou boa e faço isso. Não fico me desculpando nem correndo atrás de meus sonhos de forma insegura ou autodepreciativa. Eu já não caminho pela vida na ponta dos pés, duvidando de meus dons e meu lugar, morrendo de medo de buscá-los, aproveitá-los, orar por eles, sonhar com eles. Quando você é quarentona, já não espera uma

permissão para viver. A hora chegou, e como disse Maya Angelou: “A vida ama o vivente.”¹

Da mesma forma, não olho tanto para os lados quanto antes. Minha nossa, quando eu tinha vinte e nove anos, ficava tão paralisada ao ver tudo o que todo mundo estava conquistando. As outras pessoas eram meus pontos de referência, e a necessidade de comparação me roubou anos inteiros. Perdi muito tempo com ciúmes, julgamentos e imitações. Eu simplesmente não conseguia encontrar a própria voz. Eu me esforçava para celebrar as conquistas dos outros, porque parecia que elas eram prova de minha incerteza. Agora sou totalmente capaz de celebrar meus amigos e colegas com todo o ânimo do mundo, estou livre para ser eu mesma, sem a tela de proteção apertando meu coração, todo mundo está livre para ser si mesmo, e eu vibro de entusiasmo por todos nós.

Aos quarenta, você desenvolve a resiliência. Eu precisava desesperadamente de aprovação até uns dez anos atrás. As críticas acabavam comigo. Os conflitos me paralisavam. As desaprovações me sugavam. Por consequência, em cada situação, eu escolhia a saída mais segura para evitar a censura. Como uma ex-viciada em aprovação, eu teria ficado chocada ao descobrir que, em certa medida, aos quarenta, você não vai se importar muito com o que os outros pensam de você, do jeito como você cria os filhos, seu casamento, sua carreira, suas visões políticas, sua casa, seu guarda-roupa, seu cabelo, seus filhos, suas escolhas, igreja, seu cachorro, da nova porta vermelha de sua casa, suas sapatilhas confortáveis, suas calças com *stretch*, do cabelo de sua filha, do interesse estranho de seu filho por coisas *vintage*, de seu moletom predileto da faculdade que você usa até hoje, sua decisão de mandar os filhos para uma escola particular ou pública, sua nova resolução de se tornar vegana, do monte de comida congelada que você comprou, de sua decisão de trabalhar, de sua

decisão de cair fora, de sua vontade aleatória de comprar galinhas. Não importa. Se as pessoas não gostam, ah, que peninha. Não é que você deixa de ouvir conselhos ou se torna rebelde ou incorrigível; opiniões divergentes apenas deixam de ameaçar cada decisão, e as críticas não vão derrubá-la. Você aprimora suas técnicas, mana. Você vai amar.

Você sossega. As crianças, o marido, a vidinha que você está construindo... Você diz *amém*. Você demora mais para dizer que todos estão errados e é mais rápida em reunir os amigos e respirar gratidão. Este é seu lugar. Estas são suas pessoas. Esta é sua bela e preciosa vida. Com provavelmente cerca de meio caminho andado aqui na Terra, você abandona a angústia e encontra a satisfação.

Annie Dillard tinha razão: “Como gastamos nossos dias, é claro, é como gastamos nossas vidas.”² Você decide que seus dias devem ter riso e graça, força e segurança. Percebe que a insegurança, o esforço excessivo, o ciúme e as comparações acabarão por definir toda a sua vida, e esse não é o legado que você quer. Deixe que os juvenzinhos pretenciosos briguem por isso; você e os seus estão ocupados desfrutando um momento especial a sós.

Então, sim, o corpo e a mente começam a falhar, mas eu prometo: você não voltaria aos vinte anos nem para se livrar de todas as rugas do mundo. Você vai gostar daqui. Vai amar melhor, sentir-se mais segura, rir mais alto. Você vai distribuir graça como se fosse balinha. A vida real vai acalmar a arrogância e o medo, e você vai adorar a próxima versão de si mesma. Todas nós vamos.

Mas, por via das dúvidas, use protetor solar todos os dias, pelo amor.

CAPÍTULO 3

Sobre vocação e mães haitianas

Nunca confunda vida e trabalho.

É o que tenho a dizer.

O trabalho é só parte da vida...

Há milhares de pessoas com os mesmos diplomas que você; quando você conseguir um emprego, haverá milhares de pessoas fazendo o que você quer fazer para ganhar a vida.

Mas você é a única pessoa viva que tem a custódia de sua vida.

Sua vida particular. Sua vida inteira.

Não apenas sua vida à mesa de trabalho, ou sua vida no ônibus, ou no carro, ou no computador.

Não apenas a vida de sua mente, mas a vida de seu coração.

—ANNA QUINDLEN¹

Levei quarenta anos para entender a diferença entre o Evangelho e a versão evangélica norte-americana do Evangelho. Os dois foram a mesma coisa por um tempão — sem questionamentos, sem dúvidas, sem restrições. Eu filtrava o Reino através das lentes brancas, de classe média alta, favorecidas, denominacionais, e, meu Deus, encontrei uma maneira de fazer a maior parte das coisas se encaixar (era uma tarefa complicada, mas eu consegui; por favor, fique impressionada)!

Mas, então, Deus mudou minha vida, e tudo ficou estranho. Descobri o resto do mundo! E outras culturas! E tradições cristãs diversas! E pessoas muito, muito diferentes de mim! E a pobreza! Em seguida, o sistema no qual Deus operava de acordo com minhas regras começou a se desintegrar. Passei a ouvir minha narrativa do Evangelho através dos outros, e uma parte enorme dela nem sequer fez sentido. Alguns valores, perspectivas e promessas que eu atribuía ao coração do próprio Deus só funcionavam no meu contexto, e eu não sou teóloga para dizer, mas isso certamente é problemático.

Há uma referência bíblica que uso hoje em dia. Vamos usar esse critério para cada pergunta difícil, cada grande ideia, cada tópico, cada avaliação de nossa obediência, cada “deve” ou “não deve” e “vai” ou “não vai” que nós atribuirmos a Deus, cada chavão teológico. É o seguinte: *Se não for verdadeiro para uma mãe solteira, pobre e cristã no Haiti, então, não é verdadeiro.*

Se um sermão promete saúde e riqueza para os fiéis, não é verdadeiro, pois essa teologia faz de Deus um monstro absoluto que só abençoa os ocidentais ricos e despreza os cristãos da África, Índia, China, América do Sul, Rússia, da região rural dos Apalaches, do interior dos Estados Unidos e de qualquer outro lugar em que um fiel sincero continua pobre. *Se não for verdadeiro para uma mãe solteira, pobre e cristã no Haiti, então não é verdadeiro.*

Se a doutrina exalta o *status* de uma mulher casada e com filhos como se essa fosse sua maior vocação, isso não é verdadeiro, pois exclui fiéis solteiros (o apóstolo Paulo considerava esse estado preferível), viúvos, pessoas sem filhos por causa das circunstâncias ou de uma perda, divorciados, entre outros. Se essas pessoas são cidadãs de segunda classe no Reino porque não são casadas e têm filhos, Deus simplesmente exclui milhões de pessoas da obra do Evangelho, então imagino que elas deveriam comer pedra e morrer. *Se não for verdadeiro para uma mãe solteira, pobre e cristã no Haiti, então, não é verdadeiro.*

Ou a teologia é verdadeira em todos os lugares ou não é verdadeira em lugar nenhum. Isso ajuda a nos desvencilharmos da narrativa americanizada de Deus e a libertá-lo para ser Deus em vez do “meu Deus de bolso” que carreguei por tanto tempo. Ela impõe restrições ao declarar o que o Senhor acha ou deixa de achar, porque é bem suspeito meu retrato dos caminhos dele às vezes se parecer com o sonho americano — então, é melhor reavaliar minhas visões. Por causa da mãe solteira haitiana, talvez eu devesse falar menos por Deus.

Isso me leva à questão em pauta, outro tema popular que me pedem para discutir: *Qual é minha vocação?* (Veja também: *Como reconhecer minha vocação? Quando você descobriu sua vocação? Como posso receber sua vocação? Será que Deus lhe contou qual é minha vocação? Você pode me tirar da minha vocação?*)

Ah, sim, “A Vocação”. Certamente é um dos conceitos cristãos favoritos por aqui. Eis o problema: as Escrituras quase não estabelecem qual seria nossa indefinível vocação — a missão individual, certa, cheia de propósito de vida que cada protestante trabalhador quer descobrir. Encontrei cinco citações, três das quais se

referem à salvação em vez de ser uma descrição de emprego (Romanos 11:29; 2Pedro 1:10, Hebreus 3:1). As outras duas são as seguintes:

“Como prisioneiro no Senhor, rogo-lhes que vivam de maneira digna da vocação que receberam” (Efésios 4:1).

“Conscientes disso, oramos constantemente por vocês, para que o nosso Deus os faça dignos da vocação e, com poder, cumpra todo bom propósito e toda obra que procede da fé” (2Tessalonicenses 1:11).

Nesse contexto, o chamado de Deus é amplo, referindo-se principalmente ao mistério grande e glorioso pelo qual Deus nos faz família. A vocação é o convite; a vida digna e o “desejo de bondade” e “toda ação solicitada pela fé” são os resultados não especificados dela. Isso vale para qualquer fiel em qualquer lugar. Vidas dignas florescem com base na graça em qualquer contexto, em qualquer país. Os cristãos demonstram bondade, desejada e praticada, onde quer que tenham sido libertados.

Querida leitora, não estou dizendo para você desprezar sua busca por uma vocação, porque eu compartilho o desejo de propósito. Em vez disso, quero afrouxar algumas correntes. Vejo mulheres que apertam o pause em sua vida atual a fim de esperar para decodificar sua “vocação”. *Quando meus filhos forem maiores, eu vou... Quando minha plataforma for maior, eu vou... Quando for melhor no que faço, eu vou... Quando eu receber um raio do céu, eu vou...*

Em muitos aspectos, a percepção da vocação é um luxo dos privilegiados. O propósito de vida não precisa ser autenticado por um plano de negócios, certificado de isenção fiscal, site, salário ou plateia. Só começamos a trabalhar em nossa “vocação” porque concluímos nossa formação acadêmica e estamos com a vida financeira estável, de modo que muitos de nós nos abstermos da honra do trabalho comum e nos desesperamos, achando que desperdiçamos nossa vida.

Nossa mãe solteira no Haiti nem cogita nada disso. Ela trabalha duro porque precisa. Não está tentando descobrir uma vocação indefinível. Ela está criando os filhos, trabalhando para ganhar a vida, fazendo o melhor que pode com o que tem. Seu propósito pode não ser se aventurar fora das paredes de sua casa. Nós nunca saberemos o nome dela. Ela provavelmente não vai se envolver com liderança, inovação, advocacia ou revolução social.

Ainda assim, ela também é digna da vocação que recebeu.

Uma vida digna tem a ver com amar como as pessoas amadas, compartilhando a misericórdia anormal com a qual Deus nos mimou no princípio (é anormal mesmo). Isso significa revigorar as pessoas, em conversas comuns e encontros regulares. Uma vida digna significa estar presente quando estar presente é a única coisa a fazer. A bondade se mostra em milhões de formas cotidianas em todo o mundo, para ricos e pobres, famosos e desconhecidos, em escalas enormes e em minúsculos momentos sagrados. Pode envolver uma carreira ou não. Pode incluir componentes tradicionais ou não.

Você, mamãe que está em casa com um monte de pequenos, pode viver uma vida digna neste exato momento. Sua vocação é hoje. Deus a torna digna conforme você deseja o bem para seus filhos, atendendo às necessidades deles e nutrindo suas pequenas almas. Nenhuma vocação futura é mais importante do que sua posição atual. Toda possibilidade boa e significativa é sua hoje. Você tem acesso ao Reino agora: o amor, a alegria, a paz, a paciência, a amabilidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão e o domínio próprio. Essa é a vocação de cada cristão, e o Evangelho é perfeitamente demonstrado no trabalho diário de ser mãe ou pai.

Trabalhando duro, cumprindo os horários e pagando as contas, você pode viver uma vida digna neste dia. Sua carreira pode não envolver algo “sancionado pelos cristãos”, mas isso não significa que

você não esteja agindo conforme sua vocação. O modo como você fala com seus colegas de trabalho, a diligência com que trabalha, sua dignidade como uma trabalhadora que merece seu salário — isso é uma vida digna. Toda a bondade que Deus nos pediu para demonstrar está disponível para você, hoje. Através de um trabalho comum, as pessoas podem ser libertadas, valorizadas e transformadas, inclusive você mesma. O Reino de Deus não virá com mais poder em qualquer outro lugar do que em sua vida hoje.

Visionária, bem familiarizada com o que parece ser o trabalho de sua vida, você é maravilhosa. Alguns constroem uma carreira em cima de algo que não amam. Mas sua vocação não começa e termina com o trabalho. Nas sarjetas, há filas de pessoas que ficaram esgotadas por causa do frenesi do trabalho. A vocação é um grande guarda-chuva sob o qual vive a “carreira”. É parte de suas atribuições, mas, se ela falha ou explode ou muda ou desaparece, você ainda pode viver uma vida digna e cheia de ações incitadas pela fé e de bondade.

Talvez possamos sair da panela de pressão da “vocação” que impomos a nós mesmas e pensar apenas em nossos “dons”. À primeira vista, parece uma descrição de emprego, mas os dons são o modo como Deus nos equipou. Sem dúvida, somos dotados para desempenhar o trabalho específico da fé, mas os dons podem ser coisas cotidianas em meio à vida real. O dom da oração? Você pode usá-lo em quintas-feiras aleatórias, ao telefone com um amigo, no silêncio da madrugada. O dom de ensinar? Pode significar uma sala de aula ou uma carreira, mas pode muito bem se realizar durante o almoço, por um e-mail ou em sua casa. A capacidade especial de incentivar as pessoas? Mana, esse dom é necessário em todos os lugares, todos os dias, para todo mundo.

Essa é sua vocação.

Isso faz sentido para nossa mãe solteira no Haiti.

Você não precisa esperar mais um dia para descobrir sua vocação. Você a está vivendo, minha querida. Seus dons têm um lugar certo agora, no trabalho que você tem, nesta fase de vida, com as pessoas que a cercam. A vocação quase nunca significa um trabalho grande ou famoso; essa raramente é a maneira como o Reino vem. Ele se mostra em silêncio, de forma subversiva, quase invisível. Metade do tempo não foi planejado — são só coisas da vida nas quais se envolve um ser humano precioso, a personificação das boas-novas.

Somos chamados a esse trabalho, e pode não parecer muito, mas, se você tocar sua nota, eu, a minha, e ela, a dela, juntas criaremos uma bela canção que, para os ouvidos dos cativos, é como a liberdade, e para os dos pobres é como as boas-novas. Que o coração quebrantado seja curado, e as cinzas se tornem a perfeição em nossa geração.

Deus, nos torna dignas de sua vocação.

CAPÍTULO 4

Questões de moda

Reúnam-se, ovelhinhas, para que eu lhes empreste um senso de liderança e confesse alguns problemas sérios. Não é hora de brincar. As questões a seguir são graves, e temos de livrar nossa geração dessas aflições. Será assim que seremos lembradas em filmes e documentários e nas fantasias de nossos netos durante a década de 2010, por isso, devemos reforçar nosso legado.

Ouçam, algumas tendências da moda, capturadas com regularidade em iPhones e no Buzzfeed, estão atacando nossa cultura e devem ser abordadas. Suspeito que você, como eu, faz as críticas e, ao mesmo tempo, é objeto delas; por isso, este é um manifesto e uma confissão. Devemos nos arrepender e ser purificadas dos seguintes modismos.

O primeiro é uma tragédia específica que eu chamo de Legging Como Calça (LCC) ou Calça Como Legging (CCL). Nem pensar! E não me façam mergulhar na crise que é a Calça Bailarina Como Legging (CBCC); esse é um caso de intervenção profissional.

Há uma ressalva. A LCC é permitida se a seguinte regra for obedecida: suas partes estão cobertas por uma camiseta, um casaco ou

um vestido. Essas partes são, até então, entendidas como áreas ao norte da coxa e ao sul daquele pneuzinho na barriga. Eu não quero ver suas partes. Não quero saber a forma de sua roupa de baixo (ou que você não está usando nenhuma). Não posso lidar com esse conhecimento. Estou fazendo compras numa grande rede de varejo e, de repente, sinto como se tivéssemos “avançado o sinal”. A menos que você seja Jessica Alba, a região da roupa de baixo não é a melhor parte de seu corpo, queridinha. O mundo já é difícil; as pessoas não deveriam ser forçadas a ver nossos fazedores de bebê. Com uma camisa longa, a LCC é totalmente aceitável e até mesmo celebrada, uma vez que tecidos elásticos podem ser piedosos.

Passemos para a Calça Bailarina Como Legging (CBCL). A calça-bailarina é uma prima de nossa velha arqui-inimiga: a meia-calça. Lembra-se dela? Eu arrasava no *look* meia-calça bege e sapatilha branca, em 1988, até que descobri que meia-calça era tosco. Então, elas subiram ao patamar da “calça-bailarina”, de tecido um pouco mais substancial e, muitas vezes, rotulado de “opaco”. Mas aí é que está, amigas: as calças-bailarina não são, de fato, opacas. Elas podem ser escuras ou claras, mas ainda são feitas a partir do cabelo fino dos anjos. Em outras palavras, são transparentes. Assim, quando ocorre um incidente infeliz envolvendo a CBCL, isso significa que podemos ver através de sua calça. É muita carne de surpresa. Eu preferiria que você saísse de calcinha, assim, pelo menos, sei com o que estou lidando. Se você precisar se curvar, usando sua CBCL, cria-se uma situação de exposição que faria sua mamãe entrar em desespero. A CBCL, às vezes, é o resultado de uma *legging* que foi esticada demais sobre a coxa. *Leggings* que ficam assim não têm conserto. O tecido puiu em razão da exaustão, e, de uma hora para outra, as pessoas podem ver suas partes. Não tem certeza quanto à CBCL? Peça a opinião de uma amiga de confiança. Curve-se para tirar a prova. Não

tem jeito. Essa é uma prova de fogo tanto para a calça quanto para a amizade.

Vamos nos limitar ao seguinte. Eu cometo este crime com frequência e não tenho planos de me arrepender: calcinha normal com calça de academia (para efeitos deste capítulo, “calça de academia” pode ser usada tanto durante a prática de exercícios quanto, digamos, para viver sua vida, porque é bom usar calça com elástico). Não importa como as chamamos — calça de academia ou calça de ficar em casa —, elas têm lycra porque, ao que parece, algumas pessoas as usam para fazer agachamentos, polichinelos ou algo assim (outras pessoas as usam para treinar também... Elas treinam a escrita de textos importantes e significativos, o que também merece um tecido perdoável).

De qualquer forma, a calça de academia destaca o bumbum criado pela supracitada calcinha. Os cortes da calcinha atravessam a parte mais carnuda do corpo quase sem camuflá-la. Eles deixam a calcinha visível, e não é nada atraente, nem mesmo na Jessica Alba. Os jeans grossos e resistentes normalmente mascaram esse fenômeno, mas não as calças de lycra. Elas dizem ao mundo: “Esta é a carne do bumbum que a calcinha espremeu para fora e para baixo, em direção à coxa, onde uma curva agradável costumava viver. Mas agora ela se assemelha a um trágico derramamento de gordura, e tornei isso o mais visível possível para você.”

Não planejo corrigir isso, porque sou quarentona e prefiro discrição ao apelo visual. Se você estiver atrás de mim na academia (tudo bem, na fila do correio), sinto muitíssimo pela agressão visual. Não posso desistir de minha calcinha nem da calça de academia, por isso, estamos em um impasse. Vá com Deus.

Quando escrevi este capítulo, os macacões estavam de volta. É muito doloroso falar disso. Suplico-te, Senhor, devolve-os ao pó, um a

um, até a publicação deste livro. Minha geração já sofreu esse golpe nos anos 1990. As fotografias vivem nos álbuns e não podem ser desfeitas. Eu usava o meu com gola alta, deixando meu quadrante superior frontal uma verdadeira calamidade. É muito cedo, Deus. As feridas ainda estão frescas. Poupa a juventude de hoje, oramos humildemente.

Abordo esse tema com delicadeza, porque vocês são minhas irmãs amadas, mas eu chamo ao banco das testemunhas os jeans de cintura alta. Eles eram ruins da outra vez e agora são reincidentes (assista aos primeiros episódios de *Friends*, se você precisa relembrar). Eu não posso apoiar um aumento de quarenta centímetros. Mais sete centímetros, e vira um terninho sem alça. Que os céus a ajudem se você tiver a menor das barriguinhas; calça de cintura alta é basicamente uma vitrine para sua pancinha. Claro, sua cintura parece minúscula lá em cima, na caixa torácica, mas seu bumbum ocupa metade do comprimento de seu corpo. Parece a parte traseira de minha avó King; com todo o respeito à vovó, e que ela descanse em paz, mas isso não é um elogio (vovó, a senhora tinha seios grandes; todas nós temos pontos fortes diferentes).

Os homens não saem impunes. Não são só as mulheres que cometem crimes no campo da moda. Senhoritas, não podemos deixar nossos homens usarem calça capri ou, como eu a chamo, *mascucapri*. É tão estressante. Não deveria haver para os homens nenhuma opção de calça batendo no meio das pernas. A mascucapri é confusa; ela é uma saia-short mal concebida para rapazes (“saia na frente, short atrás!”). Basta escolher, cara. Short ou calça; eles não podem se casar e ter um filho chamado mascucapri. É assim que o mundo é. Tem coisas que você não pode ter. Nós ficamos usando macacões, e veja aonde isso nos levou.

Tenho uma quedinha por homem de regata com bolso, mas devemos seguir em frente.

Vamos falar de nossos filhos. Eu moro em Austin, Terra dos Hipsters, então eu sei do que estou falando (delimito essa sociedade como dona de óculos de hipsters, várias tatuagens, discos *vintage* e canecas estilosas, então, me permitam essa pequena hipocrisia). Sou *super* a favor da meninada com roupas fofas. Sou mesmo. Mas as crianças nos parques parecem anúncios da Tommy Hilfiger em miniatura, com um lado atormentado. Crianças de sete anos não precisam de cachecóis grossos como acessórios de moda aqui, uma vez que a cidade oscila basicamente entre o verão e o menos verão.

Levei as mãos aos céus quando vi um menino ostentando gola levantada com gravata ascot, e o imaginei no clube com a mãe: “Ashby, seja um bom menino e sirva-me uma dose de Bourbon, enquanto seu pai traz o iate.” Pobre Ashby. A ascot não resistirá ao parquinho imundo, e essas coisas levam um mês para encomendar.

Só estou dizendo que há um lugar para as roupas da Tommy, pessoal. Às vezes, as crianças precisam usar short jeans e camiseta, porque, bem, são crianças, não instalações de artes performáticas (a menos que a peça seja intitulada *Criança Superestimulada Rasga Vestido no Escorregador do Parquinho, Derrama Suco na Camisa e Faz Xixi na Calça: Moda Infantil em Três Atos*). Nós, provavelmente, precisamos de menos chapéus em alunos do terceiro ano com chapinha no cabelo. Vamos pegar leve um pouco.

Vou terminar este capítulo pedindo desculpas por minhas gafes, incluindo usar acessórios demais (a única coisa melhor do que usar uma pulseira é usar sete), coques demais, colares para fazer camisetas ficarem mais “elegantes” e chinelos de maneira inadequada. E, claro, o enigma calcinha/calça de academia.

Tudo bem, eu também coloco acessórios demais em minhas filhas — como se uma menina não precisasse de uma parafernália elaborada para o cabelo, brincos, saias de tule com camadas, meia três-quartos listrada e sapatinho de boneca.

Mas nunca deixei Brandon sair de mascucapri; então, de nada, mundo.

CAPÍTULO 5

Corra atrás de seus sonhos

Eu me recuso a ter vergonha de admitir: amo *American Idol*. Já foram treze temporadas, e eu ainda guardo espaço no gravador para o programa toda semana. Tô nem aí, pessoal. Meus amigos músicos ficam tipo: “Prejudica a integridade das licenças criativas e fabrica uma base de fãs que torna a verdadeira maestria uma coisa meio coisa”, e outras palavras saem de suas bocas, e eu fico tipo: “VOCÊ NÃO MANDA EM MIM!”

Semana após semana, tudo bem, ano após ano, eu me sento no sofá e sorrio para a tevê. Depois vejo na internet minhas apresentações favoritas da noite e sorrio para o laptop. Então, eles ganham ou perdem, e eu choro; eles abraçam os pais e eu fico aos prantos; eles são incríveis, e eu morro de emoção. Toda semana.

Tenho orgulho deles.

Eu me sinto inspirada quando vejo pessoas fazendo o que fazem de melhor.

Puxa, a gente nasce para fazer certas coisas, não é? Deus realmente forneceu dons a nossa vida. Todo mundo é bom em alguma coisa.

Alguns ganham a vida com seus dons, outros apenas abençoam o mundo. Estou pensando em várias mulheres que são muito, muito boas como amigas. São amigas tão espetaculares para mim que não é justo. E há outras a quem admiro muito por serem mães excelentes. Duas amigas deram uma festa criativa, divertida e fofa para as filhas, no último fim de semana, e fiquei em êxtase, porque não sou uma mãe do Partido Divertido (eu simplesmente não sou dotada dessa qualidade, mas quando sou testemunha dela, fico tipo: “Meus parabéns!” e “Obrigada por convidar Remy, para que ela possa ter algumas memórias de infância sobre festas divertidas, e talvez o tempo bagunce suas lembranças e ela pense que fui eu que dei algumas delas”).

Não gosto quando as pessoas minimizam seus dons. Há uma diferença entre humildade e insegurança, e a autoanulação não ajuda ninguém. Nós ensinamos nossas crianças observadoras a duvidar e se desculpar e se diminuir. Será que queremos que nossos filhos reflitam sobre suas mães e não façam a menor ideia do que amamos? No que éramos boas? O que acelerava nossos batimentos e deixava nossa mente a mil? Não queremos que eles nos vejam com a mão na massa no que fazemos melhor?

Minha mãe voltou para a faculdade quando tinha quatro filhos, cada um ou no Ensino Médio ou no primeiro ou segundo ciclo do Ensino Fundamental, e sempre foi uma fonte de orgulho para mim. Em seu coração, ela era professora e, para isso, precisava do diploma, então foi atrás do sonho muito antes de ser conveniente ou a hora certa ou fácil. Sim, ela vacilava, e na formatura, usamos vestidos comprados em lojas, mas assistimos aos voos que ela alçou. Nunca nos ocorreu nos contentar com menos.

No que você é boa? Não tem certeza? No que as pessoas costumam dizer que você é boa? Os outros normalmente identificam nossos dons

bem antes de nós. Talvez você tenha potencial para uma carreira. Na maioria dos casos, alguém vai pagá-la para fazer o que ama. Você pode ter um trabalho que odeia, fazendo coisas de que não gosta, e está presa na inércia. Existe uma descrição de emprego onde está escrito seu nome?

Sabia que eu sempre, a vida toda, gostei de escrever, mas nunca ousei imaginar que poderia ser um emprego? Dei aula no primeiro ciclo do Ensino Fundamental, uma das profissões mais nobres, mas eu não era muito boa e me sentia presa. Mais tarde, fiquei em casa com os bebês que eu tinha entre um verão e outro, e, quando o mais novo fez dois anos, eu disse a Brandon: “De acordo com nosso cronograma, eu deveria dar à luz outro recém-nascido neste verão, então vou parir algo diferente.” E escrevi meu primeiro livro. É óbvio que escrever um livro que ninguém pediu, com três crianças menores de cinco anos, é uma escolha de gente doida, mas às vezes você deixa a racionalidade de lado e corre atrás de seus sonhos.

Sabe o que mais? Pensei que o humor fosse uma de minhas qualidades que eu devesse descartar para sempre. Isso, sem dúvida, não tinha lugar na obra de Jesus. Francamente, eu o considerava uma deficiência, como se eu devesse superá-lo e levar as coisas a sério, pelo amor... (que tipo de professor de Bíblia ama Will Ferrell?). Percebi que deveria lidar com coisas importantes e jogar fora o humor, porque sou uma mulher adulta que trabalha para Jesus. Mas adivinhem? Deus criou um pacote inteiro. Tudo conta. Não há qualidades descartáveis. Na verdade, essas qualidades podem colocá-la na direção certa. Nada é desperdiçado: nenhuma característica, preferência, experiência, tragédia, capricho, nada. Tudo isso faz parte de você, e tudo tem um propósito e pode ser usado para um bem maior e glorioso.

Talvez sua melhor coisa não gere um salário, mas é como você brilha e ganha vida e abençoa o mundo. Posso legitimar seus dons? Só

porque você não recebe um contracheque de pagamento não significa que deva recuar, pegar leve ou desistir de tudo. Faça sua coisa. Toque sua nota. Estamos todas observando e aprendendo. Você está tornando o mundo melhor, mais gentil, bonito, sábio, engraçado, rico. Dê a seus dons a mesma atenção que você daria se lhe pagassem por eles. (Ou pagasse bem! Alguns de nós fazemos nosso melhor e mais significativo trabalho por uns trocados. Não tenha vergonha de seu sonho por causa de um salário maior. Não ganhei a vida como escritora por anos. Minha vizinha, ao ouvir que eu era uma autora cristã, disse uma vez: “Nossa! Tem um mercado para isso?!” Eu: “Não faço ideia.”)

Corra atrás de seus sonhos.

Talvez você precise investir em seus dons. Faça um curso. Vá a um congresso. Inscreva-se em um seminário. Abra aquela pequena empresa. Coloque aquele site no ar. Abra espaço. Diga sim a essa coisa. Trabalhe com um mentor. Pare de minimizar aquilo no que você é boa e atire-se nele de cabeça, sem pedir desculpas. Sabe quem vai fazer isso por você? *Ninguém. É você.* Não enterre aquele talento, porque a única coisa que o medo teme é um dom adormecido em uma cova rasa.

Quantas pessoas seguem o velho clichê “Estou esperando Deus abrir uma porta”, e ele está tipo: “Amo você, mas vá nessa, benzinho, porque, em seu coração, perseguir o sonho costuma ter a ver com um trabalho, surpreendentemente. Não fique aí parada, mexa-se.” (Sim, Deus muitas vezes parece falar como um MC.) Você é boa em alguma coisa, por uma razão. Deus fez você dessa forma de propósito. Não é algo falso ou pequeno, nem é por acaso. São a mente, o coração, as mãos e a voz que lhe foram dados, por isso use-os.

Deixe o resto de nós sorrir em aprovação enquanto você corre atrás de seus sonhos. Deixe que nos orgulhemos. Vamos nos inspirar e ser

gratas por Deus ter feito você para arrasar nessa coisa. Hora certa não existe. Esqueça. Raramente isso cai no colo. É provável que o sucesso não seja garantido. Pode ser arriscado. Você — e às vezes até sua família — vai precisar fazer sacrifícios e talvez tenha de cair fora com as pernas trêmulas. Mas vá, porque não fomos criadas para ficar paradas, embora seja seguro e familiar e haja a garantia de que você nunca vai cair ou tropeçar ou se cansar.

Nós fomos feitas para correr.

CORRA.

Eu estou sorrindo para você. Todas nós estamos.

CAPÍTULO 6

Não caia nessa

Acabei de ver um comercial de mousse de cabelo que não só não vai combater a umidade do Texas e me tornar uma modelo de propaganda, mas também vai fazer as pessoas morrerem de rir de minha sagacidade! *Quem imaginou que eu poderia ser tão engraçada?* Parece que meu novo cabelo vai atrair amigas jovens, de boa aparência e multiculturais, e nós correremos pelos campos, rindo até balançar os ombros, enquanto nossos cabelos ondulam e brilham.

Bom trabalho, mousse!

Tenho algumas dicas para os publicitários. Trancados nos escritórios, vocês se esquecem dos consumidores do mundo real, mas estou aqui para remediar isso. Queremos que vocês saibam que nosso cérebro realmente funciona e, além disso, temos uma compreensão decente da língua, incluindo palavras que nem existem.

Sim, algumas de nós estão envelhecendo, eu sei. Está bem. É verdade. Vocês estão de olho. No entanto, quando venderem produtos com palavras inventadas, como *módulos de colágeno* e *esferas de lipossomos*, vocês nos despertam raiva. Quando prometem que

“ceramidas sintéticas idênticas à pele vão visivelmente inverter os danos do tempo”, vocês também se referem ao bronzeador que passei em meu rosto adolescente e à minha recusa em usar chapéus para evitar um bronzeado irregular? Devo acreditar que vocês podem reverter décadas de descuido? *Com suas ceramidas?* Parem. A menos que vocês tenham um DeLorean que viaja no tempo, minhas rugas e manchas de sol vieram para ficar.

Outra coisa. Quanto às celebridades que aparecem nos comerciais: o dia em que Jennifer Lopez cuidar do cabelo com L’Oreal Ever Sleek e Halle Barry pintar os cílios com Maybelline será o dia em que as revistas vão parar de usar modelos de 22 anos de idade em anúncios de produtos anti-idade (a única coisa que vai ajudar essa universitária a lutar contra os males do envelhecimento mais do que nosso creme caro é a JUVENTUDE FÍSICA E BIOLÓGICA dela!) Que baboseira.

Publicitários, sabemos que essas mulheres ricas e famosas têm esteticistas e massagistas permanentemente em suas folhas de pagamento, de modo que não estão indo comprar seus produtos de beleza em lojas de departamento. Sabemos que o cabelo da Sarah Jessica Parker não foi tingido com Tons Naturais nº 60 Castanho-Claro Natural da Garnier Nutrisse®. Preferiríamos que vocês admitissem: “Eva Mendez não usa nosso gloss, mas incluímos uma foto dela em nosso anúncio porque ela pensa em você com carinho enquanto injetam em seus lábios o pigmento do sangue dos bebês de fadas.”

Ouçam, basta nos falar a verdade. Podemos realmente acreditar se vocês disserem: “Este produto não vai nem beneficiar seus pontos energéticos nem transformar seus relacionamentos problemáticos, mas vai principalmente remover as manchas do vaso sanitário. Isso é o melhor que podemos fazer.” Maravilha. Ou, melhor ainda, se você mostrar uma mãe de aparência cansada, com o cabelo sujo e calça

saruel rasgada, esfregando a banheira com uma expressão que faz sentido em vez de uma senhora de cabelo arrumado, vestindo calça capri de linho e sorrindo enquanto vive essa experiência fascinante. Eu nunca na vida fiquei feliz ao esfregar o vaso sanitário. Espero que este recado chegue até vocês.

Por sua vez, criadores de produtos do tipo como-visto-na-tevê, vocês provavelmente poderiam diminuir a derrota completa que os atores sofrem diante de tarefas comuns como usar o controle remoto com os braços debaixo de um cobertor (#classemédiasofre) ou fatiar um tomate. Esses desafios não incapacitam uma geração inteira como suas pesquisas de mercado têm levado a crer. “Cortar legumes do jeito tradicional” não exatamente “leva uma eternidade”, e eu não sei se “eliminar a tarefa mais frustrante da cozinha com o inovador Quebrador de Ovo EZ” aferiu a capacidade do cozinheiro médio de quebrar um ovo sem ter um colapso nervoso. Só estou dizendo que seus anúncios são muito dramáticos e não atendem a necessidades reais.

Talvez o pessoal do como-visto-na-tevê devesse apenas vender para celebridades e nos ignorar, porque elas, sim, têm problemas reais. Pouco tempo atrás, Gwyneth lamentou sua frustração antiquíssima com concierges parisienses: “Quando você vai a Paris e o concierge manda você para algum restaurante porque molharam a mão dele, fico tipo: ‘Não. Aonde eu realmente deveria ir? Onde está aquele bar ótimo com vinhos orgânicos? Onde posso depilar a virilha em Paris?’”¹

Tadinha.

Ei, manas, posso emitir algumas opiniões aqui? A publicidade dirigida às mulheres é um desastre. Por um lado, eles nos bombardeiam com uma mensagem não muito sutil: “Você envelheceu, e essa é a pior coisa que já aconteceu.” De acordo com a indústria da beleza, com os produtos certos (piscadinha), podemos recuperar a

juventude, dar um jeito em nossos corpos patéticos de parideira e enganar a todos! Esqueça que essas imagens são obras de ficção. Elas vendem caricaturas, e até mesmo quando a mente reconhece o engodo, nossa mão pega a carteira. Acreditamos nessa avaliação.

“Você não é bonita o bastante, mas nós podemos dar um jeito.”

Essa mesma indústria acredita que a vida real também é muito difícil para nós, mas eles estão aqui para ajudar. Isso é mais notável no que se refere à indústria alimentícia. Quer dizer, ao que parece, não podemos cozinhar como todas as gerações que nos precederam. Os publicitários sugerem que um bom café da manhã está fora de nosso alcance. Quebrar um ovo? Como conseguiríamos? Não damos conta de lidar com comida de verdade de manhã cedo! Ajude-nos, pessoal do marketing! Dê-nos algo rápido! Ajude-nos a solucionar o difícil enigma do café da manhã com coisas que vocês inventaram em seus escritórios!

Enquanto isso, leva três minutos para fritar um ovo e servi-lo com pão.

Deveríamos parar de escutar essa bobagem. As mulheres alimentam suas famílias com comida boa e de verdade desde a criação. Simplesmente não é verdade que cozinhar está além de nossa capacidade. Para alimentar a máquina, os publicitários usam chavões como *rápido e fácil, descomplicado, pronto em minutos, quente e sirva*. Mas queremos mesmo essas qualidades na mesa? Quando é que cortar cebolas e descascar cenouras tornou-se tão abominável? Não é assim que as mulheres alimentaram suas famílias desde sempre? Com coisas de verdade, que foram extraídas da terra?

Não gosto do retrato que os marqueteiros pintam de nós — mães excessivamente ocupadas, sem tempo ou energia para alimentar bem suas famílias. Não curto quando o ato de cozinhar é retratado como uma imposição insuportável, um aborrecimento que deveria ser

deixado para os profissionais. Eu certamente não gosto das opções deles que consistem de comida absolutamente fictícia (saiba que, na verdade, comida congelada não é uma “alternativa saudável”).

É loucura. Cozinhar não é uma aflição, e não somos mulheres incapazes, que não conseguem quebrar um ovo. Devemos ignorar esses comerciais e lembrar que alimentar as pessoas com comida de verdade sempre foi uma tarefa nobre e boa. Nada relaxa meus ombros mais do que botar uma música do Ben Howard e começar a preparar o jantar. Basta colocar um pouco de cebola e alho no azeite, e seu dia começa a melhorar exponencialmente. Cozinhar, de fato, não é nem um pouco difícil. É o mecanismo simples que nutriu todas as gerações na história.

As mensagens que nos dizem que não somos bonitas, jovens, magras ou desejáveis o suficiente são um lixo. Qualquer um que sugere sermos incapazes de cuidar de nossas famílias está mentindo. Se você acredita na personagem que o marketing criou — indefesa, estressada demais, oprimida, incompetente (sem os produtos deles) —, estou aqui para dizer o contrário. Você não é idiota ou uma donzela em perigo. Você é inteligente e capaz, e envelhecer não é uma tragédia. Não acredite neles. Mesmo que algumas observações sejam descritivas, elas não precisam ser prescritivas.

Você não é um desastre total! Bem, não mais do que qualquer uma de nós. Você pode fazer coisas difíceis (algumas “coisas difíceis” são, na verdade, “coisas fáceis” rebatizadas como impossíveis). Você é mais do que a rentabilidade de alguma empresa e não precisa dos truques deles para viver uma vida significativa e bela. Podemos recuperar nosso mérito, sem sermos joguetes nas mãos deles.

Mas, por via das dúvidas, tenho mechas grisalhas de 2,5 centímetros, queridas leitoras, então vou sair para pintar o cabelo com

uma tintura que trará resultados impressionantes e de outro mundo, porque Cameron Diaz usa exatamente a mesma marca.

Não apenas você pode fazer coisas difíceis, como também pode preparar comida francesa que parece chique! Dou-lhes uma receita absolutamente infalível (adaptada de Ina Garten):



Boeuf Bourguignon

Serve de seis a oito porções

Ingredientes

1 colher (sopa) de azeite

225 g de bacon picado

1,3 kg de acém cortado em cubos de 2,5 cm

Sal kosher

Pimenta-do-reino recém-moída

450 g de cenoura, cortada diagonalmente em pedaços de 2,5 cm

2 cebolas amarelas

2 colheres (chá) de alho picado

1 garrafa de vinho tinto seco. Se você não usa bebida alcoólica, use o vinho sem álcool. Outra opção é usar suco de uva (para dar a cor escura) mais vinagre normal (por causa da acidez)

2 colheres (sopa) de caldo de carne

1 colher (sopa) de extrato de tomate

1 colher (sopa) de tomilho fresco (ou, se for seco, ½ colher de chá)

4 colheres (sopa) de manteiga sem sal em temperatura ambiente

3 colheres (sopa) de farinha de trigo

450 g de cogumelos frescos, picados de forma grosseira

Para servir, você vai precisar de:

Pão caseiro ou italiano, tostado ou grelhado, temperado com um dente de alho

½ xícara de salsinha fresca picada

Primeiramente, não entre em pânico ao ler a lista de ingredientes. Dê uma olhada: manteiga e farinha e tal. Você tem quase tudo isso na cozinha. Não se deixe enganar pelo nome pomposo: isso é basicamente um ensopado. Um prato único, manas. Então pegue uma panela grossa de ferro, porque você está prestes a fazer uma mágica.

Em fogo baixo, esquente o azeite na panela. Acrescente o bacon (baaaaacooooon!) e cozinhe em temperatura média por cerca de dez minutos, mexendo um pouco até dourar. Com uma escumadeira, coloque-o em uma travessa (mas deixe aquela gordurinha do baaaaacooooon na panela, pelo amor da suculência).

Seque os cubos de carne com um papel toalha e tempere com uma pitada de sal e pimenta-do-reino. Na panela, ajeite alguns cubos em uma camada única e sele-os no azeite-quente-barra-gordura-do-bacon (de três a cinco minutos). Reserve a carne na mesma travessa do bacon e continue até dourar todos os cubos. (Não pule essa etapa! Claro, isso acrescenta alguns minutos à receita, mas vai transformar aquele corte de carne barato em uma estrela, mais tarde. Pare de se apressar. O que mais você tem para fazer? Descobrir a cura do câncer?)

À toda aquela gordura e molho, acrescente a cenoura, a cebola, uma colher (sopa) de sal e duas colheres (chá) de pimenta. Cozinhe por dez a quinze minutos, mexendo de vez em quando. Adicione o alho e cozinhe por mais um minuto (nesse ponto, o cheiro fica incrível). Devolva a carne e o bacon à panela. Adicione a garrafa de vinho (vocês leram certo... a garrafa inteira) e caldo de carne suficiente para cobrir a carne. Adicione o extrato de tomate e o tomilho. Deixe ferver, tampe a panela e cozinhe por cerca de duas horas, até poder espetar a carne e os legumes com um garfo.

Ore para alguém bater à sua porta a fim de testemunhar o cheiro delicioso que paira sobre a casa.

De volta ao fogão, misture com um garfo duas colheres (sopa) de manteiga e a farinha. Despeje sobre o ensopado (a mistura serve para engrossar e acrescentar cremosidade). Refogue os cogumelos com as outras duas colheres (sopa) de manteiga, até dourar e adicione-os ao ensopado. Deixe ferver, abaixe o fogo e cozinhe por quinze minutos. Tempere a gosto.

Para servir, torra fatias grossas de pão e esfregue nelas um dente de alho cortado. O alho derrete no pão quente como mágica. Para cada porção, sirva o ensopado em uma fatia de pão e polvilhe a salsinha. Você também pode servir com purê de batata ou macarrão com ovos ou com nada, porque é uma delícia, mas, independentemente do que fizer, molhe o pão no ensopado.

Sirva em tigelas rasas, e escolha uma bebida para acompanhar.

Esse prato é um sucesso, você não imagina. Não tem como errar. Se for receber, prepare-o um dia antes e esquente para servir, porque no primeiro dia, essa receita é divina, mas no segundo, você ouve os anjos cantarem e vê a face do Senhor.

CAPÍTULO 7

Diga a verdade

Algumas semanas atrás, eu estava em um avião. Especificamente, eu estava preocupada em um avião. Nosso programinha na HGTV ia estreiar em breve, e eu enfrentava uma crise interna por uma miríade de razões: *Nossa família vai ser muito exposta. Será que devíamos ter aceitado essa reestruturação? Será que minhas leitoras vão achar excessivo? Será que vamos representar bem a Deus? Será que isso vai fazer de mim o próximo alvo da mídia? Tem problema viver em uma casa tão bonita depois de escrever? Será que fizemos a escolha certa? Como as pessoas vão reagir?*

Meu cérebro tinha algumas ideias. Ele sugeriu que eu agisse com segurança e autoconfiança ao falar do programa em público. Meu cérebro me disse para criar mensagens cuidadosas e manter por perto os cartões de resposta. *Fique de boa na lagoa!*, disse ele. *Não deixe ninguém saber que você tem receios, pelo amor de Deus. Não forneça munição para a internet usar contra você. Não há espaço aqui para dilemas pessoais; se você está tendo uma crise quanto à identidade que expõe ao público, pode parar. É tarde demais para essa bobagem.*

Olhei pela janela, escrevendo comunicados de imprensa na cabeça para formulá-los bem, quando me veio um pensamento claro e imediato.

Basta dizer a verdade.

Era tão certo e simples, lágrimas escorreram pelo rosto. *Basta dizer a verdade, Jen. Se você se preocupa com deturpar a mensagem ao reformulá-la, basta dizê-lo. Se você teme que as pessoas se decepcionem com o programa, admita. Se tem medo de que pessoas novas não gostem de você e a critiquem, coloque isso para fora. Se em boa parte você está certa de que tomou a decisão correta, mas tem algumas dúvidas, é só falar. Não há problema em ter sentimentos humanos, mesmo que um monte de gente a esteja observando.*

Não sou de exagerar (sou muito exagerada), mas antes de o voo pousar, este tinha se tornado meu novo lema para a vida: *Basta dizer a verdade.* Qualquer que seja a pergunta, apenas diga a verdade. Se você não sabe a resposta, admita suas angústias. Se não concorda com a conversa, não aja como se concordasse. Pare de tentar se autopreservar; é uma missão infrutífera.

Manas, vocês imaginam um mundo onde se pode ser livre o bastante para dizer a verdade? Deixando as coisas difíceis serem difíceis e as coisas confusas serem confusas? Se resistirmos ao instinto de sustentar as coisas, de polir e ajeitar e organizar os pedaços sob a iluminação correta, ficaremos livres. Todas nós poderíamos soltar o ar preso.

O melhor que ofereço ao mundo é a verdade — meu maior dom. O que o mundo faz com isso não depende de mim. Não sou responsável por resultados, opiniões, avaliações. Não trabalho com controle de crises. Quando eu apresentar uma versão fabricada de mim mesma — o eu que sabe tudo, está sempre certo, anda com passos fortes —,

todas perderemos, porque não posso sustentar essa mentira, e nem você.

A verdade é: às vezes a vida é complicada. Sabe quantas vezes tomo decisões que parecem certas, mas, então, algumas lascas estranhas permanecem e eu sigo em frente mesmo assim? Sabe quantas questões teológicas tenho de deixar na gaveta do “eu simplesmente não vou entender até encontrar o Senhor face a face”? Eu desejo muito viver bem, mas volta e meia receio que algumas de minhas categorias estejam em desordem total. Às vezes não tenho certeza. Às vezes tenho dúvidas. Às vezes mudo de ideia. Às vezes sou muito mais humana do que as pessoas costumam aceitar.

Todas nós somos. Essa é a ironia da situação. Por que achamos que os outros vivem vidas despreocupadas e autoconfiantes, enquanto caminhamos inseguras no meio da bagunça? A dúvida é universal; leia a Bíblia. A vida é atormentada pelo pesar, pela confusão, pela incerteza e por fracassos colossais. Veja o que há sob a superfície e encontrará a humanidade em todos nós.

Se pudéssemos acreditar que estamos profundamente conectados nos lugares frágeis, poderíamos desistir dos joguinhos. Quando você diz a verdade sobre si mesma, eu já não escondo a minha de você. Você se torna segura para mim. Então, adivinhem? Agora você também recebe minha verdade. Sou atraída por você. Sua vulnerabilidade abre caminho para a minha. Quando você admite a verdade, está me dizendo: “Senhor juiz, não vou desprezá-la nem abandoná-la.” Ironicamente, isso me dá a coragem de ter medo, a força para ser fraca.

O que a impede de dizer a verdade? Meus palpites são: a vergonha e o medo, esses dois demônios. A porcaria da ironia é que muitas vezes eles nos atormentam com uma reação imaginada. As pessoas *podem* ficar bravas. Elas *podem* ser críticas. Elas *podem* falar mal de

mim. Elas *podem* não entender. Nós inventamos o pior cenário de todos, e ele nos silencia.

A verdade é que a maioria das pessoas respeita a vulnerabilidade e se atém a ela com mãos ternas, especialmente aqueles que nos amam e assinam embaixo de nossas histórias fielmente. Temos muito medo, mas dizer a verdade conduz à vida. Como Brene Brown disse em *Daring Greatly* (largue este livro imediatamente e compre o dela):

Ser ousado não é muito sobre ganhar ou perder. Trata-se de coragem. Em um mundo onde a escassez e a vergonha dominam e sentir medo tornou-se uma segunda natureza, a vulnerabilidade é subversiva. Desconfortável. É até um pouco perigosa, às vezes [...] Mas nada é tão desconfortável, perigoso e prejudicial quanto acreditar que estou olhando minha vida de fora e me perguntando como seria se eu tivesse a coragem de me mostrar e me permitir ser vista.¹

E mesmo que alguém seja desagradável, reconheça as pessoas seguras que defendem sua história. Elas merecem ocupar um lugar de confiança para ouvir sua verdade. E quanto aos outros? Como Scott Stratten, autor de *Un Marketing* diz: “Não tente conquistar os inimigos; você não é um encantador de idiotas.”² (Vou usar e abusar dessa frase!)

Isso nos leva para o outro lado, minhas queridas: receber a verdade de outra pessoa. Alguma vez no passado foi tão assustador correr o risco de ser vulnerável quanto hoje? A internet é aterrorizante. Cristãos, especificamente, podem ser espantosos. Já vi pessoas boas se expressarem com palavras verdadeiras e duras e serem detonadas. Cada vez que isso acontece, as pessoas recuam mais, porque quem quer esse tipo de humilhação? Brown tem mais a dizer:

Nós julgamos as pessoas em áreas onde estamos suscetíveis à vergonha, especialmente pegando no pé de quem está se saindo pior do que nós. Se me sinto bem com meu desempenho como mãe, não tenho nenhum interesse em julgar as escolhas das outras pessoas. Se me sinto bem com meu corpo, não fico tirando sarro da aparência ou do peso das outras pessoas. Somos duros uns com os outros, porque usamos uns aos outros como plataforma de lançamento para as próprias deficiências, pelas quais nos envergonhamos.³

Posso sugerir um ponto de partida como receptores da verdade? Não há problema em ter dúvidas. Além disso, tudo bem não corrigir o problema/resolvê-lo/respondê-lo/desacreditá-lo. Outro fiel pode ficar tenso, dizer algo verdadeiro que deixa as pessoas desconfortáveis, e Deus não vai cair do trono. Não é nossa responsabilidade arrumar todas as bagunças. Se alguém pisa no assustador terreno da verdade, basta reconhecer sua coragem e fazer a seguinte promessa: *Estou aqui como sua amiga, não sua Salvadora*. Não somos bons uns para os outros como Deus é conosco; somos seres humanos melhores ao lado uns dos outros.

Falar a verdade em voz alta já é uma cura em si e de si. Quando as pessoas corajosamente expressam uma verdade dura e difícil, já se livraram de parte de seu poder escuro antes de lançar uma única palavra para corrigi-lo. A teologia comprova isso. Sobre Jesus, as Escrituras dizem: “Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens. A luz brilha nas trevas, e as trevas não a derrotaram” (João 1:4-5).

Vida e luz são maiores que a escuridão.

Tirar alguma coisa difícil de seu esconderijo escuro e levá-la à luz é uma forma inata de cura. Quando testemunhamos esse ato de

bravura, devemos recebê-lo com gratidão, sabendo que o trabalho pesado já está feito.

É bom lembrar em comunidade, e ainda melhor reforçar individualmente que a luz supera a escuridão. Ao esconder um dilema obscuro, você garante o poder a ele se estiver envolto em mistério. Enterrado, ele está livre para impedi-la, crescer em sua imaginação e truncar seu futuro. Ele pode refreá-la, destruir relacionamentos e quebrar seu espírito. Pode causar estragos em sua autenticidade, como o interior contradiz o exterior dia após dia, mês após mês. Os segredos são selvagens e livres no escuro.

Mas quando você arrasta aquela verdade, aos gritos e chutes, até a luz gloriosa, pode vê-la pelo que é. Não era tão ameaçadora quanto fingia ser. Não é tão incomum como alegava. Ela é até triste e patética, sentada lá sob a luz, murchando e perdendo o poder sobre você. Você a proferiu em voz alta e ninguém caiu morto, então, ela ainda a assusta?

Em seguida, pessoas de bem jogam luz sobre ela, emitindo verdade, amor, compaixão e compreensão; veja-a murchar ainda mais. Com cada *Estou aqui e Já passei por isso e Você não está sozinha e Deus tem o controle disso*, sua verdade assustadora se torna menos aterrorizante, menos esmagadora, menos paralisante. Torna-se totalmente exposta, sem segredos a ameaçar você. Você é 2Coríntios 4, porque embora a escuridão a tenha pressionado, não a esmagou. Talvez a tenha colocado para baixo, mas olhe para si mesma: você não foi destruída. Você vê isso sob a luz. Você ainda está de pé. Se você ainda está respirando, ainda há esperança.

Que resgate! Jesus ilumina a verdade na escuridão, e você está a salvo. “Pois Deus que disse: ‘Das trevas resplandeça a luz’, ele mesmo brilhou em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo” (2Coríntios 4:6). Na agenda de privilégios

como um dos escolhidos de Deus, certamente nosso *status* de vencedor é um dos primeiros. Pois maior é aquele que está em nós do que aquele que está no mundo. Essa frase não é só poética; é a verdade do Evangelho.

A escuridão não supera a luz, e a luz é nossa.

Diga a verdade, porque ela nos liberta. Essa primeira peça do dominó desencadeia uma reação de libertação. Se dissermos a verdade nas pequenas coisas, já teremos praticado a honestidade quando as coisas ficarem ruins. Isso cria uma comunidade sincera, da qual a terra tem fome. Em um mundo cheio do falso, do artificial, do fingimento e do superficial, temos o sustento para nutrir nosso coração faminto.

Prometo ser gentil ao ouvir sua verdade, e você já demonstrou ternura para com a minha. Ao testemunharmos essa bela comunidade, não estamos apenas diante da vulnerabilidade, mas, sim, vendo barreiras se quebrarem, a escuridão se afastar, a vitória ascender. Estamos vendo a luz ganhar, verdade por verdade, e quando muitos locais claros forem criados, a escuridão não terá onde se esconder.

Apareça. Mostre-se. Diga a verdade. Seja livre.

CAPÍTULO 8

Notas de agradecimento (parte 1)

Jimmy Fallon é a melhor coisa que aconteceu na programação noturna da televisão desde o Netflix. Ele não tem vergonha de ser estranho; e se eu pudesse, cortaria uma mecha do cabelo dele. Meu quadro favorito é “Notas de Agradecimento”, no qual ele expressa gratidão sarcástica a diversas coisas. Se a imitação é a forma mais sincera de lisonja, o que farei provavelmente se aproxima do plágio. Ofereço notas de agradecimento espalhadas ao longo deste livro como tirinhas cômicas de alívio, escritas com a ajuda de minhas amigas hilárias do Facebook.



Obrigada, cinta modeladora. Por causa de você, meu corpo pós-filhos pode se moldar como gelatina em uma pequena silhueta esbelta e sexy... Por algumas horas, pelo menos. Sua capacidade de levantar e esconder me deixa sem fôlego, literalmente! Que você possa continuar

a fazer a obra de Deus e ser a dona do pneuzinho que salta da calça. OBRIGADA, SARA BLAKELY! Atenciosamente, Todas as Mulheres.

Obrigada, Horário de Verão, por fazer as pessoas deliberarem sobre a maravilha de se ter uma hora extra de sono, apenas para servir como um lembrete especialmente deprimente para os pais de que as crianças não se preocupam com a economia de energia elétrica e as horas extras de luz do dia. Amo ver meus filhos ao pé de minha cama às quatro e meia da manhã como Crianças do Milharal, assustadoras e bem-acordadas. A hora do cochilo também fica comprometida; ainda tem isso. Com todo o respeito, só que não, Uma Mãe Cansada.

Obrigada, Sinais de Advertência Óbvios. Sem vocês, eu poderia ter enfiado meu filho na máquina de lavar roupa, acendido um fósforo perto de uma saída de gás aberta, usado o secador de cabelo durante o sono, ou, Deus me livre, não ter percebido que as caixas de ovos podem conter — ouça bem — ovos. Não tenho a menor ideia de como seria minha vida sem vocês (ontem mesmo quase ingeri o conteúdo de uma lâmpada, mas a etiqueta fez outro rápido salvamento. *Tadinha* de mim).

Obrigada, Filtros do Instagram, por terem me ajudado a criar muitas obras de ficção fotográfica que me fazem parecer mais jovem, bronzeada e magra do que realmente sou. A iluminação natural pode ser minha inimiga, mas o filtro Lo-Fi é meu BFF. Beijo, me liga.

Obrigada, Luz do Dia e Espelho Retrovisor, por trazerem à luz os pelos longos e retorcidos do queixo que não vi durante minha sessão matinal de depilação. Vocês também expuseram as sobrancelhas como uma tragédia absoluta. Tenho pelos faciais não detectados suficientes para me qualificar como um lobisomem, por isso, obrigada pelo toque. (Desculpe, Carro do Lado no Semáforo, não tem outro jeito.)

Obrigada, Lojas de Varejo, por disponibilizarem as decorações de Natal em outubro. Meus filhos já se transformaram em capitalistas

desenfreados. Agora, todo comercial é uma desculpa para eles gritarem: “Eu quero de Natal!”, por três meses. Que delícia. Atenciosamente, Mãe Tentando Ensinar aos Filhos Sobre o Menino Jesus, Mas se Esforçando para Competir com o Cobertor com Manga da Disney.

Obrigada, Amazon Prime, em primeiro lugar, por existir. Em segundo lugar, por me permitir usar o “frete grátis” como justificativa para comprar todos os livros e só ver quanto economizei. Em terceiro lugar, por me permitir comprar cueca, molho de peixe, papel higiênico e pastas com bolso interno sem sair do sofá. E por entregar esses itens em quatro caixas diferentes, nenhuma de tamanho adequado para o item que contém. Você faz esta anticonsumidora preguiçosa muito feliz. Namore comigo, AP.

Obrigada, Maxi Vestidos, por me ajudar a parecer arrumada, como se eu realmente tivesse me esforçado, mas fazendo com que me sinta como se estivesse de camisola em público. Vocês são basicamente calças de ioga sem costura entre as pernas, e eu os saúdo.

Obrigada, App de Calendário Menstrual, pelos avisos de pegar leve com a esposa afetada três dias por mês. Você também ajuda o marido a aprender a não dizer: “Você está de TPM?”, porque isso é uma passagem só de ida para se encontrar com o lado escuro da Força. Atenciosamente, Esposa de um Marido.

Obrigada, Criança de Quatro Anos, por manter minha vaidade em cheque com lembretes constantes sobre minha “pancinha” e “pele velha”. Essas trágicas condições são culpa sua, mas agradeço por seus poderes aguçados de observação. Não posso sair andando por aí como Gisele Bündchen quando tenho coisas importantes a fazer, como preparar uma refeição para você odiar. Atenciosamente, Sua Mãe Velha e Gorda.

Obrigada, Netflix, pelos quinze segundos entre os episódios para decidir se vou fazer alguma coisa com minha vida hoje. A resposta é, inevitavelmente, não, mas ninguém pode dizer que você não me deu opção.

Obrigada, Quatro da Tarde, por ser a hora do dia que me deixa totalmente confusa: pós-dever de casa e antes do jantar. Já estou exausta e bastante irritada. As crianças estão perdendo a sempre tão adorável compostura, e o marido ainda está escondido no escritório com todas as faculdades mentais intactas e não vai responder minhas mensagens de socorro, pedindo para *se apressar e voltar para casa ou a vida das crianças está em suas mãos*. Eu faço um café? Ou sirvo um copo de suco? Para sempre sua, Sobrevivente da Hora das Dúvidas.

Obrigada, Café. Por tudo. Você torna a vida possível. Não quero que leve a mal, mas você é minha alma gêmea. Bom trabalho.

Obrigada, Creche da Academia, por me dar a oportunidade de assistir à tevê, tomar banho sozinha e beber um *smoothie* enquanto leio uma revista. Ah! E malhar também; mas vamos ser sinceras, essa não é a principal razão por que vou lá. (E teve uma vez que conferi minha prole, depois dei uma escapadinha para comer sushi ali do lado. Deixe para lá. VOCÊ NÃO CONHECE MINHA VIDA.)

Obrigada, senhorita Poderia-trazer-essa-calça-no-tamanho-38?, por encontrar o provador adjacente ao meu, não importa quando ou onde vou experimentar roupas. Você me mantém humilde. Agradeço, também, por ouvir que a camisa do meu tamanho “engole” você. E, sim, todas nós sabemos quanto frio você está sentindo, sem qualquer insulto natural. Coma um sanduíche.

Todas as pessoas que moram em sua casa

CAPÍTULO 9

Esperança para famílias apimentadas

Embora seja uma generalização, eu classifico a maioria das famílias como “doce” ou “apimentada”. Há prós e contras em ambas, com toneladas de sobreposições no diagrama de Venn, mas está valendo. Em geral, uma família tende a se encaixar em uma ou na outra.

Uma chance para adivinhar em qual das duas os Hatmaker se encaixam.

Somos pessoas apimentadas. Amamos humor negro e sarcasmo e somos muito, muito barulhentos. Sofremos de sentimentos enormes, o que nos torna uma família apaixonada, passional. Nossa configuração padrão permanente são pontos de exclamação!! Nós realmente não fazemos o tipo “delicado”. Nem sabemos o que isso significa.

Então, sempre que estou perto de uma família doce, entro em crise. Vai aumentando, até que o comentário de uma das filhas para a outra — “Irmã? Você gostaria de ficar com o último biscoito do pacote? Fique você, já que fez todas as minhas tarefas como uma surpresa para meu mês de aniversário...” — surge como divisor de águas. Brandon me conhece, e várias vezes tentou resistir ao redemoinho:

EU: Por que a gente não é assim? Precisamos de um novo sistema para as pessoas serem mais educadas nesta casa. Estamos criando crianças selvagens! Por que nenhum de nossos filhos sabe tricotar? Precisamos parar de aumentar o volume da voz PELO RESTO DE NOSSAS VIDAS ou estaremos condenados. Nossos filhos provavelmente vão matar alguém um dia. Eles estão no mau caminho, que leva à cadeia ou à violência de rua!

BRANDON: Violência de rua aqui no subúrbio?

EU: PODE HAVER VIOLÊNCIA NESTAS RUAS — estamos nos aproximando do fim dos tempos! Precisamos descobrir um jeito de sermos mais educados! Nossos filhos não sabem cantar nenhum hino! Como podemos começar a venerar a família espontaneamente? OQMOF? (O Que Michelle Obama Faria?) Vamos jogar a toalha e pronto.

Nada me faz diagnosticar minha família como “catastrófica” mais rápido do que o comportamento de outra família — um terrível jogo de comparações que nem ao menos é justo, pois não sei qual é a atmosfera entre eles fora daquela hora na qual convivemos. Talvez, no dia seguinte, essa querida irmã que recusou o biscoito dê um chute certo na outra por tê-la chamado de songamonga. Nós não sabemos. É fácil reduzir a outra família a um protótipo para compará-la com nossa família não domesticada. O resultado é o desespero e, depois, a certeza de que nossos filhos estão arruinados.

Há alguma preocupação como a das mães e dos pais? Somos responsáveis por uma vida humana inteira. É isso. Essa é a única infância deles, que levará a uma única idade adulta. Eles absorvem todas as horas vividas na casa, emulando o que viram; que DEUS NOS AJUDE. Toda mãe que eu conheço se preocupa por achar que não está se saindo bem, falhando de inúmeras formas, visíveis e invisíveis.

Nossas falhas familiares parecem tão notórias; omissões, falhas e erros que constituem um desastre completo.

Ouvi recentemente: “Se você está preocupado por ser um pai ou mãe ruim, é porque você provavelmente é bom ou boa nisso.”

Eu queria tanto acreditar nisso. O problema é comigo? Sou uma boa mãe? Porque sinto que estou cuspiendo para cima para ver se cai na testa. Então, algo aconteceu. Saí da minha mente, onde vivem os loucos, e assisti a mim mesma falando com meus filhos. Às vezes eu era tão legal! Eu disse coisas doces e preciosas aqui e ali! Eram tantos *Eu amo você* e *Você é tão inteligente* e *Huummm* atentos e *Que legal* e *Bom trabalho* amarrando tudo. Via a mim mesma sendo uma boa mãe e percebi que sou minha pior crítica e, às vezes, até uma mentirosa, me convencendo de que nada de bom está acontecendo e é tudo culpa minha — ou talvez de Brandon, e as crianças são horríveis e somos um desastre.

Eu deveria me ignorar mais vezes.

Por que exageramos nossas falhas e ignoramos os sucessos? Eu nunca supervalorizaria as baixas de outra mãe e negligenciaria seus triunfos, então, por que faria isso comigo mesma? Por que qualquer uma de nós faria isso? Nós observamos os pontos fortes das outras mães com visão perfeita, enquanto nossos pontos fortes estão desfocados. Declaro sua bondade com tanta facilidade quanto afirmo minha infelicidade; elas são inversamente proporcionais. Estou condicionada a minimizar sua humanidade e exagerar a minha.

Se você é uma mamãe doce que imagina que as mamães apimentadas se divertem mais (não é verdade: a maior parte do tempo estamos separando brigas) ou uma mamãe apimentada que presume que as mamães doces vivem a parte da ternura (não é verdade: a maior parte do tempo elas estão, hum, não sei, nunca vivi em uma

família doce), se você estiver preocupada, com receio de ser uma mãe ruim, é porque você provavelmente é boa.

Algumas das coisas boas são óbvias, as coisas que logo notamos nos outros — as palavras de amor, a atenção infinita, o contato visual, os elogios. Lemos para nossos filhos e os enchemos de beijos ao colocá-los para dormir e usamos uma linguagem afirmativa e vamos a todos os jogos/recitais/torneios/programas. Fazemos tranças nos cabelos e damos nós nas gravatas; colocamos curativos e fingimos que seus desenhos são bonitos. Fazemos tudo isso, e é bom, e conta.

Outras das coisas boas são menos óbvias, as paradas que acontecem em toda casa — os pedidos de desculpa, a resolução de conflitos, o amor exigente, as fronteiras, as pazes, as lições duras. Estamos moldando o caráter a partir de fracassos, tanto o de nossos filhos quanto o nosso. Todo pai ou mãe erra. Toda criança fica enfurecida. Toda família sai dos trilhos. Isso não significa que estamos arruinados, mas que somos comuns. Corrigir o curso é o padrão. Esses momentos muitas vezes são ruins porque começaram mal, mas, na verdade, são bons, e também contam.

O que quero destacar é: você está fazendo um trabalho melhor do que pensa. Às vezes a autocrítica aprimora as melhores práticas, mas também pode mentir, e provavelmente já mentiu. Você pode precisar ignorar sua mente e observar a si mesma por um tempo para detectar não apenas os momentos duros, mas também os agradáveis, pois garanto que existem. Se você diz a uma amiga que está tendo um dia de cão como mãe (“Está tudo bem! Seus filhos sabem que você os ama. Todo mundo perde a calma às vezes. Ser mãe é difícil. Amanhã é um novo dia...”), então você deve estender essa compaixão a si mesma.

Ouçá, ser mãe não é fazer crochê enquanto canta hinos o tempo todo. Se esse é nosso padrão e qualquer desvio induz um sentimento

de culpa, estamos condenadas. Nem todo momento é inestimável. Nem toda conversa com as crianças ajuda a construir a autoestima. Às vezes as crianças só precisam entrar no chuveiro e parar de enrolar. Não há vergonha nisso. A maternidade tem muitas lascas. Claro, às vezes agimos “como mães intencionalmente” (aspas em honra de minha mãe, que diz que ela e suas amigas nos criaram, mas que as pessoas de minha geração “são apenas pais ou mães”), mas também administramos, disciplinamos, intervimos, mandamos, implementamos e, até mesmo, por vezes, apenas sobrevivemos. Usamos muitos rótulos, e nem todos incluem os sentimentos preciosos. Não vivemos em um especial que passa na televisão no horário nobre; estamos conduzindo lares.

A condenação é um truque do Diabo, não a linguagem dos céus. A vergonha não é um instrumento de Deus, por isso, se nos tornamos escravas dela, entramos em terreno desconhecido. E é duro ali; debilitante. Se seu monólogo interior é crítico, infinitamente degradante, é hora de voltar para a graça. Assim, podemos respirar e avaliar nosso desempenho como mãe com a mesma bondade que estendemos às outras. Só nossa geração, excessivamente crítica e encucada, poderia engendrar ambientes preparados com tanto cuidado para a infância e ainda admitir nossos fracassos. Somos mães amorosas e capazes fazendo uma leitura toda errada.

Posso contar qual meu objetivo para meus filhos? Que a infância deles seja principalmente boa. Pessoal, acho “principalmente boa” um grande sucesso. Se, na maior parte do tempo, sou paciente, e eles, obedientes, ótimo. Se, na maior parte do tempo, somos carinhosas, e eles acabam se tornando pessoas bem ajustadas, maravilha. Cada infância precisa de uma porção de coisas sem graça, chatas, insuportáveis e tediosas. Minha nossa, a vida não é um desenho

animado. Os filhos precisam ter *alguma coisa* para poder reclamar um dia.

“Principalmente boa” é mais tarde lembrada como “amada e segura”. Hoje rotulo minha infância como “mágica”, embora minha mãe tenha me dado um tapa no rosto quando eu estava no sétimo ano, nunca tenha comprado um jeans da Guess e tenha me esquecido sem querer na igreja várias vezes. “Principalmente boa” é suficiente. “Principalmente boa” gera crianças saudáveis, que sabem que são valorizadas e esquecem as outras partes, ou as transformam em histórias engraçadas.

Você está fazendo um trabalho maravilhoso. Ser mãe é tediosamente difícil. Ninguém é uma mãe perfeita, e todas vamos cometer mil erros, mas, de alguma forma, contra todas as probabilidades, isso vai bastar.

E se sair da mente para se observar ou plantar os pés no caminho da graça não funcionar, venha à minha casa uma tarde; garanto que você se sentirá melhor quanto sua família, considerando, como você talvez recorde, que mandei meu filho, então no quinto ano, depois de ter tocado o terror, pegar uma pá, ir até o quintal e cavar a própria cova.

CAPÍTULO 10

Sobrevivendo à escola

Há pouco tempo, terminei a maratona chamada Preparando Cinco Crianças para a Volta às Aulas e agora preciso de terapia. Gastei cerca de 400 milhões de dólares, fui a uma dezena de lojas e quase me tornei uma assassina em série por conta de pastas com bolso interno. As crianças têm sapatos de ginástica, sapatos para o dia a dia, roupas novas, mochilas novas, lancheiras e material escolar para dar e vender. Fomos à reunião de volta às aulas, à orientação, à retirada dos horários de aula e ao acampamento dos calouros. Preenchi formulários de personalidade, documentos de seguros, formulários de voluntariado, fichas de registro e contratos dos pais. Fizemos cortes de cabelo, exames oftalmológicos, passamos por uma bateria de vacinas, demos uma recauchutada nas bicicletas, tivemos conversas estimulantes e colapsos. A geladeira e a despensa foram abastecidas. As contas foram atualizadas. Os sermões foram dados. No primeiro dia de aula, as crianças foram fotografadas em casa e com os professores, porque a humilhação é parte importante da infância.

Vou levar um ano inteiro para me recuperar de modo a poder encarar isso tudo de novo.

Eu nasci em 1974, querida leitora. Posso contar o que me lembro da volta às aulas? Vejamos, uma calça de veludo nova, um corte caseiro na franja (desastroso) e alguns “deixe comigo” da babá. Íamos à escola de ônibus no primeiro dia de aula e não lembro como encontrávamos a sala, porque nenhuma mãe estava no *campus* (elas já estavam na aeróbica). Levávamos um caderno, um lápis e um sanduíche de mortadela na lancheira do ano anterior. Fim.

Além disso, sabe quantas vezes minha mãe se ofereceu para ir à minha sala de aula? Nenhuma. Não me lembro de ter visto nenhuma mãe na escola. Minha mãe não tinha de fazer comigo a lição de casa, e nossos projetos para as feiras de ciências ficavam um lixo, porque os fazíamos nós mesmos, como estudantes pré-adolescentes desleixados cujos pais não estavam prestes a parar de ver a novela para determinar que tipo de solo é melhor para o crescimento das plantas. Não houve na escola desfiles, feiras do livro ou festivais de outono organizados pelos pais, porque nossos pais trabalhavam — e não havia ninguém com tempo para um desenho de areia.

Foi uma época totalmente diferente. Pais e professores estavam no comando, e as crianças não eram pequenos imperadores. Se minha professora me chamava porque eu estava agindo como louca, meus pais acreditavam nela (*que absurdo, não é?*) e se asseguravam de que eu pensasse duas vezes antes de abrir minha boca espertinha de novo. Observação: professores, desejo que os pais compreendam que o precioso filho deles provavelmente não é uma vítima inocente de seus “problemas com os pais e distúrbios de irritabilidade”. E, mãe, sua filha foi para o castigo por uma razão legítima. Paulinha precisa fazer a lição de casa e parar de ficar de brincadeira. As lágrimas dela são falsas. Paulinha devia fazer teatro.

Antigamente, o mundo não girava em torno de nós, e quando nos dávamos mal na escola arcávamos com as consequências. Não se esperava que os professores polvilhassem todos os preciosos geniozinhos com pó mágico de fada todo dia, e não se esperava que os pais repetissem todos os seus anos de estudo com uma avalanche diária de lição de casa (estive no terceiro ano seis vezes, e para mim já d-e-u).

Hoje, fazer as crianças passarem pela fase da escola é como obter um título de doutor. Não tenho ideia de como mães e pais com empregos tradicionais dão conta. Como os professores que também são pais fazem? Eu trabalho em casa, com um horário flexível, mas se chegasse às seis da tarde e ainda encarasse a lição de casa (esqueça o jantar inteiro, tempo de qualidade e rotina de dormir), eu estaria em posição fetal me balançando em um canto.

Em minha opinião, precisamos deixar isso de lado. Mães, eu mal consigo falar do que o Google tem feito por nós aqui. Entre lancheiras com sanduíches cortados em forma de golfinho pulando em um mar de couve e borrifar o pé dos filhos com óleo essencial de limão para aliviar suas preocupações, eu nem consigo... Dei essas “ferramentas caseiras de aprendizagem centradas nas crianças” a meus filhos em vez de videogames, mas aí de mim se eles comessem a “identificar os próprios erros, se autoavaliar, realizar tarefas por conta própria e instigar aulas de matemática de maneira espontânea.” A dra. Montessori não duraria quatro minutos com meus filhos.

Talvez sejamos refinadas demais, criando pequenos narcisistas que não podem fazer nada sem os pés borrifados. Tudo é tão cheio de cuidados que às vezes acho que tenho vontade de morrer.

É possível que o universo gire demais em torno dos filhos? Acho que sim. Qualquer criança que espera que cada figura e sistema de autoridade estejam voltados para sua felicidade vai ter de encarar

consequências chocantes. Sabe para que serve a escola? Para aprender. Sabe o que mais? Às vezes as crianças têm um professor durão ou ficam em uma turma de que não gostam ou recebem um prazo inflexível, embora estivessem “esgotadas na noite anterior”. Não devemos amortecer cada golpe. A vida é assim. Aprender a lidar com as adversidades e desenvolver a responsabilidade é crucial. Um bom pai prepara a criança para o caminho, não o caminho para a criança. Ainda podemos ser mães e pais gentis e que sabem educar sem criar crianças que derretem em um dia quente.

Como os professores podem ensinar se os pais demandam exceções e reclamam cada vez que o filho enfrenta um percalço? Às vezes nós nos envolvemos e fazemos o papel de advogados, outras vezes nossos filhos mandam mal e precisam tomar jeito. Deixe-os sentir a dor do castigo, de um zero, da perda de um privilégio, de um tempo esgotado. Deixe que os fracassos os ensinem. Caso contrário, neutralizamos a autoridade do professor e privamos nossos filhos da responsabilidade.

E os professores? Adorariíamos ser apenas mães em casa. Certamente reconheço as exigências descabidas colocadas em suas costas (já fui professora), mas nas poucas horas do dia que temos com os filhos, não queremos ser tutoras, fiscais de lição de casa, gerentes de projeto e conselheiras psicológicas. Queremos ser mães. Os filhos passam muitas horas na escola, o que é suficiente para uma criança. É quase um trabalho de tempo integral. Eles não devem aguentar mais duas horas de lição de casa, ainda mais tarefas que são basicamente para os pais fazerem (não vou nem começar).

Não podemos pegar leve um pouco? Deixe os professores ensinarem, os pais e mães serem pais e mães, e as crianças aprenderem. Nossos filhos vão ficar bem, assim como nós ficamos. Eles vão achar o caminho, assim como nós achamos. Eles não

precisam ter todas as vantagens nem cada desconforto amaciado com travesseiros. Aposto que eles nem mesmo precisam de sanduíches de caviar. Eu sou um produto da bolonhesa, do suco em pó vermelho e do permanente, e cresci de boa.

Será que protegemos nossos filhos do mal? Claro. Nós intervimos contra a injustiça? Evidente. Nós os educamos e amamos? É óbvio. Mas também devemos deixá-los fracassar, cambalear, perseverar, vencer. Não devemos projetar toda a nossa vida em torno do entretenimento e do sucesso fabricado deles. Se nossos filhos esperam apenas bênçãos e permissões, serão terríveis quando crescerem. Não são os adultos que queremos criar, nem os geniozinhos intocáveis com os quais queremos que nossos filhos se casem. Ah, meu Deus, não podemos ser sogras de pessoas assim. Se os adultos esperarem sanduíches de caviar de seus cônjuges, chefes, igrejas, amigos e filhos, vai ser tudo um desastre.

Pode ser útil desempacotar as motivações profundas por trás de nossa tendência a superproteger os filhos. Suspeito que o medo seja o culpado. Será que nossos filhos serão deixados para trás? Será que vão ter o que todo mundo tem? Será que vão se sobressair (e, por tabela, será que nós vamos)? Será que vão se machucar? E se eles forem apenas... *medianos*? Duvidamos dos resultados da saúde e da maturidade, as ferramentas básicas que sempre produziram jovens incríveis: trabalho duro, fracasso, simplicidade, gratidão, limite e disciplina. Esquecemos que o “não” é uma resposta aceitável para nossos filhos em um mundo de sins desenfreados.

Subestimamos a capacidade deles de resistência, e receio que consideramos que o “sucesso” seja um produto da diligência dos pais mais do que da criança. Isso fornece sucesso de curto prazo, mas os coloca no caminho do fracasso no longo prazo. Uma criança preparada para trabalhar duro, cumprir com as obrigações, assumir os

erros e valorizar os estudos provavelmente vai mais longe do que a criança que tinha todas as vantagens e cada golpe amortecido. Conseguimos identificar as mentiras que o medo nos conta e ter a coragem de nadar contra a corrente como pais e mães?

Então, acho que começa agora, certo? Crianças, façam seu almoço, lavem a roupa, providenciem vocês mesmas a segunda via da identidade depois de terem-na esquecido no ônibus. Escrevam um pedido de desculpas à professora por terem ficado perambulando pela sala de aula, mesmo que seu pai e eu tenhamos morrido de rir. Querem mais roupas do que compramos? Guardem a mesada. Conversem com a professora se quiserem que ela aumente a nota. Larguem o telefone depois de terem falado demais. Aguentem assistir àquela aula. Trabalhem duro para merecer aquela nota. Esforcem-se mais da próxima vez. Aprendam com os tombos. Coloquem o prato na pia, pelo amor da Bombril®.

Para eles, é melhor aprender essas lições agora, enquanto as consequências são pequenas, do que mais tarde, quando serão catastróficas. Não estamos apenas criando meninos e meninas; estamos moldando futuras mães e pais; profissionais e discípulos. É um trabalho nobre e importante, de enormes resultados. Queremos que nossos futuros genros e noras nos agradeçam, não exijam aconselhamento matrimonial para os problemas de codependência com a mãe de seus cônjuges (Senhor, mantenha meu nome fora do consultório do terapeuta).

Então, talvez devêssemos diminuir as canaletas da pista de boliche e ver o que acontece. Aposto que nossos pequenos são mais resistentes do que pensamos. Talvez não precisem de todos os aparelhos e vantagens. Talvez as crianças cresçam como todos os seres humanos: por meio da luta, do fracasso e da perseverança. Talvez elas tenham recursos que não conhecíamos e não precisem ser mimadas como

plantas de estufa que não conseguem se adaptar a novos ambientes.
Aposto que as crianças vão nos surpreender.

E se tudo virar um caos? Eu, em pessoa, envio-lhe um suprimento vitalício de sanduíches de caviar.

CAPÍTULO 11

Queridas crianças

Hoje é apenas uma terça-feira qualquer, por isso, este dia é tão bom quanto qualquer outro para lhes contar todos os meus sonhos para sua vida. Não quero esperar a festa de formatura, os jantares de noivado ou algum grande momento, quando as palavras importantes serão perdidas em meio à agitação. Boa parte do que vou dizer não pode esperar até que vocês estejam crescidos, porque é importante agora. Além disso, vocês estão dormindo, então, estou sentindo muita ternura por vocês, porque vocês estão 1) em segurança e confortáveis na cama e 2) em silêncio (amo muito vocês, mas esta família fala demais).

Vocês são apenas crianças, de modo que não têm noção do quanto o papai e eu pensamos em vocês. Nós só parecemos ser mandões, tenho certeza. Um dia vocês vão entender. Quando forem mães e pais, vão ver. Nós abriríamos mão de qualquer um de nossos sonhos para tornar os seus sonhos realidade, mas isso é difícil para vocês entenderem; na maior parte do tempo, nós parecemos estraga-prazeres

irritantes, agora. Vocês vão ser loucos, surtados por seus filhos um dia, e vão entender.

Vocês, juntos, abrangem desde o quarto ano do Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio, de modo que este é nosso último ano sob o mesmo teto — os Anos da Família. Eu nem acredito. Os anos da infância são tudo o que vocês conhecem, mas seu pai e eu sabemos como eles são especiais, quais são seus limites, quanto tempo vocês falarão sobre eles. Vamos nos lembrar desses Anos da Família de forma semelhante, só que a partir do outro lado. Sabemos que são fugazes, porque já passamos por eles, quando tínhamos sua idade. Os Anos da Família passam rápido, mas são importantes a vida toda.

Com Gavin partindo em breve, e depois o restante de vocês a cada dois anos, nossos dias de influência estão diminuindo. Acho que quero colocar a caneta no papel aqui, me certificar de que vocês saibam exatamente o que esperamos para vocês e de vocês. Pode não ser o que pensam. Ah, claro, nós reclamamos das notas esses anos todos, mas o quadro de honra não é realmente nossa principal aspiração. Temos outros sonhos além de criar crianças certinhas (não que vocês já tenham sido).

Bondade. Isso nos leva bem para frente. Papai e eu vivemos mais ou menos metade de nossa vida e já conhecemos todo tipo de gente. Os que se destacam em nossa memória são as pessoas boas. Queremos tanto que vocês sejam bondosos com as pessoas... Empatia é a chave para uma vida de coração pleno. Eu oro pela bondade de vocês mais do que pelo sucesso, porque sucesso sem bondade é uma tragédia. Deus mede toda a nossa existência a partir de apenas duas coisas: como o amamos e como amamos as pessoas. Se vocês entenderem isso, não importa se entenderem errado um milhão de outras coisas.

E adivinhem! Vocês têm o melhor lugar para praticar agora: a escola. Não me lembro de anos mais inseguros e difíceis do que os do

Ensino Fundamental e Médio. Vocês estão uma zona por dentro, mas para algumas crianças é pior, porque elas são muito, muito diferentes — e a adolescência não é um lugar seguro para o diferente. Alguns de seus colegas mal saem pela porta a cada dia. Você os vê. Eles são xingados, ridicularizados ou completamente ignorados, como se nem mesmo importassem. Eles fingem não se importar ou ouvir, mas você sabe que eles se importam. Essa época vai doer por muito tempo.

Em primeiro lugar, espero que vocês os vejam. É mais difícil do que parece; vocês têm de aprender a ver pessoas feridas, porque elas descobrem como ser invisíveis. A bondade precisa de destinatários. O mundo inteiro está cheio de crianças e adolescentes solitários, esquecidos, humilhados e tristes, e vê-los é o primeiro passo. Porque eles são tão preciosos como vocês. Se vocês aprenderem isso durante os Anos da Família, isso vai mudar suas vidas, porque vocês vão desenvolver olhos para a dor, e foi exatamente assim que Jesus viveu na terra. Se o radar para a misericórdia de vocês for forte agora, Deus poderá fazer qualquer coisa com vocês mais tarde.

Meu sonho é que vejam as crianças que sofrem e façam o trabalho simples e corajoso da bondade. Não é nada complicado. É algo como: *Você quer se sentar com a gente?* Ou *Gostei muito da sua roupa.* Ou *E aí, cara?* Ou *O que você está lendo?* Talvez não pareça muito, mas, se for a única palavra amável que elas ouvirem durante todo o dia, pode literalmente lhes dar força para ir em frente.

Às vezes, a bondade requer uma coragem mais séria, porque a molecada que sofre é alvo fácil, e os covardes tanto intimidam quanto olham para o outro lado. Espero que vocês se coloquem entre os agressores e as vítimas, recusando-se a assistir em silêncio enquanto um garoto acaba com outro. Espero que vocês digam NÃO. Espero que digam PARE COM ISSO. Espero que consolem as crianças que sofrem, acolham-nas em seus círculos de amigos, protejam-nas, valorizem-nas.

Tragam-nas para casa, para nossa mesa, e vamos amá-las juntos. O menor fio de esperança é suficiente para impedir que um garoto solitário se afogue. Vocês se surpreenderiam se soubessem quão poderosa é a bondade. Não estou sendo dramática: vocês podem salvar corações e vidas com graça. Façam esse trabalho do bem agora e irão fazê-lo por toda a vida.

Meu próximo sonho para vocês é a coragem de ser exatamente quem são. Papai e eu achamos que vocês são cinco pessoas deslumbrantes. Nós os amamos e admiramos. Nenhum de vocês é igual ao outro, e não mudaríamos nada. Nadinha. Nós amamos o humor, os caprichos, a paixão e o fervor de vocês, e é claro que Deus os projetou exatamente assim. Estamos satisfeitiíssimos com vocês, e é um prazer sermos pais de filhos tão interessantes. É sério. Somos loucos por vocês.

Estamos nos quarenta, por isso já aprendemos as vantagens de ser fiéis a nós mesmos, mas vocês são jovens, quando “ser você mesmo” é um conceito escorregadio. É tão tentador ceder, seguir, fingir. Eu sei. Eu lembro. Sempre odiei grandes multidões e festas barulhentas, mas fingia gostar. Queria que gostassem de mim mais do que queria ser genuína. Eu gostaria de poder voltar atrás e dizer a mim mesma que isso não importava, que meus amigos de verdade gostavam do meu verdadeiro eu e eram os únicos que iriam ficar.

Em sua idade, é preciso coragem para seguir a própria música. É por isso que poucas crianças tentam. A popularidade é um objetivo terrível, porque é preciso se perder para encontrá-la. Se vocês sacrificassem uma parte preciosa de si mesmos, seria uma calamidade. Em nenhum momento, em nenhuma situação, entre nenhum amigo, vocês devem ser algo diferente de quem são. Nunca há a necessidade de agir de forma menos estranha ou mais entusiasmada ou mais ansiosa ou remotamente mesquinha para agradar alguém. Quando

quiserem dizer não, digam não. Quando quiserem dizer sim, digam sim, mesmo que ninguém mais o faça. Papai e eu apoiamos vocês.

Gavin, você é tão engraçado. Você ama o humor como eu; ouvir *podcasts* de *stand-up comedy* com você é minha coisa favorita. Seja esse cara. Não diminua sua personalidade; você foi feito dessa forma e nunca vamos nos cansar dela. Você é muito divertido. Sydney, você parece uma vovó bibliotecária que ama o mundo, a reciclagem e a produção local de alimentos. Você é alegria. Se você perdesse uma única dessas qualidades, eu morreria. Somos loucos por você. Caleb, você é um garoto elegante e hilário, muito sentimental e dono de sonhos claros. Você sabe o que ama e não suporta injustiça, e o papai me flagra o tempo todo olhando para você com olhos de mãe apaixonada. Ben, você é uma das crianças mais amáveis e brilhantes da terra. Você trabalha duro e ama muito; superou tanta coisa para ainda permanecer tão terno. Que encanto você é. Nem acredito que tive a chance de ser sua mãe. Remy, você é uma estrela radiante. Você é tão fiel e preciosa, tão amorosa e engraçada... Menina, ninguém ama tanto números, calendários e datas como você. Não queremos que nada em você seja diferente. Você é nosso tesouro.

Se vocês aprenderem a ser verdadeiros na infância, poderão pular o momento de “desfazer” que muitos enfrentam, mais tarde. Vocês não terão de se reinventar, reimaginar ou redescobrir quem são aos vinte, quando tomarão as decisões mais importantes da vida (uma época terrível para ter uma crise de identidade). É preciso coragem para viver com sinceridade, mas façam o trabalho duro agora, e não mais tarde, quando é mais difícil. Algumas pessoas nunca fazem isso e vivem sem entusiasmo.

Sejam vocês, porque são maravilhosos.

Finalmente, vamos falar de Deus. Vocês são filhos de um pastor. Sinto muito. Nós tentamos não colocar muitos “deve” ou “não deve”

irracionais em vocês, mas tenho certeza de que o fizemos (vocês podem resolver isso na terapia, um dia). É estranho para vocês pensarem no papai e em mim como pessoas reais, mas somos. Nós nos tornamos pais aos 23 e 25 anos; mal tínhamos idade para votar. Sei que não entendemos direito nem metade dessa coisa de ser pai e mãe, mas, por mais imperfeitos que sejam nossos modos, esperamos dar-lhes Deus.

Ele é a única coisa de que tenho certeza. Não faço ideia de quais serão suas carreiras (algo que os ajude a se mudar de casa) ou com quem vão se casar (por favor, escolham cônjuges divertidos e engraçados). Não sei onde vocês vão morar (Austin!) ou quantos filhos terão (netinhos!), mas se amarem Jesus, não temo por vocês. Muito antes de serem nossos, vocês eram de Deus. Não posso imaginar os planos que ele tem para vocês, mas estou certa de que são espetaculares, porque ele o é e vocês também.

Amem a Deus e sigam-no. Nada mais importa; é sério. Se vocês não tiverem certeza do que fazer, lembrem-se de que Jesus amava as pessoas. Ele foi o melhor no que fazia. Vocês podem confiar nele, porque a qualquer lugar que ele lhes pedir para ir, ele já esteve. Não é um caminho fácil, meus amores. Jesus foi a lugares difíceis e fez coisas difíceis; ele amava as pessoas que todo mundo odiava ou desprezava. Mas, se vocês confiam em nós, acreditem: essa é a vida que vocês querem, a vida de Jesus.

Enquanto as pessoas podem falhar com vocês — e elas vão —, Jesus é sempre fiel. Quando as circunstâncias forem infelizes — e elas serão —, Jesus vai segurar vocês firmemente. Ele é o Salvador confiável e seguro, e vocês nunca estarão sozinhos. Isso me conforta tanto, porque, como pais imperfeitos, que falharam muitas vezes, morremos de medo de mandar vocês para o mundo sabendo que não fizemos o suficiente. Mas Jesus é suficiente para todos nós. É suficiente

para vocês. Ninguém é mais seguro. Ninguém os ama mais. Ninguém vai guiá-los melhor.

Então, estes são meus sonhos para vocês:

Sejam bondosos.

Sejam vocês mesmos.

Amem a Jesus.

É basicamente isso. Todo o resto vai se encaixar. Se forem bondosos e adoradores genuínos de Jesus, vocês vão se casar bem, ser bons pais, viver bem, amar bem. Estamos muito animados para ver. Acreditamos em vocês. Deus nos deu cinco filhos notáveis, e esses anos em que estamos criando vocês são uma alegria e um presente e um prazer em minha vida.

A temporada de lançamentos começa no próximo ano, e eu mal consigo falar disso. Passou tão rápido. As pessoas me disseram que seria assim, e eu não acreditei, mas aqui estamos, na reta final; a linha de chegada está perto. Os Anos da Família estão acabando, e isso literalmente tira meu fôlego (papai diz que vocês estão só crescendo, não morrendo, mas vou choramingar o quanto quiser). Vocês são toda a alegria de meu coração, e se eu pudesse escrever minha história perfeita a partir do zero, seria exatamente nossa vida. Vocês são meus tesouros na terra — tão amados. Quando eu tiver 89 anos, vou relembrar os Anos da Família e dizer: “Foi tão legal.”

Sejam bondosos, sejam vocês mesmos e amem a Jesus. Papai e eu estamos torcendo por vocês, meus queridos.

CAPÍTULO 12

Casamento: divirta-se e tal

Brandon e eu estamos casados há vinte anos. É chocante, porque eu pareço muito jovem (por favor, entre na brincadeira), mas a explicação para essa confusão é que me casei aos 19 anos. Isto é, uma *adolescente* que não pôde nem beber no próprio casamento. Tenho um filho de 16 anos, e se em três anos ele anunciar um noivado, eu iria trancá-lo no sótão e contar à noiva que ele fugiu para a Croácia a fim de se encontrar e que sentimos muito por esses acontecimentos lamentáveis, mas que ela *deve seguir a vida*. Ridículo.

No entanto, depois de resistir aos primeiros anos de pobreza e ajuda governamental, os anos confusos dos bebês/crianças pequenas/em idade pré-escolar, os anos insanos do “quero ser escritora e não, isso não paga bem”, e, agora, os anos do “um no primeiro ciclo do fundamental dois no segundo ciclo do fundamental dois no ensino médio”, nós conseguimos. Temos cinco filhos. Passei mais tempo casada do que solteira. Dou uns amassos no mesmo homem desde que a AT&T lançou o primeiro “telefone com vídeo” por 1.499,00 dólares (apenas quatro anos depois, tive meu primeiro

endereço de e-mail e zombei, “Ah, claro. Como se as pessoas fossem ter computadores em casa para ‘mandar e-mails’ umas às outras. Nós não somos milionários! E aí, você vai escrever um recado para mim? E mandar para meu ‘endereço de e-mail’? Que idiota.” Ninguém nunca me acusou de ser visionária).

Vinte anos depois, aprendi algumas coisas. Principalmente da maneira mais difícil. Claro, eu planejava ser uma “querida esposa do rebanho”, mas, por acaso, tenho uma personalidade impetuosa e me esqueci de ser boazinha. Além disso, eu me casei com um homem com opiniões fortes sobre cada coisinha no universo inteiro, passado e presente. *Gentil* não é um adjetivo muito usado com a gente. Aprendemos nossas lições nas trincheiras do compromisso. Depois da Ressurreição, o fato de dois tornarem-se um talvez seja o maior milagre de todos os tempos.

Vou compartilhar nossas percepções duramente conquistadas no caso de você ser uma “querida esposa do rebanho” que não precisa aprender tudo da maneira mais difícil; que Deus abençoe seu querido e amado coração.

1. Vocês não são bons nas mesmas coisas, e isso é ótimo.

Brandon e eu dizemos que, juntos, somos uma pessoa inteira. No ritmo do casamento, descubra suas notas e toque-as bem. Essa é sua parte da canção. Pare de ficar irritada porque seu marido toca mal suas notas. Elas são suas. Ele tem as dele. Claro, há sobreposições, mas você não se casou com seu clone. Fique feliz por vocês dois, juntos, formarem uma pessoa inteira. Brandon vai continuar a comprar presentes atenciosos, sentimentais e certos para mim, e eu vou continuar a ter boas intenções. Vou me preocupar muito em fornecer refeições caseiras com produtos orgânicos e de fontes

responsáveis, e Brandon vai continuar a levar as crianças ao McDonald's quando eu estiver viajando. Seja boa em sua metade e deixe seu marido ser bom na dele.

2. Sou a favor da sinceridade, mas deixar pra lá tem seu lugar.

Pode ser chocante, mas vocês não vão gostar das mesmas coisas. Quer dizer, claro, talvez *you* se importe muito com o motor V-8 307, com 200 cavalos de potência daquele Chevelle 1971 sobre o qual seu marido quer falar, mas tenho de ligar o cérebro no modo de Audição Interessada enquanto minha mente pensa no bebê de William e Kate. Da mesma forma, Brandon diz que meus dançarinos favoritos do *YouThink You Can Dance* são “extremamente talentosos”. *Tadinho*, nem imagino o que possa interessá-lo menos, mas lá está ele, distribuindo elogios. (Ele apenas gosta de como eu fico quando assisto a uma dança romântica, mas nem pense em convidá-lo para uma festa.) Preocupar-se com o que seu cônjuge se preocupa é uma coisa muito, muito importante. Às vezes, o diagrama de Venn se encaixa de maneira perfeita, e vocês dois realmente amam ver um torneio de basquete; às vezes você entra no modo de Audição Interessada e ignora, porque você pode não amar o esporte, mas ama seu marido.

3. Sou a favor de deixar pra lá, mas ser honesto tem seu lugar.

Atender com educação aos interesses de seu marido é uma coisa, mas recusar a honestidade quando é crucial é outra. Estou emocionalmente protegida, e cada sentimento de Brandon está sempre à vista. Eu internalizo, e ele exterioriza. Alguns anos atrás, alimentei ressentimentos em silêncio, mas eles vieram à tona do jeito errado, como sempre acontece com essas coisas. Aquele ano inteiro foi

marcado por silêncios gélidos, interações frias e monólogos interiores prejudiciais. Se isso não soar como “problemas matrimoniais de verdade”, pelo menos era catastrófico para nossa relação. Estávamos no carro quando Brandon enfim rompeu o silêncio, dizendo: “Não tenho ideia do que está errado, mas isto não pode continuar. Não posso viver assim.” Eu estava travando uma batalha de cuja existência ele não sabia, e isso é espetacularmente injusto. Meu ressentimento construiu um muro de pedra, mas expressá-lo começou a ruir o que nos esperava. Quando ignoradas, mágoa, raiva e amargura podem destruir até mesmo o melhor dos casamentos. Encare com honestidade cada lugar feio, cada ponto sensível, porque a verdade dói por um minuto, mas o silêncio é mortal.

4. Encontre os melhores amigos.

Não me importo com quantos casais vocês tenham de sair; continue tentando até encontrar um no qual $2 + 2 = 4$, ou ainda melhor, $2 + 2 + 2 = 6$ (essa equação poderia ser ainda maior, mas temo que a matemática seria entediante). Fizemos nossa primeira viagem de casal dez anos atrás, e eu disse a Brandon: “Querido, amo você, e viajar juntos é incrível. Mas não tão incrível quanto com nossos amigos. Sem ofensas.” Relações conjugais são muito vitais, eu literalmente não imagino nossa vida adulta sem elas. Não me refiro à interação social entre adultos educados ligeiramente coagidos; quero dizer amigos que nos visitam de pijama e zombam abertamente de você na sua cara. Os que enviam mensagens de grupo com vídeos mudos e criam um monte de piadas internas e lembranças. Grupos nos quais as meninas podem estar com as meninas ou os rapazes podem estar com os rapazes ou vocês todos podem ir a Cancun comemorar aniversários de casamento. Essas amizades nos mantêm saudáveis, aterrados e

conectados como nada mais o faz. Conforme os sábios filósofos do White Lion declararam: “Você é tudo de que preciso.” E eu acrescentaria: “Além de nossos amigos. Sem ofensas.”

5. Pegue leve.

Uma vez, Brandon e eu estávamos jogando Palavras Cruzadas com os amigos, e ele me deixou tão irritada, que eu joguei cada pecinha no chão como uma louca. Destruí todo o jogo (estou morrendo de rir enquanto digito. Que doida. Para ser justa, uma de nossas maiores brigas foi quando eu disse a Brandon para “virar à direita depois da torre”, isto é, “a única curva disponível do lado esquerdo ‘logo após a torre’ para a qual aponte à esquerda com o braço desde que passamos por um campo de trigo à direita”, e depois de perder a entrada ele ficou tão bravo comigo por ter dito “direita” em vez de “esquerda” que não nos falamos por um dia inteiro.) Jovens casais, escutem meu conselho: vão em frente e peguem leve. Não esperem uma curva à direita aqui e o surto à esquerda ali a fim de descobrir isso. Vale a pena brigar por poucas questões. Casamento não é lugar para ser excessivamente sensível. Não podemos implicar com cada coisinha. Aprendam a segurar o comentário mordaz, a reação magoada, a réplica irritada. Línguas casadas podem ser trituradas com a quantidade de palavras feias que mordem de volta. As coisas não podem sempre tomar grandes proporções, porque quando as coisas grandes realmente acontecerem, já estaremos muito desgastados para lidar com elas. Quem realmente se importa se ele sempre deixa as portas do armário abertas? Certo, tudo bem. Eu me importo. Que seja, cara.

6. Seja legal.

Devemos tratar nosso marido, no mínimo, tão bem quanto tratamos o guarda de trânsito. Se eu não retruco com minhas amigas, provavelmente não deveria reservar meu pior comportamento para o homem com quem durmo. Vinte anos depois, eu me surpreendo ao ver quão longe vão as gentilezas básicas. Já passamos dos gestos teatrais e das torrentes emocionais; hoje estamos bem estabelecidos entre “Tome, fiz um café para você” e “Você está bonita hoje”. Nos primeiros cinco anos de casamento, a magia envolvia sexo dramático de reconciliação. Sabe o que é sexy aos vinte anos de relação? Ser legal. Fazer elogios depois de todo esse tempo. Agradecer. Pedir desculpas. Já superei esse lance de drama; seja legal comigo qualquer dia. Tratar seu marido como um bom amigo vai preservar o casamento para sempre. Basta agir como alguém com quem você gostaria de viver em vez de uma amiga difícil ou uma rival.

7. Fiquem juntos espiritualmente.

Isso não é exato, porque somos indivíduos ligados em uma unidade, mas percorram o caminho espiritual juntos. Nada é mais solitário do que um parceiro quilômetros atrás do outro. Façam perguntas juntos, discutam o que estão aprendendo, lutem juntos, façam os mesmos cursos, realizem os mesmos estudos, recusem-se a deixar o outro na poeira. Servir juntos revolucionou nosso casamento. Se alguém estiver à frente, priorizem a paciência e a resistência à lamentação. Deus não é um empecilho entre os cônjuges; se vocês não estão andando lado a lado, creio que Deus vai esperar por vocês. Apertem o pause. Não dê profundidade espiritual à igreja ou aos amigos e deixe as sobras para seu marido. Cresçam juntos, aprendam juntos, busquem juntos, sirvam juntos. É a parte mais eterna de sua união; tratem-na com o máximo de cuidado.

8. Pare de tentar mudar o outro.

Ouçam, jovens casais, quero poupar-lhes algum sofrimento: seu cônjuge é quem ele é. Seu temperamento e suas tendências estão basicamente definidos. Se ele é um planejador inveterado, pare de forçá-lo a ser espontâneo. Se ele é um cara divertido, desista de querer que seja um engenheiro quadrado. Em boa medida, você vai ter as coisas com as quais se casou; e, quanto mais cedo você aceitar o homem com quem subiu no altar, melhor. Não perca energia tentando mudá-lo. Isso vai deixá-la amarga e, de qualquer forma, não vai funcionar. Ouça: cada pessoa tem um lado negativo, inclusive você. A grama não é mais verde em nenhum lugar. Todo casamento inclui dois seres humanos pecadores e irritantes. A graça é nossa única esperança. Aceite-o — as melhores partes, as partes medianas e as partes ruins (você também as tem). Quando um parceiro claramente não gosta de *quem você é*, é tão destrutivo. Se você estiver tentando mudar a forma como seu marido foi projetado, tire as cordas de ambos os pescoços. Liberte-o, e você poderá se lembrar de como gosta do resto dele.

9. Divirta-se.

Às vezes você precisa rebolar um pouco quando toca uma música agitada. Às vezes todo marido deveria ser atingido pela bala de canhão impulsiva da esposa. Eu digo que o casal que se une para envergonhar os filhos tem 100% de chance de dar certo. Brandon e eu participamos regularmente de programas da escola e rimos das crianças (não nos repreenda. As crianças do Ensino Fundamental são impressionantemente estranhas. Incluindo as nossas). Rir juntos é o melhor que o casamento oferece, em minha opinião. A diversão é tão subestimada... É uma cola poderosa. Ela nos ajuda a gostar um do

outro, e não apenas amar um ao outro. A vida vai propor um monte de dificuldades; não precisamos fabricar momentos adultos. Eles aparecerão aos montes. Vamos injetar no casamento bobagens e risos; jogos de tabuleiro divertidos e filmes bobos; movimentos de dança ridículos no casamento de um primo. Troque um olhar com seu marido do outro lado da sala enquanto ele conta uma história engraçada e deixe que sua expressão diga: *Eu gosto de você, cara. Você está arrasando ao contar essa história.*

10. Faça muito sexo.

Isso é uma coisa realmente, sinceramente, importante. Seja do jeito dos manos (fazer amor *para* se sentir amado) ou do jeito das minas (fazer amor *porque* se sente amada), ao final de doze minutos, ambos estarão felizes (jovens casais, aquelas tardes sensuais de domingo estão condenadas. Se hoje Brandon quisesse fazer sexo por três horas, eu me mudaria para o Canadá. Isso não me parece uma maravilha, mas um chamado a visitar a UTI. Fique de boa, cara). O sexo é mágico. Ele nos une e nos mantém unidos. Não posso dissertar sobre toda a potencial bagagem sexual aqui, mas vou dizer isto: vale a pena lutar por qualquer coisa que valha a pena, e uma delas é o sexo saudável no casamento. O sexo pode ser muito mais do que uma concessão. Se seu marido sabe que você o ama e o deseja, você o empodera em todas as outras áreas. Esse é um quesito no qual ele é vulnerável, e seu desejo no quarto é mais do que amor; é poderoso. Se você não tem ideia de por onde começar, se os problemas conjugais estão sufocando e você não consegue discernir os próximos passos, comece com sexo e testemunhe os milagres que podem acontecer.



Casamento é loucura, mas é uma loucura boa. Os dois precisam baixar a bola e lutar pelo amor, regularmente. Não há acostamento; é praticamente ficar com pé no acelerador o tempo todo. Algumas partes ficam mais fáceis, e outras, mais difíceis. Casamento é lindo e às vezes nem tanto, e muitos de nós vamos lutar para interromper a desintegração e criar algo mais forte do que havia antes — com cicatrizes, é claro.

Milhares de vezes durante uma vida construída em conjunto, você chega a um momento e escolhe: eu escolho sua felicidade, sua saúde, seu bem-estar. Escolho edificá-lo em vez de despi-lo. Escolho você em vez do outro falsamente lindo que promete algo melhor. Escolho o perdão, porque, senão, estaremos mortos. Escolho acreditar em você. Escolho a vida que construímos, os filhos que criamos, o legado que estamos deixando. Escolho Deus em você e em mim, tornando-nos mais parecidos com seu Filho, escrevendo uma bela história com nossa vida juntos. Escolho você e escolheria de novo. Como Jane Eyre disse a respeito de seu sr. Rochester: “Sei o que é viver inteiramente para e com o que mais amo na terra. Eu me sinto extremamente abençoada — mais abençoada do que as palavras podem expressar; porque sou a vida de meu marido tão plenamente quanto ele é a minha.”¹

CAPÍTULO 13

Crianças de Jesus

Boa leitora, eu era exatamente a garota do grupo de jovens da igreja que você pensa que eu era. Camisetas cristãs e coro de jovens com um lado hipócrita. Dói admitir, mas minha turma me elegeu como a aluna “Mais Inspiradora” no último ano. Eu era muito divertida, pobrezinha.

Cresci imersa na cultura cristã típica: forte ênfase na moralidade, bastante dogmática, linear e autoritária. Uma vez que minha experiência foi tão homogênea e minhas habilidades incluíam Seguir as Regras, encontrei muito sucesso dentro do paradigma. Minhas interpretações eram raramente desafiadas pela diversidade, pelo sofrimento ou pela disparidade. Como acertar no alvo era ter bom comportamento (nós o chamávamos de “santidade”), tirei nota dez.

Mas, conforme entrei na idade adulta, minha forte fundação sofreu algumas avarias. Notei que pouquíssimos de meus compatriotas da igreja se mantiveram nela após o Ensino Médio, sendo que todos eram “fervorosos” poucos anos antes. Como escolhi uma pequena universidade batista, o clima de grupo jovem foi preservado no

ambiente universitário, e me senti confusa e um pouco traída pelo êxodo em massa de meus amigos. Minha tensão espiritual foi adiada, e eu só entendi essa migração muito depois.

É aqui onde a coisa fica real para nós, manas: essa migração é a tendência. A Ranier Research descobriu que quase três quartos dos jovens norte-americanos deixam a igreja entre os 18 e 22 anos, enquanto o Barna Group estima que até os 29 anos, 80% da população religiosa vai se “desligar” da cultura da igreja.¹

Oitenta por cento vão embora.

São nossos filhos.

Uma recente pesquisa nos Estados Unidos sobre identificação religiosa observou que aqueles que se consideram “sem religião” (os Sem) constituíram o único grupo que cresceu em todos os estados. De acordo com Drew Dyck, no *Christianity Today*: “um percentual gritante de 22% dos jovens entre 18 e 29 anos alegou não ter religião, bem mais do que os 11% a se declarar assim em 1990. O estudo também descobriu que 73% dos Sem veio de lares religiosos; 66% foi descrito pelo estudo como ‘desconvertido’.”²

O mecanismo não tem tido sucesso em mantê-los. Na melhor das hipóteses, a religião está deixando os jovens desinteressados, e, na pior das hipóteses, hostis. Deve estar falhando em capturar a lealdade deles, porque os números não mentem. Uma rápida investigação revela objeções comuns à igreja:

- A ênfase na moralidade e o histórico de votação sobre questões como justiça e transformação.
- A postura “eu e os meus” contra “você e os seus”.
- Uma postura defensiva, que trata como adversários aqueles sem religião ou que se afastaram da igreja.
- Uma oposição à ciência.

- O consumismo.
- A hostilidade do grupo em relação à comunidade gay.
- Arrogância em vez de humildade.

Nossos filhos de sete anos podem não viver essa tensão ainda, mas seu momento seminal está logo ali na esquina. É melhor encarar essa tendência dominante do que presumir que nossas crianças estarão no grupo (cada vez menor) dos 20% que estão satisfeitos. O que podemos fazer? Como podemos criar nossos filhos para continuar a amar Jesus depois que pararmos de levá-los à escola dominical?

A má notícia é que não há uma fórmula, nenhum programa de dez passos que garanta o sucesso. As crianças são pessoas autônomas; é uma clara desvantagem dos filhos. Os pais de filhos pequenos acham que ainda controlam os resultados, mas as mães dos maiores sabem que não é assim. Os filhos são seres humanos reais, com coração, mente, ideias e lista de pecados para lidar. Não há nenhum segredo em sua humanidade.

Podemos construir bons marcadores, mas não traçar seus cursos.

Deixe-me fazer uma pausa para amortecer o botão do medo que eu talvez tenha acabado de pressionar. A última coisa que quero é aterrorizar minhas amadas leitoras, mas não podemos tentar resolver aquilo que não reconhecemos (eu preferiria lidar com essas estatísticas preocupantes agora a sofrer o choque e a consternação depois, horrorizada com as lutas espirituais de nossos filhos). À medida que avançamos nessa discussão, lembre-se: Deus ama intensamente nossos filhos. Está sempre trabalhando por eles e para eles. Não importa o quanto eles possam se afastar ou não do bom caminho, ele nunca vai deixá-los. Ser pai ou mãe tem tanto a ver com nossa santificação quanto com a deles; isso nos ensina a confiar em Deus e a ouvir com humildade, a entregar nossos maiores tesouros à custódia dele.

Ninguém quer mais para nossos filhos do que Deus (que sabe o que é esse “mais”), e ele é um líder poderoso. Podemos confiar-lhe nosso medo, nossas esperanças e nossos filhos.

Como pais, só podemos criar vencedores — é o melhor que podemos fazer —, por isso tenho algumas ideias para vencedores. Em primeiro lugar, preste atenção às queixas listadas anteriormente. Não é o momento de defender nossas perspectivas e nos recusar a mudar. Temos de criar as crianças que temos, e não as crianças que fomos. Os jovens estão abandonando a igreja, então podemos ouvir com atenção ou vê-los se afastar. Nós não podemos ser mais comprometidos com nossos métodos do que com nossa mensagem. Queremos criar discípulos? Então preste atenção tanto ao que não está funcionando quanto ao que está.

Trate com respeito as perguntas e preocupações dos filhos, porque, em minha opinião, eles têm uma ideia decente sobre o que é a cultura cristã. Em vez de começarmos com: “Você é jovem e sem noção”, talvez possamos dizer: “Diga-me o que vê e o que diz respeito a você. O que o atrai para a igreja? O que o afasta? O que seus amigos dizem?” A humildade atrai a próxima geração com tanta facilidade quanto a arrogância os aliena. Isso é fundamental. Se descartarmos essa conversa, nós os dispensamos da igreja.

Indo mais fundo, examinamos a temperatura espiritual de nossos lares. Somos arrogantes e preconceituosos? Será que sutilmente (ou abertamente) ensinamos nossos filhos a suspeitar de qualquer “outro”? Será que colocamos ferramentas espirituais, principalmente defensivas, nas mãos dos filhos, promovendo uma postura de agir “contra eles” em vez de “para eles”? Nós enfatizamos o comportamento mais que o caráter? Porque o bom comportamento não garante nada. Se eles não amam Jesus e as pessoas, não importa se

permanecem virgens e não dizem palavrão. Devemos pastorear o coração deles, não apenas marcar suas bainhas.

Jesus age além dos limites ordenados do bom comportamento. Em vez de impor as regras dele, devemos mostrar o Reino a nossos filhos. É aí que vão descobrir um Salvador para se apaixonar. Lá onde a vida é confusa e os relacionamentos são complicados. Onde os pobres lutam e graça é uma tábua de salvação. Se queremos criar discípulos, é melhor levá-los para onde Jesus está trabalhando, pois vão descobrir o apelo dele mais depressa no campo do que nas salas de aula antissépticas da igreja ou em regras de comportamento.

A próxima geração está gritando: “Não podemos encontrar Deus na igreja! Como Deus trabalha em lugares quebrantados? Por que os cristãos são tão maldosos e medrosos e agem na defensiva? Cadê a parte boa da “boa nova”? Por que a igreja gasta tanto dinheiro em si mesma? Por que os crentes insistem em que Jesus está no templo, se ele passava o tempo todo com os leprosos? Se ele não redimiu o mundo no trono, por que o faria agora? Por que muito do cristianismo tem um gosto pelo poder e pela agressão, se Jesus foi humilde e revolucionário?”

Essas perguntas são boas e merecem consideração.

Estamos criando filhos pós-modernos em uma geração pós-moderna. Uma explicação incrivelmente redutora do pensamento moderno (no qual a maioria de nós tem pelo menos um pé) seria: *Tenho todas as respostas e você também pode ter*. Isso conduziu a sociedade por trezentos anos. A transição para o pós-modernismo começou em nossa infância e define a próxima geração. Seu mantra é: “Não tenho todas as respostas e nem você.” O oposto. Não é à toa que estamos falhando feio ao tentar estabelecer uma conexão.

O que muitos de nós encaramos como sólido e certo parece condescendente e exclusivo para eles. Valores que pareceram

confiáveis para alguns de nós — autoridade, tradição, razão, lógica, verdade absoluta — parecem uma propaganda que pode ser facilmente desconstruída para os pós-modernos. A autoridade — pais, líderes da igreja, governo — falhou com a próxima geração de forma profunda. Os pós-modernos não vão engolir a ideologia só porque alguém disse que o gosto é bom. Com frequência, o ceticismo é o obstáculo deles, mas também impede que seu coração seja traído outras vezes. Eles podem farejar uma farsa a um quilômetro de distância.

Os pós-modernos vivem Deus de forma diferente do que a maioria de nós viveu na idade deles. Eu aprendi as justificativas religiosas e pratiquei a defesa de minha fé (*tenho todas as respostas e você também pode ter*). Eles têm fome de comunidade e de justiça, de humildade e de anticonsumismo. Eles não gostam de perfeição. Não confiam em um líder sem hesitar. Uma vez que questionam, exigem ambientes espirituais seguros, onde dilemas são bem-vindos e discutidos (*não tenho todas as respostas e nem você*). Deve-se permitir que eles lutem sem se envergonhar, senão vão ceder a seus pares de braços abertos, e nós vamos perdê-los.

Não podemos desprezar isso, porque se trata da próxima geração da igreja. Se largarmos o bastão, os sociólogos preveem uma cultura totalmente pós-cristã dentro de duas gerações. Nossos filhos precisam de mentores espirituais, e, se uma nova linguagem e uma nova postura os guiam, é melhor nos ajoelharmos, rogarmos por humildade e pedirmos a Deus para nos ajudar a criar discípulos que o amam também fora de casa. Priorizamos a transformação em vez da metodologia porque nossas regras têm uma vida útil, mas a lealdade a Jesus, não. Vamos trocar a água do banho e ficar com o bebê.

Os pós-modernos compartilham diversos valores fundamentais com o Evangelho, e, nesses quesitos, Jesus faz sentido e a igreja parece

relevante. Esses pontos de contato bíblicos transpõem o fosso geracional. O cuidado com os pobres e os marginalizados, para começar. Isso faz sentido para nossos filhos. E para Jesus! Bingo! Estamos na mesma página! Querida mamãe, ame os marginalizados em nome de Jesus e seus filhos vão notar. Faça disso uma prioridade na família. Ensine-os: é assim que amamos, é assim que gastamos nosso dinheiro, é assim que servimos à cidade. Isso é muito importante para nossos filhos agora, e certamente continuará a ser na adolescência, e se tornará urgente quando forem jovens adultos. Se a ideia de Jesus ficar confusa no santuário, ele se torna claro novamente fora dali. Se você der ao Jesus do santuário algo para se ligar ao mundo real, a Bíblia parecerá verdadeira mais uma vez.

Proteger um diálogo aberto e imparcial com os filhos é fundamental. Comece cedo, porque aos dezesseis anos eles podem achar que precisam de permissão para fazer perguntas espirituais difíceis sem serem repreendidos, subestimados ou afastados. O medo faz os pais reagirem de maneira dogmática. (Terreno escorregadio! Perguntas perigosas! Futuro herege!) Mas Deus nunca vira as costas para quem busca, e nem nós deveríamos. Nossos filhos podem exigir muito do Evangelho, e é assim que permanecerão.

Devemos renunciar aos sermões e abraçar o ato de ouvir. O que estão realmente dizendo? O que é confuso para eles? O que pensam? Onde está o obstáculo? Vamos ouvi-los e, depois, envolvê-los. Muitos estudantes procuram nosso conselho dizendo a mesma coisa: “Não consigo conversar com meus pais.” Certamente preferiríamos discutir as dúvidas dos filhos a perder nossa voz. Quero que meus filhos saibam que estão a salvo do outro lado da mesa, não importa o que dizem. Prefiro a honestidade e a proximidade deles ao silêncio e ao desapego. As crianças querem ter mentores, não alguém que mande nelas.

Por fim, vamos dar-lhes a substância. Quando perguntaram a jovens de idades entre 18 e 35 anos em todo o território americano a seguinte questão: “O que o atrairia ou o manteria na igreja?”, eles citaram os quatro princípios a seguir: 1) comunidade; 2) justiça social; 3) *profundidade*; e 4) aconselhamento.³ Uma cultura de grupos jovens voltada para o entretenimento não está funcionando. Admita: não podemos mostrar o mundo com gracinhas. Se os programas de discipulado se basearem na diversão, as crianças vão vir hoje, mas não vão ficar depois. Por que ficariam?

Acredite ou não, nossos filhos anseiam por profundidade. Eles se envolvem em questões teológicas. Ficaram desnutridos depois de tomar tanto refrigerante espiritual e querem algo mais saudável. Ao tentar atraí-los com relevância cultural, a igreja sem querer tornou-se irrelevante — como quando os pais tentam ser descolados. Acontece que os filhos não querem que os pais sejam descolados. Só querem que sejam pais que não tentem conquistar sua lealdade ou superproteger seus sentimentos. Pais verdadeiros dizem: “Saia da cama e faça suas tarefas.” Porque estão preparando os filhos *para crescer um dia*.

Vamos dar-lhes as coisas boas. Vamos colocá-los diante das difíceis. Não devemos subestimar sua inteligência, pois os filhos são absolutamente capazes de entender a espiritualidade em suas formas profundas. Vamos ensiná-los a servir e se preocupar com o mundo além do Xbox. E temos de guiá-los com nossa vida, não apenas com a boca, porque as crianças sentem o cheiro de farsa. Nossa sinceridade é crucial; não devemos guiá-los de tal forma se não estivermos dispostos a ir à frente. É melhor ser apático do que hipócrita. Para eles, é mais fácil superar a apatia do que a hipocrisia. Contanto que os guiemos pelo exemplo, podemos cometer deslizes épicos e viver para contar.

Lembre-se: independentemente de qualquer coisa, nossos filhos pertencem a Deus, e ele está prestando muita atenção. Está sempre

trabalhando; somos apenas uma parte de sua história. Nossos filhos podem se desviar. Muitos vão cair e se estatelar. Eles podem ir embora e voltar. Por fim, tomarão as próprias decisões espirituais, e nenhuma fórmula garante qualquer resultado. Não podemos garantir a segurança ou a lealdade deles, nem o caminho ou as decisões deles. Os melhores pais podem ter filhos que se autodestroem, e os piores pais podem ter filhos que prosperam.

O melhor que podemos fazer é dar-lhes Jesus. Sem regras, sem comportamentos específicos, sem entretenimento, sem vergonha. Eu não confio nem um pouco em mim mesma, mas tenho toda a confiança em Jesus. Ele é um alívio, não é? É sempre a resposta verdadeira, o mais forte teste de fogo, o melhor exemplo. Quando hesito como mentora espiritual de meus filhos, lá está ele. Quando palavras, ideias e “respostas certas” me deixam na mão, sua vida e seu legado salvam. Com boas razões, meus filhos podem duvidar dos pais, da igreja, da cultura cristã e do próprio entendimento, mas é mais difícil duvidar de um Salvador tão bom como Jesus. Ele é incrivelmente confiável.

Jesus é a única coisa que vai perdurar. Ele supera as técnicas de parentalidade, a cultura da igreja, os limites rígidos e os melhores planos. Jesus pode guiar nossos filhos muito tempo depois de eles deixarem nossos lares. Ele vai guiá-los quando nosso trabalho terminar.

Então, vamos dar Jesus a nossos filhos e confiar nele para guiá-los, mesmo se não virmos os resultados em cinco, dez anos, ou até o outro lado desta vida. Porque não importa como será o futuro espiritual deles — as novas tendências, o novo tipo de igreja, a nova visão do mundo, os novos métodos — Jesus permanecerá. Ele é a única constante, o único Salvador que permaneceu através dos tempos.

Jesus é o melhor vencedor que existe, então, vamos elevá-lo ao alto.

CAPÍTULO 14

Notas de agradecimento (parte 2)

Obrigada, Consumidores Sem Filhos. Sei que meu filho pequeno não deveria estar de pé em cima do carrinho, comendo os biscoitos antes de eu comprá-los, subindo na prateleira do alto ou perguntando a outros compradores por que eles são “tão gordos”. Na verdade, eu não ensinei meu filho da pré-escola a anunciar em voz alta no Corredor 9: “Você me ama desde que viu minha cabeça sair de você, não é, mamãe?” Eu não sabia que você era da polícia do mercado, mas obrigada por seus conselhos não solicitados, pelas críticas e pelas técnicas de deixar os outros completamente envergonhados. Bom para você que seus filhos “nunca se comportaram assim”. Atenciosamente, Uma Mãe no Limite.

Obrigada, Margarita de Manga Pré-Misturada, por me ajudar a enfrentar o Ensino Fundamental mais uma vez como mãe, aos 38 anos. É o único jeito. Se tiver quaisquer outros amigos, envie-os.

Obrigada, Proibição do Uso de Telefones Celulares em Aviões. Você salvou a vida das pessoas ao meu redor, ou, pelo menos, impediu alguns sérios suspiros e olhadas de lado de minha parte. Se um dia as

companhias aéreas mudarem essa regra, espere começar a ouvir os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, porque certamente isso indicaria o fim dos tempos. Atenciosamente, Passageira Frequente Que Usa Fone de Ouvido Sem Ouvir Música Para Ninguém Puxar Papo.

Obrigada, Angry Birds, por ajudar a justificar o tempo que meus filhos passam usando aparelhos eletrônicos. Agora estou certa de que eles vão gabaritar a prova de física um dia (também estou contando com Minecraft para ajudar com a engenharia; Madden NFL, com as habilidades de estratégia; e os apps de princesa da Disney, com a autoestima reversa. Sejam a sala de aula que fingimos que vocês são, Dispositivos Móveis).

Obrigada, Ponchos, por tornarem aceitável usar um cobertor em público e ainda dizerem que é estiloso. Também gostaria de agradecer à sua amiga Legging por me ajudar a ficar bonita e confortável de poncho sem qualquer assadura irritante no alto das coxas. Vocês tornam possível a existência de uma moda confortável, enquanto repito o prato pela terceira vez. (Eu também gostaria de agradecer ao Corretor Ortográfico Automático por transformar *jeggings* em *jogging*, isto é, cooper, lembrando-me de que se eu corresse, seria capaz de fechar o botão do jeans.) Obrigada, Facebook, por ser a prova definitiva de que ser popular na escola não significa nada na vida adulta.

Obrigada, Leitor de E-Books, por sua superfície altamente reflexiva, que me possibilita olhar para baixo e ver meu rosto no futuro, quando minha pele perder toda a elasticidade que lhe resta. Quero uma tela digital, não um espelho aterrorizante. Por favor, trabalhe nisso em seus laboratórios. Assinado, Senhora Cujo Rosto Flácido Vive Assustando-a Enquanto Ela Lê *Garota exemplar*.

Obrigada, Fila de Pais Buscando os Filhos na Escola, por me mostrar o outro lado das mães da escola. Apenas em sua fila me dão o

dedo e sou cortada pelas mesmas mulheres com as quais sou forçada a me unir nas festas da turma e em passeios. Isso não é nem um pouco estranho, e todo dia eu espero ansiosamente por essas agressões veiculares. É um prazer conviver com vocês.

Obrigada, Lindas Filhas Pré-Adolescentes e Adolescentes, sangue do meu sangue, por irem direto ao ponto ao me lembrarem todos os dias de que, embora eu esteja neste planeta há mais de 40 anos, ainda tenho muito a aprender. E só vocês duas podem me ensinar isso. Obrigada por me aturarem enquanto tento entender a vida. Com amor, Sua Pobre Mãe Bobinha.

Obrigada, Esteira Ergométrica, por ser o cabide mais caro de todos os tempos.

Obrigada, Pessoa Falando ao Celular na Cabine ao Lado da Minha no Banheiro do Shopping, pelo lembrete de que nada mais é sagrado (ou higiênico). Agora não só conheço seus hábitos digestivos, mas também sei que sua prima Lucy vai se casar com um fracassado que toda a família odeia, e você “não vai gastar quatrocentos dólares em um vestido para um casamento tosco”. Que conversa legal.

Obrigada, Pessoas Que Perguntam Se Estou Grávida, apesar de meu filho mais novo estar no terceiro ano. Vocês me incentivam a decorar os versículos que falam sobre domar a língua. Obrigada por me ajudar a crescer na Palavra.

Obrigada, Matemática do Oitavo Ano, por me deixar à beira de precisar de uma camisa de força. Tenho dois diplomas de pós-graduação, mas graças à “nova matemática”, minha filha de 13 anos agora pensa que é mais esperta que eu. Cadê o calmante? Atenciosamente, Mãe Que Evidentemente Não Sabe Dividir.

Obrigada, Calça de Academia, por permitir que eu dê a impressão de que acabei de malhar, de que sou uma pessoa saudável e produtiva, quando, na verdade, estou basicamente vestindo pijamas enquanto

realizo tarefas diversas. Meu cabelo sujo e a maquiagem de ontem completam a charada, de modo que tenho certeza de que as pessoas se perguntam por que esta rata de academia ainda precisa perder uns nove quilos. Que seja, CA. Amo você. Você é meu uniforme.

Amigos, vizinhos, estranhos e inimigos

CAPÍTULO 15

Clube Gastronômico

Quando eu estava casada havia um ano, servi presunto enlatado a meu sogro.

Nem sempre amei comida e culinária. Eu era uma tragédia doméstica quando recém-casada. Após oferecer carne processada ao pai de meu novo marido, me especializei em um bom molho de espaguete — meu jantar chique, incluindo sal com alho polvilhado no pão branco (*tadinha* de mim). Eu comprava comida pronta com regularidade. Colocava pedaços de peixe empanado no pão de cachorro-quente e passava ketchup. Senhoras e senhores, eu servia comida enlatada.

Era um desastre. Então, tive filhos uma vez a cada dois anos, porque ninguém me disse para não os ter, e eles queriam comer todos os dias. Eu tinha a intenção de aprender a cozinhar, mas estava muito ocupada mantendo aquelas pessoazinhas vivas. Essa mentalidade de sobrevivência infectou a cozinha, de modo que cozinhar não gerava nada além de ressentimento e irritação. Todos os dias eu ficava chocada por ter de preparar o jantar mais uma vez. *Quer saber o que*

tem para o jantar? Bem, acho que vou amamentar o bebê e trocar todas essas fraldas e tirar esta casa das garras da entropia e brincar de Lego pela milionésima vez e também preparar uma refeição nutritiva para todo mundo TODO SANTO DIA! Ei, querido, após limpar o que sobrou do jantar e a maratona do banho e da hora de dormir, vamos fazer sexo! Por favor, me agarre com mais vontade do que de costume, porque não passaram a mão em mim o suficiente hoje.

Eu era uma graça.

Foi assim, literalmente, que as coisas se transformaram. Certo ano, em primeiro de janeiro, eu me perguntei: “O que posso melhorar este ano? Quero aperfeiçoar uma pequena coisa em mim...” E a resposta foi: cozinhar. Uma vez que esse povo insistia em comer *todos os dias*, eu precisava de uma solução que não incluísse cereais para o jantar e um ensopado fumegante de amargura.

Então decidi mudar de repente. Comecei a assistir ao Food Network e a ler livros de receitas. Abri uma conta no allrecipes.com. Comprei ingredientes chiques e exóticos, como alho. Decidi que a hora de cozinhar deveria ser agradável: boa música, boa companhia (crianças comportadas são bem-vindas, crianças brigando estão banidas). Depois, comecei a plantar e a assistir a documentários de comida e olhar torto para a grande indústria alimentícia e, ah, meu Deus, agora tenho dez galinhas. A coisa ficou elaborada.

Para ser sincera, eu apenas decidi amar comida.

Então, quando minha amiga Jamie enviou este e-mail, há quatro anos, eu era toda ouvidos. Em uma mensagem para três meninas, ela escreveu: “Vocês não se conhecem, mas eu conheço todas vocês. Nós formaríamos um ótimo grupo de casais. Vocês gostariam de montar um Clube Gastronômico (CG) comigo? Tenho certeza de que a química vai funcionar, e todas nós amamos comida.” Por que oito

estranhos concordariam em ter um compromisso mensal com pessoas que nem conhecem?

Nem acredito que todas dissemos sim.

Eis as regras:

1. Uma noite por mês, revezando as casas.
2. Sem filhos (uma vez que, juntos, temos *dezesseis* filhos, o CG começa às 20h e os filhos dos anfitriões já estão na cama ou foram subornados com salgadinhos e filmes. Os outros pais arranjam babás — a menos que sejam fantásticos como eu e Melissa e tenham filhos maiores, que podem servir de babá, e, nesse caso, a supervisão se torna, na verdade, um conceito extremamente vago.)
3. Quando você for a anfitriã, faça tudo: planeje, compre, cozinhe e limpe. Então, três vezes a cada quatro meses, apenas apareça, coma uma comida incrível, ria até chorar e deixe a cozinha de sua amiga parecendo uma cena de crime.
4. A comida é séria. Se você ainda não começou a planejar o cardápio com uma semana de antecedência, vai ficar sobrecarregada. Não se atreva a colocar sopa de entulho na mesa.
5. Tudo o que se pode levar ao CG é a bebida. E é melhor trazer, ou morrerá.
6. O CG é qualquer noite que combinarmos, o que significa que já estivemos juntos à uma da manhã de uma terça-feira e pagamos brutalmente por isso (no dia seguinte, lamentamos nossa exaustão em mensagens de grupo. Brandon escreveu: “Fizemos os pequenos tomarem café da manhã na escola. Espero que o biscoito com margarina seja bom”).
7. O que acontece no CG permanece no CG. O não cumprimento resultará em castigo.

Quando me lembro do primeiro Clube Gastronômico, acho engraçado termos tido de nos apresentar, porque hoje sei tudo o que já aconteceu com essas pessoas desde o dia em que nasceram. Sei seus nomes do meio, tudo sobre seus pais, todas as nuances de seus filhos, de que música gostam, seus hábitos, sonhos, momentos mais embaraçosos, defeitos, segredos, preferências (mesmo que Jamie Oliver preparar tudo com pó das asas de uma fada, Brad não come sobremesa), planos para o futuro, senso de humor, tudo.

Nossas famílias viajam de férias juntas todo verão, porque a coisa se transformou em algo que vai além do jantar, como costuma acontecer com as boas coisas. Comemoramos uns com os outros os livros publicados, os lançamentos de CDs, os filhos novos, os processos de adoção concluídos, os *podcasts* novos, os empregos novos, as licenças sabáticas. Damos uns aos outros permissão para sonhar. Damos uns aos outros permissão para descansar. Damos uns aos outros permissão para sofrer. Temos o grupo de mensagens mais divertido do planeta, e, se elas um dia vierem a público, todos nós vamos nos mudar para o Peru.

E, no meio de tudo isso, temos a comida, a mesa, o pão e a bebida.

Quando começo a me planejar para o CG, penso: *Trata-se de meus preciosos amigos. Quero alimentá-los bem.* Vamos nos reunir em torno de um ensopado de cordeiro, um *bisqué* de lagosta, massa caseira ou *boeuf bourguignon*. Vamos falar da vida juntos. Às vezes, o cardápio é étnico e exótico, às vezes, reconfortante e rico, mas todos preparam a mesa para o riso, os melhores tipos de conversa; lágrimas, se precisarmos derramá-las, histórias embaraçosas, se precisarmos contá-las.

Algumas noites, fazemos perguntas uns para os outros em volta da mesa: você preferiria ser rico ou famoso? Quais são os pontos altos e baixos deste ano? Justin Bieber: legal ou não? Que tipo de velhinho

você quer ser? Qual é sua pior lembrança de férias? Outras noites, uma pessoa pega o microfone, pois há muito o que falar, muito o que processar. Algumas fases são assim. Bons amigos podem discutir sobre o Bieber ou uma adoção perdida. Tudo isso cabe na mesa.

Para que você não pense que somos chefs não descobertos, as falhas ainda ocorrem após quatro anos cozinhando uns para os outros. Os Hatmaker uma vez serviram um *steak* de veado cozido que tinha a consistência de casca de árvore, sem chance de recuperação para o paladar. Os Navarro serviram um *fettucine* alfredo que nos manteve no banheiro durante 24 horas e deixou Aaron à beira da disenteria. Houve ainda um incidente envolvendo feijão-verde enlatado cru demais para ser discutido.

Outras vezes, a comida não deu certo por um bom motivo. Como o dia em que estávamos recebendo e o pai de Melissa foi para o hospital, a uma hora e meia de distância. Nem pensamos duas vezes: arrumamos as panelas e frigideiras, rolinhos de ovo caseiros, ingredientes para um *pad thai* e cinco molhos diferentes em uma dúzia de recipientes; compramos pratos de papel no caminho; e nós seis fomos a Temple e preparamos tudo na casa da família dela. Colocamos cada prato sujo no carro e voltamos para Austin quatro horas mais tarde. Claro, os rolinhos teriam se saído melhor sem a viagem, mas nossa amiga, não. A comida é apenas a prévia, a introdução, o pretexto. Serve de apoio para a verdadeira história.

Quando avalio nossas bênçãos recentes, o Clube Gastronômico é uma das maiores. Quem imaginaria que pão de milho com manteiga de jalapeño poderia criar essa comunidade? Enquanto nossos sentidos estavam ocupados desfrutando a comida, nossos corações se apaixonaram antes de nos darmos conta do que estava acontecendo. Em algum lugar em meio à *bruschetta* fresca, à pizza grelhada e a um chardonnay amanteigado, nós nos transformamos de pessoas que

gostam de comida em pessoas que se amam — o melhor tipo de alquimia.

Querida leitora, nada me faria mais feliz do que você montar o próprio CG. Não subestime a magia desse evento. Não é apenas comida; é uma terra santa, um espaço sagrado.

Vou até dar uma dica para você começar. Esta refeição é tão deliciosa, que vai fazer você chorar. É preciso picar bastante, mas sem dúvida podemos dar um jeito em algumas cebolas com uma faca. A apresentação fica tão linda e o prato é tão gostoso, que vai ser o maior sucesso.



***Pad thai* incrível, delicioso e maravilhoso**

Serve de quatro a seis porções

Vamos lá.

Primeiro, o molho e o macarrão: eu compro os ingredientes na internet, e eles são entregues na porta de minha casa porque agora é uma ótima época para se viver nos Estados Unidos.

3 colheres (sopa) de açúcar de palma

2 colheres (sopa) de tamarindo concentrado

2 colheres (sopa) de caldo de peixe

225 g de macarrão de arroz

Em uma panela pequena em fogo baixo, aqueça o açúcar, o tamarindo e o caldo de peixe até dissolver o açúcar. Tire do fogo e reserve. Despeje água quente sobre o macarrão de arroz em uma tigela e deixe amolecer enquanto você pica os outros ingredientes.

(Uma palavrinha ou duas. Em primeiro lugar, eu faço a receita em dobro e congelo o que sobrar. Menos trabalho na próxima vez. Em segundo lugar, *caldo de peixe não cheira bem enquanto cozinha e não quero esse drama na próxima vez que fizer esse prato*. Sugiro preparar o molho quando crianças agitadas e críticas não estiverem por perto. Elas vão choramingar, reclamar e perguntar: “Que comida é essa, pelo amor de Deus? Por que você odeia a gente?” Você não precisa dessa baboseira. Você trabalha muito duro para isso.)

Pique tudo primeiro, pois o *pad thai* é um prato que se prepara rápido e os ingredientes precisam estar no ponto. Faça na mão, vamos lá.

2 chalotas grandes picadas

4 dentes de alho picados

2 cenouras picadas em pedaços pequenos

1 punhado de coentro picado

3 cebolinhas verdes cortadas em pedaços de 2,5 cm

4-5 rabanetes picados bem finos

Eu amo rabanete, mas se você não gostar, pode deixar de lado. Posso ser sincera? Os rabanetes merecem mais amor do que recebem. Eles são só rabanetes. Pique-os com a ajuda de um ralador e se pergunte por que pensou mal deles. Eles são crocantes e deliciosos. As pessoas deveriam parar de odiar rabanete.

2-3 xícaras de broto de feijão

É difícil encontrar broto de feijão por causa dos patógenos ou algum absurdo do tipo. Pelo amor de Deus, os asiáticos não vão parar de vender broto de feijão por causa das bactérias. Os norte-americanos são tão cricris com comida... A gente deve deixar os asiáticos loucos. Se você não encontrar, pode deixar de lado, mas seu pad thai não ficará tão gostoso e você está deixando a Vigilância Sanitária ganhar.

225 g de tofu extrafirme cortado em palitos de 2,5 cm × 0,70 cm

Está bem. Eu não coloco tofu em meu *pad thai*. Não gosto e pronto, o.k.? Já aguentei o drama do caldo de peixe e não estou a fim de discutir sobre tofu com essas pessoas.

Deixe prontos:

300 g de camarão cru, sem pele e limpo; ou frango sem pele cortado em fatias bem finas

2 ovos um pouco batidos

5 colheres (sopa) de óleo vegetal

½ xícara de amendoim torrado e picado

Limão cortado pela metade (para o molho e para enfeitar)

Tenha tudo isso pronto, incluindo o macarrão de arroz cozido e escorrido. Tire uma foto. As pilhas de ingredientes estão lindas. Os rabanetes, em particular, estão encantadores. Alguém deveria testemunhar sua proeza culinária.

Pegue uma frigideira grande. Isso é importante. O pad thai não pode ser feito em uma frigideira pequena ou ele vai produzir vapor de água e grudar e você vai se arrepender pelo resto da vida. Você também precisa de duas espátulas de madeira. Não traga utensílios frágeis para essa festa. Suas espátulas vão arrasar salteando e fritando tudo.

Prepare-se, porque o pad thai é uma maratona de velocidade, o que em minha opinião é o melhor tipo de maratona — acaba em minutos. Minha nossa, não somos atletas olímpicas.

Aqueça três colheres de sopa de óleo na frigideira, em fogo médio a alto. A panela precisa estar bem quente, pessoal. Adicione o macarrão escorrido e misture até que esteja revestido de óleo e torne-se um pouco mais flexível. Pratique sua abordagem com as duas espátulas. Veja como você manda bem! Pegue por baixo, levante e salteie. Você quer que todos os ingredientes toquem a superfície quente em algum momento. Faça isso por cerca de um minuto.

Adicione o molho ao macarrão e salteie até tudo se misturar (eu adiciono molho de pimenta aqui também, mas conheça seu povo e cozinhe em conformidade). Suas duas espátulas estão dando duro. Cerca de um minuto aqui.

Empurre o macarrão para o lado; em seguida, adicione mais duas colheres de sopa de óleo no lado vazio da panela. Refogue as chalotas, as cenouras, o alho, os rabanetes, o tofu e a cebola. Salteie com as duas espátulas por cerca de um minuto. Adicione o frango ou o camarão aos legumes e salteie por mais dois ou três minutos, até que estejam cozidos.

Você está quase terminando. Você é uma heroína.

Faça um buraco no meio da frigideira. Adicione os ovos e mexa com a ponta da espátula. Cerca de um minuto.

Agora salteie e misture tudo com as espátulas. Retire do fogo e despeje metade dos brotos de feijão. Transfira o conteúdo da frigideira para uma travessa. Polvilhe o que restou do broto de feijão, o coentro e o amendoim. Esprema o limão sobre a coisa toda.

Contemple o prato. Ficou lindo. Foi você quem fez, e está no nível de qualidade de um restaurante. Há 100% de chance de você postar uma foto no Instagram. É tão gostoso que você nem acredita. Agora que já o preparou uma vez, será mil vezes mais fácil nas próximas. O pessoal vai amar. Sirva com pauzinhos e eles vão dar uma festa em sua homenagem. Bom trabalho, guerreira da cozinha.

CAPÍTULO 16

Porches como altar

Se você não cresceu em uma subcultura cristã, isso provavelmente não vai fazer nenhum sentido. Mas, para aquelas de vocês que cresceram, lembram-se da Noite de Domingo da Igreja (NDI)?

Ouçam. Qualquer um aguentava a Manhã de Domingo da Igreja, mas a NDI era para os fortes. Após mal acordarem do cochilo da tarde, batistas fervorosos como nós estavam de volta à igreja às seis da tarde. A gente nem brincava, cara.

Na NDI, havia uma programação mais livre, após termos jurado lealdade ao coro, à solista em estilo Sandi Patty e ao pastor sênior pela manhã. A NDI era o espaço para evangelistas viajantes, testemunhos de missionários, Noite de Relatório do Acampamento do Grupo Jovem, e o favorito de meu pai: quartetos (até hoje, posso distinguir o baixo em um conjunto gospel). Era outra história quando o pastor usava calça cáqui casual e ficava *sem gravata*. Depois de tomar essas liberdades, começaríamos a bater palmas na próxima explosão de emoções.

Mas vou contar por que amava a NDI. Como você talvez supôs, não era por causa dos pregadores convidados ou pelos concertos. Na verdade, não tinha nada a ver com a programação. Era só por isto: meu grupo jovem saía todo domingo depois do culto. Implorávamos para nossos pais nos darem cinco dólares e pagávamos um dólar pela gasolina para abastecer o carro dos motoristas disponíveis (é verdade) e soltávamos um bando de jovens evangélicos pelas ruas da insuspeita cidade de Wichita, no Kansas. Pizzaria, vôlei, natação, o que fosse.

Essas noites compreendem algumas de minhas lembranças favoritas.

Nem sei se a Noite de Domingo da Igreja ainda existe, mas levamos a tradição adiante. Nossa pequena igreja hippie não tem culto à noite, mas Brandon e eu e os dois casais que são nossos melhores amigos nos reunimos todo domingo para a NDI na varanda da casa de um de nós. Depois de digerir o farto almoço, de tirar um cochilo e de colocar os pequenos na cama, *chega nossa hora*.

Após combinar os detalhes, nós nos reunimos no pátio da casa de alguém com as sobremesas que restaram, e *temos uma dose de igreja*. Resolvemos todos os problemas da terra, ou pelo menos os discutimos bem. Normalmente a NDI é divertida, loucura pura, e ficamos vendo vídeos engraçados no YouTube como um grupo de adolescentes. Às vezes um de nós está com problemas, e os outros escutam. Ocasionalmente, adentramos o terreno da teologia, pois todos nós avançamos de forma surpreendente nos últimos anos e gostaríamos de discutir nossas ideias uns com os outros. Ou podemos assistir a um jogo de futebol e jurar, enfim, parar de torcer para um ou outro time.

O mesmo laço permanece há mais de vinte anos após meus dias de grupo jovem: se Jesus é o coração da igreja, as pessoas são a alma. Há uma razão pela qual ele criou a comunidade e nos disse para praticar a graça e o amor, a camaradagem e a presença. As pessoas aparam as

arestas e preenchem as lacunas. Os amigos são umas das melhores partes da história toda.

Vivemos em uma época estranha e sem precedentes, em que os relacionamentos cara a cara estão se tornando opcionais. Essa nova conectividade online é traiçoeira, pois pode se tornar significativa e verdadeira; já gerou amizades reais que guardo com carinho. Ao mesmo tempo, ela também pode prejudicar os amigos lá na varanda, aqueles que realmente conhecem você, que falam sobre a vida real comendo nachos. A vida virtual não é nenhum substituto para a presença física constante e nunca vai tomar o lugar de alguém que olha você nos olhos, andando pela cozinha com os pés descalços, fazendo você provar várias azeitonas de olhos fechados, entrando em casa sem bater.

Eu conheço mulheres de todo o país, e olho tantas nos olhos e vejo solidão. As pessoas almejam o que sempre almejaram: ser conhecidas e amadas, pertencer a algum lugar. A comunidade é uma necessidade humana básica. Ela nos ajuda a resistir a praticamente todas as tempestades. Se as ordens básicas de Jesus fossem: 1) amar a Deus e 2) amar as pessoas, então o fruto dessa obediência incluiria ser amado por Deus e pelas pessoas. Nós damos e recebemos aqui. De acordo com Jesus, o amor de Deus e das pessoas é a substância da vida.

E não é? Nada que acontecer — nenhuma tragédia ou sofrimento — pode resistir ao amor de Deus e das pessoas. É um território sagrado: um amigo leal do outro lado da linha, um companheiro à sua porta com uma caçarola de frango à King Ranch — porque às vezes isso é tudo o que há para fazer. Quando você me diz: “Vou ver você sair dessa”, eu posso aguentar. Entre a força de Deus e a de vocês, eu tenho o suficiente. Não nos prometeram uma vida livre da dor, mas nos são dadas as ferramentas para sobreviver: Deus e as pessoas.

Isso basta.

Sem dúvida, a igreja tenta fomentar a comunidade, que Deus a abençoe. Nós pelo menos sabemos quanto é essencial. Por isso organizamos Grupos de Vida (veja também: Grupos de Restauração, Grupos Comunitários, Grupos Caseiros, Grupos de Estudo Bíblico, Grupos Jovens, Grupos de Mulheres ou — arrasando como meus batistas — Escola Dominical). Tentamos oferecer estrutura para as pessoas se sentirem acolhidas e reconhecidas. Às vezes funciona como mágica, outras, não. Você pode levar um cavalo para beber água, mas às vezes o cavalo não está muito à vontade, sabe? Já tive pequenos grupos que me deram amigos para a vida toda e outros que eram quase uma tortura.

Acho que prefiro algo um pouco mais orgânico, menos programado. Em vez de esperar que a igreja monte uma dinâmica de grupo perfeita entre “Pessoas Que Possam Se Encontrar Às Terças-Feiras”, convide algumas pessoas para fazer uma visita. Uma mesa compartilhada é a expressão suprema de hospitalidade em todas as culturas do planeta. Quando sua velha mesa de cozinha recebe pessoas e conversas boas, quando fornece um lugar seguro para partilhar o pão e partilhar o cálice, sua casa torna-se um santuário, um local sagrado. Uma vez deixei a mesa de uma amiga tão santificada e renovada quanto qualquer culto da igreja. Se sua casa tiver uma varanda, então você tem um altar para reunir as pessoas.

Don Miller descreveu um propósito poderoso no qual não consigo parar de pensar. Ele e a esposa, Betsy, decidiram que sua casa era sagrada, e o desejo deles era ajudar a restaurar o que o mundo roubou de cada visitante naquele dia. Não é a ideia mais linda que você já ouviu? Eles enchem a casa de amigos, viajantes, vizinhos e companheiros, que se sentam ao canto da mesa, e espera-se que saiam renovados e restaurados de alguma maneira, mesmo que pequena. Para isso não é preciso uma licença para atuar como terapeuta ou um

diploma de gastronomia. Às vezes significa apenas preparar sanduíches de carne e ser um bom ouvinte. Que percepção aguda do poder da mesa! Como isso é profundamente sagrado! Amei tanto que pinteí “RESTAURAR” em toda a entrada de minha casa, um recado que paira acima de toda a alma preciosa que entra ou sai da casa.

A solidão pode ser uma prisão, mas temos chaves. Você não precisa esperar por alguém para abrir as grades. Se você puder preparar uma pastinha de atum e usar um telefone celular, pode criar uma comunidade. Se quiser esperar até sua casa estar perfeita e você não estar nervosa, então esqueça. Esse é um aparato imperfeito, graças a Deus. Ele exige que pessoas com rostos verdadeiros se mostrem corajosamente para serem vistas. Não há alternativa para uma conexão genuína. Sinto muito. A comunidade tem de começar em algum lugar, e esse lugar deve ser sincero. Caso contrário, você constrói um frágil castelo de cartas. Faça uma análise de risco e decida se a segurança compensa a prisão da solidão. Meu palpite é que não compensa.

Nós temos as chaves, pessoal! Elas se parecem com mesas e sofás, ensopados e pão francês crocante. Incluem cadeiras na varanda e música, futebol na tevê e bebida gelada. Envolvem um simples convite por e-mail para assar uma carne em uma noite de sexta-feira. Elas dizem: “Traga seus filhos e nós vamos prendê-los todos no quintal com picolés.” As chaves incluem boas perguntas e bons ouvidos; sem dúvida, contêm histórias e risadas. Esses encontros não exigem agitação, por isso, não deixe que nada os impeça, porque uma cozinha bagunçada só me diz que alguém se importa o suficiente para me alimentar, o que é uma boa chave.

Em vez de esperar por uma comunidade, construa-a, e você vai acabar nela de qualquer maneira.

Comece a olhar ao redor. Não vamos complicar essa história. Quem mora nas proximidades? Quem é novo na cidade? Quem parece interessante ou engraçado ou inteligente ou bobo? Quem está na mesma fase de vida que você? Quem poderia gostar de uma tigela morna de sopa e pão de milho? Quem é solitário? Se você estiver supernervosa, convide duas amigas ou dois casais para preparar um bufê e evitar potenciais bombas de inabilidade. Você pode desfrutar de uma química e uma refeição perfeitas no segundo encontro, mas, se não, você pelo menos ofereceu um lugar seguro e acolhedor para alguém se sentir bem-vindo. Isso é um bom trabalho.

Às vezes essas coisas começam um pouco devagar, então, seja paciente. Meu melhor conselho é: apenas se mostrar e ser sincera. Seja o tipo de amiga que você espera ter. Acredite, ninguém quer um amigo perfeito que não pode oferecer um minuto de transparência. Isso a gente encontra no Pinterest. Nossas almas anseiam por encontrar pessoas reais em casas reais com crianças reais e vidas reais. Nós podemos criar com o maior cuidado identidades virtuais com fotos bem escolhidas e informações seletivas, mas isso nos deixa famintas por algo verdadeiro. Eu busco apenas amigos que sangram, suam, riem e choram. Não tenha medo de sua humanidade; é sua melhor oferta.

Então, crie sua NDI. Pavimente-a junto com quem você quiser. Talvez, só comece às 20h30, como a nossa, por causa das crianças. Ou crie um NSI ou uma NQI ou organize um café da manhã às quintas com tanta frequência que você possa dizer que tem “uma mesa”. Qualquer que seja o oposto de chique, é assim que deve ser (em 90% de nossos encontros da NDI estamos vestindo a calça do pijama). Isso pede apenas sua mercadoria mais importante: o tempo. Então ofereça-o. Crie-o, se necessário. Lembre-se da teologia: o amor de Deus e das

pessoas é toda a substância da vida. Nada é mais importante. Esse é um trabalho sagrado e que conta, e muito.

Quando meu mundo virtual sai dos trilhos e toda a tagarelice da internet é demais e eu me sinto solitária e isolada, nada me ajuda tanto quanto me sentar em uma varanda com velhos amigos, música country texana nos alto-falantes, a vida real retomando seu lugar de direito.

Então esse é meu convite para que você estabeleça sua NDI... Os evangelistas turistas são opcionais, embora eu recomende muito os concertos.

CAPÍTULO 17

Peculiar

Gente, eu tenho problemas, e é hora de falar deles. Sou atormentada por algumas idiossincrasias — certas peculiaridades, se assim quiser chamá-las. Eu apresento alguns comportamentos que levam as pessoas a dizer: “Sério? Fique de boa.” Estou ousando acreditar que você também é assim, então, por favor, escreva-me sobre isso, porque nada alimenta nossas excentricidades mais do que as humanidades. “Você acha que é estranho? Guardei todas as minhas unhas cortadas desde 1991.” Beleza, então.

1. Regulagem do corpo dos filhos

Não sou uma mãe do tipo que fica em cima. Meus filhos descem pelos corrimões, constroem rampas de skate e atiram uns nos outros com pistolas de brinquedo. Sou o tipo de mãe que diz: “Não chore se você se machucar. Ou chore no quarto, onde não posso ouvi-lo.”

Mas duas questões me qualificam como mãe neurótica: o sono e a temperatura corporal de meus filhos.

Desde o dia em que nasceram, sou paranoica a respeito do sono. Conto as horas. Fico de olho no relógio. Quando alguém com credenciais disse: “Crianças precisam de dez horas de sono. Acredite...”, *eu acreditei*. Meu objetivo de vida para eles é doze horas por noite. Eu surto quando os limites da hora de dormir são ultrapassados: “Ah, meu Deus. São 22h13 e Caleb ainda está de pé. Eu deveria mantê-lo em casa amanhã, porque ele não funciona quando está exausto.” Sou a louca da boa noite de sono. A doida varrida em pessoa.

Também tenho uma fixação muito estranha pela temperatura corporal deles. Você está quente? Está com frio? Está pegando friagem? Está suando? Precisa de um casaco? Cadê o casaco? Dê-me seu casaco. Você está quente? Tire a camisa de baixo. Precisa de um pouco de água? Acabou sua água? Você bebeu água? Precisa ir para a sombra? Precisa tomar sol? Os cobertores são suficientes? Esse cobertor é muito pesado? Se você ficar quente, empurre esse cobertor para baixo. Se ficar frio, aqui está um cobertor extra. Suas mãos estão frias? Seus pés estão quentes? Você precisa de um chapéu. Coloque esse chapéu. Você não pode sair se você não usar o chapéu. Tire o chapéu; está muito quente lá fora.

Depois que perguntei 28 vezes se Ben estava sentindo calor no jogo de futebol, minha amiga Tonya ficou, tipo, “Caramba, Jen! Gente louca no pedaço! Deixe-o em paz! Você está me assustando.” É compulsivo. Nós temos dezoito garrafas de água reutilizáveis; acabei de contar. Morro de preocupação durante o mês de agosto, quando os times de futebol juvenil começam a treinar com caneleiras. É tão estressante.

Eu não me importo nem um pouco com outras questões — por exemplo, segurança ou ingestão de veneno. Meus filhos poderiam saltar do segundo andar em um colchão para testar a viabilidade de

capas resistentes ao vento, e eu só me preocuparia se eles estivessem com calor demais ou se fosse muito perto da hora de deitar.

2. Imaturidade musical

Durante quase toda a minha vida adulta, vivi em Austin: a Capital Mundial da Música Ao Vivo. Há muitos músicos sérios e compositores *indies*. Temos até produtores e artistas em nosso círculo de amigos próximos. Posso ouvir música interessante e criativa qualquer noite da semana em uns vinte locais diferentes. O ACL e o SXSW, dois dos melhores festivais de música do país, acontecem em Austin. Gosto musical é importante aqui e é avaliado como uma potencial falha de caráter.

Eu amo o Top 40.

Gosto, amo. Quanto mais boba, mais pop, quanto maior a probabilidade de uma garota de 12 anos ter um pôster da banda, mais bem classificada a música estará em minha Lista de Prediletas. Se a banda aparece em *Tiger Beat*, já era. Toda música que amo acaba em uma coletânea para adolescentes. Minhas preferências musicais não são nem um pouco sofisticadas. Meus amigos curtem bandas chamadas My Morning Jacket e Fleet Foxes e discutem composições e criatividade. Sabe o que eu amo? Um garoto de 16 anos fazendo cover do Bruno Mars no *American Idol*.

Sim, eu não curto músicas mais pesadas e com letras sexuais e nem ouço a Ke\$ha. Mas Flo Rida? Amo. Não repare quando eu dançar e cantar a plenos pulmões. Não tô nem aí. Não me importo mesmo. *Make me throw my hands in the a-ye, a-ye, a, a, a-ye!*¹

3. Poluição sonora

É uma pena, porque coloquei cinco filhos nesta casa, mas tenho um problema com barulho. Eu chamo de poluição sonora, e ela faz de mim uma pessoa um pouco louca. Barulhinho de fundo me leva a surtar como uma louca. Minha família está lá, de boa — cuidando de suas coisas, vivendo uma vida normal —, quando, de repente, sem nenhum aviso indicando, um colapso iminente; apareço voando no meio de todo mundo como a Bruxa Malvada mexendo nos controles remotos e desligando cada bipe, clique, zumbido, zunido, tique-taque eletrônico que está me incomodando, e grito com todo mundo fazendo meus olhos loucos. Normalmente, seis pessoas perplexas ficam boquiabertas, me olhando embasbacadas, como se a punição não fosse adequada para o crime.

Só que é, sim.

O barulho dentro do carro já me fez cogitar enfiar agulhas de tricô nos tímpanos. Após uma longa viagem sem meu marido, o barulho incessante me causou tanto desespero que parei na rodovia I-35, tranquei meus filhos no carro, caminhei seis metros, me sentei na grama e comecei a gritar enquanto meus filhos pressionavam o rosto à janela, murmurando: “Mamãe! Mamãe! O que está fazendo, mamãe?!”

Não consigo escrever uma única palavra se houver um decibel de som no cômodo. Preciso de uma casa totalmente silenciosa para parir uma frase de dez palavras, por isso, quando alguém que mora (que não vá para a escola e às vezes está em casa durante o dia) aqui, no espaço tranquilo, fica me perguntando, “Como se escreve ‘ao invés de’?” e “Você anotou aquela coisa na agenda?”, e “Estou pensando em fazer uma tatuagem nova”, eu posso perder a calma e ameaçar me mudar para um apartamento (o cenário é hipotético). (Não é não.)

4. Aversão a pegadinhas

Amo humor. Amo rir. Amo filhos engraçados e bobos. Amo pessoas engraçadas. Amo sarcasmo e brincadeiras. Amo tiradas espirituosas. Amo comédia. Sou fã da Melissa McCarthy e sou sua seguidora fiel até a morte. Acredito que o riso é o melhor remédio; ria, e o mundo vai rir com você, ou algo assim.

Mas não consigo lidar com pegadinhas. *Não. Consigo. Nem. Lidar. Com. Elas.*

Esse tipo de programa quase me levou ao coma. Quando um grupo de pessoas está aprontando, e a outra pessoa não sabe, e elas se veem em uma situação estranha/horrível/embaraçosa/confusa/angustiante, eu começo a orar pelo arrebatamento. Minha ansiedade sobe tanto que atravessa o telhado.

Quando enfrentamos diversos atrasos durante o processo de adoção de Ben, minha amiga Missy postou um vídeo engraçado no meu Facebook todos os dias até resolvermos as coisas no tribunal. Seu ministério no YouTube nos deu muitos tesouros, como vídeos de pessoas caindo (por que são sempre tão engraçados?). Mas ela postou alguns vídeos de pegadinha, e eles não provocaram nenhuma reação em mim. Por fim, ela estava, tipo, “Qual é, Sra. Ingratidão? Aquele vídeo era SENSACIONAL e você nem sequer comentou!” E eu estava, tipo, “Eu simplesmente não consigo, TÁ? (*e em voz baixa...*) Não consegui nem assistir.” E ela ficou, tipo, “Você é bizarra, sua louca.”

Note que, se você me convidar para participar de uma pegadinha, sou mais propensa a gritar antes da hora: “Não é verdade! Ela não está machucada! Não é nem mesmo seu carro! O garçom é um ator! Você conseguiu o emprego!”

Vou estragar a pegadinha. Pode ter certeza. E, se fizer uma pegadinha comigo, você está morta para mim.

5. O doce adeus

Então, odeio despedidas. E não só do tipo legítimo, como quando alguém se muda para Boston ou volta para casa após fazer uma visita. Odeio todas as despedidas. Sou mestre em sair à francesa de festas em vez de fazer uma grande cena de adeus. Se minha bolsa estiver no campo de visão da anfitriã e Brandon não saciar meus hábitos disfuncionais indo buscá-la, vou deixar minhas coisas para trás e pegá-las de volta na varanda no dia seguinte. Recebi inúmeras mensagens como estas:

Ei! Aonde você foi?

Você foi embora?

O que aconteceu?

Será que alguém sequestrou você?

Você está presa em um porta-malas?

Mesmo que eu tenha certeza absoluta de que é a última vez que vou ver você — as malas estão no carro, que já está ligado, todos os filhos estão com o cinto afivelado, seu marido está fazendo aquele gesto de embalar, e o caminhão de mudança acabou de sair levando sua vida para Atlanta —, eu vou dizer: “Nós nos falamos mais tarde. Vou ver você antes de sair.” É isso que vou dizer. Vou encontrar uma maneira de escapar do momento da despedida, mesmo que seja claramente o momento da despedida.



Descobri há pouco tempo que algumas de minhas “peculiaridades” são, na verdade, propensões introvertidas. Eu não fazia ideia! Quando li *O poder dos quietos: Como os tímidos e introvertidos podem mudar um mundo que não para de falar*, de Susan Cain, me vi diagnosticada pela primeira vez na vida. Sentir uma sobrecarga sensorial, ter aversão

a multidões (um enigma para uma oradora) e tendência a ser caseira, odiar papo-furado, sentir ansiedade social, não lidar bem com multitarefas e ter a mente hiperativa são características de uma pessoa introvertida, e todas elas se aplicam a mim.

Dois anos atrás, confessei na internet que me escondia no banheiro como uma louca (de novo) antes de dar uma palestra, e alguém perguntou se eu era introvertida. “Claro que não”, respondi. Amo pessoas! Falo diante de multidões! Tenho personalidade forte! Não sou tímida! Tem algo errado comigo, só isso. Um leitor colocou o livro *O poder dos quietos* em minhas mãos e foi como olhar em um espelho. Cada tendência foi revelada. Eu apenas nunca tinha lido a pesquisa.

Foi extremamente libertador, porque parei de tentar dominar minha personalidade. O monólogo foi interrompido, e me dei permissão para o silêncio, a calma e a privacidade. Enfim reconheci meus limites sociais e decidi que não havia nada errado em proteger minha energia só porque tenho uma resistência mais baixa. (Minha amiga Sarah é uma extrovertida clássica, e ela pula da cama a cada dia pensando: *Será que todo mundo já acordou? Será que foram para o brunch sem mim? Será que perdi alguma conversa? Quem mais pode se juntar a nós?* Nossa...)

Sou uma introvertida bastante funcional, e volta e meia as pessoas questionam meu diagnóstico. Eu chamo como testemunha, Meritíssimo, a palestrante empoleirada no vaso sanitário. Deixe que os registros mostrem que ela funciona melhor no palco do que no lobby. Posso ir longe com alguém em uma varanda por horas, mas entrar em um grupo de estranhos é um destino pior que a morte (mantenho o talento dos extrovertidos para o exagero).

Curiosamente, eu me casei com uma pessoa extrovertida. Brandon é um tagarela cheio de opiniões, extraindo assunto de praticamente

todos os ambientes sociais. Ele fala muito e tem uma resistência alta para atividades. Quando li o capítulo de *Quiet...* sobre resolução de conflitos entre introvertidos e extrovertidos, pensei que Susan Cain havia nos espionado. Foi chocante ver o livro descrever exatamente como lidamos com o conflito a partir de campos opostos.

Ela descreveu um casal hipotético, “Greg e Emily”, e uma situação típica entre eles:

Quando Emily e Greg discordam, a voz dela fica baixa e monótona, e ela fica um pouco distante. O que Emily está tentando fazer é minimizar a agressão — ela se sente desconfortável com a raiva —, mas *dá a impressão* de estar se afastando emocionalmente. Enquanto isso, Greg faz exatamente o oposto, levantando a voz e assumindo um tom beligerante conforme fica cada vez mais empenhado em resolver o problema. Quanto mais Emily parece se afastar, mais sozinho, depois magoado, depois irritado Greg fica; quanto mais enfurecido ele fica, Emily se sente mais magoada e recua ainda mais. Muito em breve os dois estarão presos em um ciclo destrutivo do qual não podem escapar, em parte porque ambos acreditam que estão discutindo de maneira apropriada.²

Pessoal, essa é descrição *exata* de mim e Brandon, e foi assim entre nós por vinte anos. Esse parágrafo foi um banho de água fria em um dia quente. Eu acreditava de verdade que algo estava terrivelmente errado na forma como Brandon lidava com conflitos, e ele concluiu o mesmo sobre mim. A explicação do livro (além das dez páginas seguintes, todas sublinhadas) não mudou nosso temperamento, mas

promoveu a compreensão e nos ajudou a encontrar um meio-termo. A raiva faz com que eu me feche, e quando me fecho, ele fica com raiva; hoje ele tenta se acalmar e eu tento me levantar do chão. Ainda temos uma taxa de insucesso de cerca de 50%, mas, pelo menos, os argumentos fazem mais sentido.

Casamento é tão fácil...

Nós somos pais de três extrovertidos, um introvertido e um ambivalente que não consegue escolher um lado. Entender a personalidade dos filhos é extremamente útil para os pais. Aprendemos a adaptar a resolução de conflitos, os níveis de atividade e a interação pessoal para cada criança. Conectar-me com meu filho introvertido é muito fácil (“Eba! Vamos nos deitar na grama e ler o dia todo.”), mas às vezes me esforço com meus extrovertidos, porque sua necessidade de interação constante e movimento são enormes. Nós recarregamos as energias de forma diferente — eles precisam de mais de tudo, e eu preciso de menos de tudo. Essa diferença de personalidade pode ser muito cansativa, porque me sinto *de menos* e faço meus filhos se sentirem *de mais*. Quando me fecho para a FCC (Fadiga da Criança Carente), todos nós perdemos.

Aprendi a encontrar meu lugar, e isso fez uma diferença enorme. Recorro a muitas mães, e meus filhos, também. Bons amigos convidam meus extrovertidos para atividades de muita energia e parques temáticos (livrai-me, Senhor). Eles proporcionam uma interação amorosa e novos tipos de conversas. Tias e avós convidam meus filhos para passar a noite a fim de conviverem diretamente, oferecendo ouvidos interessados e renovados para todas as palavras e sentimentos. Isso tem o duplo efeito de encher os tanques de meus filhos para que eu possa encher o meu.

Também aprendi, como no caso da resolução de conflitos, a encontrar um meio-termo. Nenhuma mãe deveria cuidar de uma

criança extrovertida 24 horas por dia, sete dias por semana; por outro lado, nenhuma criança deveria se sentir um fardo. A paz reside no meio. Aqueles que buscam as sensações podem aprender a se conter, e a mãe superestimulada pode cavar mais fundo. Isso é bom para todos e dissipa a nuvem de frustração. A meus extrovertidos é dada uma quantidade suficiente de atividades gerenciáveis; não é oito ou oitenta aqui. Algo no meio basta. Também ajudou a explicar meu lado introvertido para as crianças. Embora meus filhos elétricos não compartilhem de minhas necessidades de falar pouco e ler livros, como com qualquer coisa, eles respeitam melhor quando entendem. É bom dizer: *Não é nada que vocês fazem de errado. É apenas a maneira como a mamãe recarrega as energias.* Isso alivia a vergonha que assola as crianças e os pais que funcionam de forma diferente.

Há esperança para as famílias cheias de introvertidos e extrovertidos! Podemos amar uns aos outros, nos esforçar de maneira saudável e praticar a empatia todo dia. Vou fechar este capítulo com a pesquisa encorajadora do psicólogo do desenvolvimento Avril Thorne, discutido por Susan Cain em *Quiet...*:

A parte mais interessante do experimento de Thorne foi o quanto os dois tipos apreciavam um ao outro. Os introvertidos que conversaram com os extrovertidos escolhiam temas mais alegres, afirmavam ter achado mais fácil puxar conversa e descreviam a conversa com os extrovertidos como um “sopro de ar fresco”. Por outro lado, os extrovertidos sentiam que podiam relaxar mais com parceiros introvertidos e se viam mais livres para confidenciar problemas. Eles não se sentiam pressionados a ser falsamente otimistas... Os extrovertidos precisam saber que os introvertidos — que

muitas vezes parecem desprezar a superficialidade — podem adorar ser puxados para um lugar mais leve; e os introvertidos, que às vezes sentem como se sua propensão a problematizar as coisas se tornasse um empecilho, devem saber que convidam os outros a ser mais sérios.³

Maravilha... Mas não espere que eu comece a me despedir das pessoas.

CAPÍTULO 18

Pessoas difíceis

Nota da autora: este capítulo fala sobre lidar com pessoas tipicamente dramáticas e carentes. Não serve para relacionamentos abusivos ou violentos. Se você estiver em uma relação abusiva, por favor, procure aconselhamento e intervenção.

Vantagem de envelhecer: gostar do campo de força sem drama que, com muito esforço, construí. Já tolerei muita porcaria melodramática e mimimi, mas basicamente abri mão desses relacionamentos. Principalmente porque não tenho 13 anos e não estou no Ensino Fundamental. Já tenho drama suficiente quando tento vestir uma calça jeans toda manhã; ninguém aqui tem tempo para bobagens. Já tive amigas que prosperaram no conflito e no drama incessante, e — como digo isso numa boa? — eu já superei essas coisas.

Que fique claro: todo ser humano é dramático em algum nível. Todos nós nos revezamos no banco dos loucos. Se você respira ar, tem direito a um surto ocasional, um discurso público lamentável, uma fase obsessiva e egocêntrica ou um tempo na sarjeta. (Tempos atrás, no meio do lançamento de um livro, da estreia de um programa e de duas viagens bate e volta para a África, minha melhor amiga finalmente disse: “Jen, não consigo ouvir mais uma palavra sobre seu nível de estresse. Vou lhe dar um tapa se você disser outra coisa”, e eu tipo, “EU SÓ ESTOU EMOTIVA AGORA!”. O melodrama tem vida útil, pessoal.)

Nessa discussão há duas categorias de pessoas: na primeira estão as cronicamente dramáticas e carentes, que prosperam no conflito e chamando a atenção. Esse comportamento vai além de uma fase; é compulsivo. Se não há discordância para se lamentarem (situação também conhecida como vida), elas criam. Em geral, esses são os relacionamentos unilaterais em que a pessoa possui todos os problemas, questões e perdas, e você raramente recebe — se é que chega a receber — um cuidado recíproco. Tudo é sobre ela, todo o drama, o tempo todo.

Ou talvez um relacionamento tenha um lado obscuro. Alguém volta e meia sujeita você à vergonha ou culpa, se não abertamente, pelo menos de forma implícita. Talvez um dos dois é simplesmente inseguro; não se pode confiar ao outro sua história, sua privacidade ou sua sinceridade. Quando “a hora da amizade” se torna uma tortura, é hora de reavaliar. Não é complicado: uma amiga deve se comportar como amiga, não como crítica, cínica, fofoqueira, questionadora ou irada, ou mesmo como uma mãe. Há muitas pessoas assim; não há necessidade de convidá-las para um almoço.

O que separa esse grupo do próximo é uma palavra: *opcional*. Não temos nenhuma obrigação de aguentar ou dar espaço para certas

relações tóxicas. A ética cristã turva essas águas porque damos o conceito de “sofrimento” para tais conexões prejudiciais. Priorizamos a proximidade em vez da saúde, negligenciando limites bons e adotando um papel de Salvador para o qual estamos mal equipados. “Quem mais vai lidar com ela?”, dizemos. Enquanto isso, nenhuma de vocês evolui em termos de crescimento espiritual. Ela dá prosseguimento aos padrões tóxicos e você fica presa em uma espiral de frustração, ressentimento e fadiga.

Aproximem-se, queridas, e ouçam: vocês não são responsáveis pela saúde espiritual de todos ao seu redor; tampouco devem aguentar o comportamento recalcitrante dos outros. Não é nem bondoso nem gracioso dar espaço para isso. Não fazemos nenhum favor a uma amiga destrutiva aguentando em silêncio para sempre. Ver alguém criar o caos sem responsabilidade não é nobre. Vocês não vão responder pelos hábitos destrutivos de uma pessoa insegura. Vocês têm uma quantidade limitada de tempo e energia e devem usá-los bem.

Há uma hora de manter o curso e uma hora de ir embora.

Existe um ponto de inflexão no qual o esforço se torna inútil e desgastante além da medida. Vocês não podem derramar o antídoto no veneno para sempre e esperar que ele se transforme em algo seguro, saudável. Em alguns casos, veneno é veneno, e a única resposta sã é parar de bebê-lo. Isso requer autoanálise honesta, conselheiros sábios, estreita liderança do Espírito Santo e avaliação sóbria da realidade. Pergunte: vale a pena espremer esse suco? Às vezes vale. Você pode descobrir sinais de possibilidade através dos esforços, ou pode ser necessário mais trabalho, e é muito cedo para avaliar.

Mas quando uma quantidade infinita de sangue, suor e lágrimas torna uma relação doentia — quando praticamente não há redenção,

quando as bandeiras vermelhas tiverem ondulando freneticamente por tempo demais —, às vezes a resposta mais saudável é ir embora.

Avaliar que um relacionamento vale o esforço é uma habilidade perdida. Nossa cultura não valoriza os limites de segurança como deveria. Criticamos os que desistiram, caíram fora, desenharam uma linha na areia, os que disseram: “Chega.” Muitas vezes, achamos que eles deveriam ter tentado mais, ficado mais. Imaginamos que isso indica uma lealdade frágil. Certamente teríamos feito melhor no lugar deles.

Mas quando estamos presos em um relacionamento ou uma comunidade tóxica, a poluição espiritual pode matar tudo o que há de terno e semelhante a Cristo em nós; e um mundo que assiste nem sempre testemunha aqueles tiros certos. Relacionamentos que não são saudáveis podem destruir a esperança, o otimismo, a gentileza. Podemos perder nosso coração e nosso caminho ao dedicar energia a um abismo sem fundo. Há um momento de colocar a redenção nas mãos de Deus e ir embora antes de destruir seu espírito com diligência fútil. Às vezes, a coisa mais corajosa a fazer é parar de lutar por uma coisa que nunca vai gerar um vencedor.

O relacionamento mais venenoso de que me lembro acabou há alguns anos. Embora se encaixasse na primeira categoria “opcional” (no fim), a relação foi caracterizada por controle abusivo, vergonha e *bullying*. Após o laço ter sido inevitavelmente quebrado em mil pedaços, não tive um pensamento gracioso e de perdão por um ano inteiro. Eu estava tão envenenada que levei anos para me desintoxicar. Eu tinha deixado a coisa continuar por tempo demais. Esse relacionamento causou danos reais a minha alma, e ainda luto contra parte do ceticismo que não consegui erradicar. Eu deveria ter ido embora anos antes.

Jesus modelou esse comportamento. Sem nem um pedido de desculpas, ele disse aos discípulos: “sacudam a poeira dos pés” quando encontrarem pessoas hostis (ver Mateus 10:14). Jesus deu aos indivíduos grande responsabilidade espiritual, e sua atitude de *seguir em frente* não pode ser negada. Ele não encheu de floreios as escolhas saudáveis. Disse: “Aquele que tem ouvidos, ouça!”, sem passar a mão na cabeça (ver Mateus 11:15). Jesus era terno diante do quebrantamento, mas impaciente diante do egoísmo.

Há uma segunda categoria, mais desafiadora: pessoas difíceis não opcionais. Como chefes, sogras, vizinhos, colegas de trabalho, cônjuges, filhos, pais. O “Campo de Força Sem Drama” é mais complicado aqui. A verdade é que não podemos acabar com cada relacionamento difícil. Na vida real não é assim. Felizmente, podemos e devemos nos afastar de alguns, mas muitas vezes essas pessoas assinam nossos contracheques ou nos deram a vida, por isso, estão aqui para ficar.

Como lidar com relações difíceis, dramáticas, carentes ou inseguras que não podem ser descartadas?

Um bom ponto de partida é a graça. Sem palavras doces, superficiais e sentimentais, mas do tipo duro, que vai lá no fundo. Se um relacionamento difícil é permanente, a graça vai lubrificar as engrenagens. A maioria das pessoas tóxicas é assim por uma razão. Isso não justifica o mau comportamento, mas compreender lesões precoces ou feridas ocultas amortece os golpes. Não é um passe livre, mas a empatia é uma ferramenta poderosa para o perdão e a paciência. Se temos de manter o rumo, a compaixão nos ajuda a enfrentar a estrada.

Qual é o gatilho dessa pessoa? Qual é seu botão de alarme? Onde esse comportamento se originou? A pessoa foi abandonada? Abusada? Ela lutou? Sofreu? O que lhe causa medo? O que ela teme perder? O

que está tentando evitar? Que situação desencadeia o comportamento e por quê? Com que pecado ela está lutando? Que abordagem sempre sai pela culatra/há uma alternativa? Existem áreas dolorosas a serem evitadas?

Como você pode amar essa pessoa em sua fragilidade?

É óbvio que você não pode ajudar a resolver os problemas de ninguém. Você não é terapeuta, mas apenas uma companheira atenta e perspicaz. A vida é dura, e lidar com ela é mais difícil para uns do que para outros. Podemos tornar a viagem mais difícil ou mais fácil, suavizando o caminho com graça ou complicando-o com mais obstáculos. Essa pessoa está aqui para ficar até um futuro próximo ou para sempre, então é um membro necessário de sua tribo. Você pode exercitar a compaixão sem dar espaço à má conduta.

Tenho um filho desafiador; vou chamá-lo de “Criança” porque sou uma escritora criativa. A Criança nasceu com um temperamento intenso. Todos os sentimentos são grandes: raiva, tristeza, felicidade, medo, reações. A Criança é incrivelmente sensível, o que tem sua beleza e também um lado negativo. Uma situação comum para a maioria das crianças pode ser extremamente emocional para a Criança, o que cria muito drama na casa (como se já não estivéssemos afundados até o teto no drama). Qualquer tipo de intensidade coloca a Criança em modo de luta ou fuga, no qual os mecanismos de enfrentamento são supertênuos. Nós perguntamos: “Como podemos amar melhor essa criança em sua fragilidade?”

A agressão sempre dá errado. A mão firme no braço é catastrófica. A voz levantada significa desligamento completo. A Criança precisa de tempo e distância para se equilibrar, e forçar a questão de qualquer forma não funciona. Para a Criança, vinte minutos sozinha é uma bala mágica. Aprendemos que ainda podemos agir como pais e disciplinar sem atrair agressividade. Brandon e eu não negociamos ou

abandonamos a liderança; simplesmente consideramos os gatilhos da Criança e aceleramos a resolução.

Quando temos várias opções, faz sentido escolher a abordagem que promove a cura *e* a maturidade. Muitas vezes reflito sobre a instrução de Paulo: “Façam todo o possível para viver em paz com todos” (Romanos 12:18). Se eu puder promover um encontro pacífico, se existem vários meios para um fim semelhante, se existem quaisquer medidas que promovam a boa vontade, devo escolhê-los. Essas pedras podem ser usadas para pavimentar o caminho, uma por uma, a cada momento, até que, juntos, tenhamos dado cinquenta passos saudáveis e criado uma história melhor.

Os limites vêm após a graça, porque a compaixão se preocupa com os lugares frágeis, mas os limites os impedem de comprometer o resto. O quebrantamento pode ter origens legítimas, mas, se a ferida não for tratada, ela infecciona e envenena todo o corpo (e, depois, todos ao redor). As feridas devem ser tratadas. Com uma perna defeituosa, o resto do corpo compensa através da manipulação, da agressão ou da culpa. Os limites aqui são bondosos. É melhor aplicar pressão direta sobre a ferida do que fingir que está tudo bem; pode haver piora antes da melhora, mas esse é o caminho da cura.

Eis o limite para iniciantes: você merece respeito humano básico só por estar viva. Ninguém deve menosprezá-la, desprezá-la, zombar de você ou humilhá-la. Você não deve aceitar esse comportamento. Esse não é o caminho de Cristo, nem no lado de quem dá nem no de quem recebe.

O truque sobre os limites é que eles devem se referir a você, não à outra pessoa. Notícia bombástica: não podemos controlar as pessoas. Isso piora tudo! Os limites presumem que todo o comportamento ofensivo vai continuar no futuro. Você não está alterando a conduta

de outra pessoa, mas esclarecendo o que você não vai tolerar. Vamos voltar para a Criança:

Limite ruim: “Criança, você não pode perder a cabeça e gritar!”

Limite bom: “Você pode ficar tão irritada quanto quiser, mas vai ficar no quarto. Se você quebrar alguma coisa, vai arrumar uma nova. Vamos conversar quando você estiver mais calma.” (Fim da cena. Sem implorar ou negociar. Você está calma. É a própria Madre Teresa.)

Limite ruim: “Pare de zombar de cada palavra falada nesta mesa! Você está estragando o jantar!”

Limite bom: “Se você zombar de mais um comentário, vai terminar a comida na cozinha, enquanto o resto de nós desfruta o jantar em família.” (Voz de Madre Teresa.)

Limite ruim: “Já falei cinco vezes para você lavar sua roupa! Pare de me ignorar!”

Limite bom: “Agora você vai lavar sua roupa e a minha. Sem aparelhos eletrônicos até que esteja tudo lavado, dobrado e guardado. Espero que você obedeça desde a primeira vez que eu pedir.” (Não se deixe envolver pela raiva inevitável ou pelo choque dissimulado da Criança. Você é fria. Você é uma Madre Teresa fria que acabou de terceirizar a roupa suja.)

Isso coloca a responsabilidade onde deve estar: no ofensor. Se as pessoas difíceis gritam “pule” e continuamos dizendo “até que altura?”, por que iriam parar? Se sua mãe critica suas finanças, mas você continua mostrando seu orçamento, você perderá o direito de reclamar. Se seu chefe humilha você na frente dos colegas de trabalho e sua resposta é se esforçar mais, repense esse tratamento.

Quando as consequências da má conduta afetam o ofensor, e não o ofendido, esse é o caminho para a maturidade espiritual. *Isso é tão importante.* Deus projetou a humanidade para aprender que se colhe o que se planta. As consequências naturais são um professor incrível. É

assim que somos transformados. Nós nos deitamos nas camas que arrumamos. Mas ao desejar harmonia, permitimos todos os tipos de maus-tratos; colhemos o que os *outros* semearam, privando-lhes da instrução e absorvendo o choque em seu lugar. Priorizamos a paz e não o confronto, mas o resultado é mais sofrimento, não menos. Permitir que alguém fira você repetidas vezes não é ter bondade.

Em algum nível, as pessoas vão tratá-la como você permitir. Pense no valentão que leva um soco na mandíbula e nunca mais volta a incomodar aquele garoto, mas escolhe um alvo mais fraco. No entanto, se muitos alvos mais fracos revidarem, por fim, o valentão se torna um contador chato que vai faltar ao reencontro de dez anos da turma. Quando as pessoas são forçadas a colher o que semeiam, o benefício da consequência é devidamente estabelecido, possibilitando a saúde e a cura.

Você tem permissão para se afastar de certos relacionamentos tóxicos. Observação: faça isso bem. Não alongue a despedida. Fazer isso cria mais perdedores, e você é melhor do que isso. Vá com graça. Se levar consigo dignidade, respeito próprio e sua preciosa humanidade, vai se orgulhar de si mesma dentro de um ano. Não é necessário que ninguém prove que você está certa; validação não é a aposta mais alta. Você nunca vai se arrepender de se despedir com graça, mas pode se arrepender muito de queimar uma ponte que poderia um dia ser segura para se aventurar outra vez.

E, para relacionamentos difíceis não opcionais, exerça empatia, em primeiro lugar. Se você não tiver feito isso, não tem ideia de até onde vai a cura de Deus mesmo se a outra pessoa não mudar nada. Dê à graça a chance de suavizar o caminho; ela é uma ferramenta poderosa nas mãos de Deus. Dentro do contexto da compaixão, crie limites bons e corretos para o benefício de todos. Permita que as consequências naturais sejam ouvidas e sentidas; estas também são

uma ferramenta poderosa nas mãos de Deus. Se a maturidade espiritual encontrar seu caminho, vocês dois serão mais saudáveis no final.

E se o Campo de Força Sem Drama não produzir nenhum resultado mensurável e todos os seus relacionamentos permanecerem em desordem e essas pessoas coletivamente forem idiotas disfuncionais e ninguém conseguir acertar nada... Bem, como os filmes de terror cult dos anos 1980 advertiram: “Talvez a ligação está vindo de dentro de casa.”

Quer dizer, obviamente não somos difíceis, mas as pessoas que conhecemos são. Vamos orar por elas.

CAPÍTULO 19

Bônus: cardápio do Clube Gastronômico

Esse foi um de meus cardápios favoritos do CG, feito por Aaron, que tem um talento tão inato para a culinária que quero matá-lo. Essa refeição foi tão saborosa que perdi a consciência. As receitas são de Aaron, e os comentários entre parênteses são meus, porque estou aqui para vocês.



Cordeiro assado ao molho de cebola com purê de batata com ervas/bolo de chocolate morno com doce de leite

Serve oito porções

(Prepare o cordeiro e o molho um ou dois dias antes do jantar. Quando o dia chegar, o prato principal já estará pronto. Obrigada. De nada.)

(Não se preocupe com o “cordeiro”. É como carne de panela assada. Relaxe.)

O cordeiro (dia anterior)

2,3 kg de perna de cordeiro sem osso, cortada em pedaços

4 xícaras de caldo de legumes

3 cebolas em pedaços grosseiros

7 talos de aipo picados

5 cenouras sem pele picadas

12 ramos de tomilho

5 ramos de alecrim

2 cabeças de alho partidas ao meio

Sal e pimenta

Preaqueça o forno a 180 graus. Em uma panela grande e que possa ir ao forno, tempere o cordeiro com sal e pimenta, sele todos os lados e transfira-o para uma travessa.

Na mesma panela, adicione um pouco de óleo e refogue o aipo, a cenoura e a cebola no fogo médio-baixo até caramelizar. Adicione o caldo de legumes, deixe ferver e devolva à panela o cordeiro e seu molho (refeições preparadas em uma só panela me fazem tão feliz). Adicione água até cobrir. Acrescente o tomilho, o alecrim, o alho e mais sal e pimenta, em seguida, deixe ferver. Tampe e leve ao forno por quatro horas e meia.

Deixe o cordeiro esfriar na panela, depois o transfira-o para uma travessa. Coe o caldo e descarte as partes sólidas (ou use-as para alimentar seus animais de estimação felizardos). Devolva o cordeiro para a panela e deixe-o na geladeira durante a noite. (Basta mantê-lo na mesma panela com uma tampa, porque você vai usá-lo novamente amanhã. Pratos únicos são o máximo!)

O molho de cebola (dia anterior)

220g de manteiga sem sal

6 dentes de alho bem picados

1 chalota bem picada

1 folha de louro

2 cebolas bem picadas

1 colher (sopa) de raspas de laranja

¼ de colher (sopa) de cardamomo

¼ de colher (sopa) de canela

¼ de colher (sopa) de cravo-da-índia

¼ de colher (sopa) de açafrão-da-terra

Um punhado de salsinha picada para decorar o prato

Aqueça a manteiga em uma panela grande (220g, você leu certo... Aproveite a vida um pouco). Adicione o alho e a chalota até dourar, depois reserve. Abaixar o fogo e adicione as cebolas. Cozinhe por uma hora ou mais, até caramelizar. Devolva o alho e a chalota à panela e adicione as especiarias e a folha de louro. (Seu trabalho está feito. Coloque em uma vasilha depois que esfriar, e o molho estará no ponto no dia seguinte.)

O bolo de chocolate (dia anterior)

(Não sei nem o que dizer dessa receita. Sirva essa sobremesa e torne-se uma lenda, cara cozinheira. Comece o preparo também no dia anterior, e você não vai ter quase nada para fazer no dia do jantar.)

1 caixa de mistura para bolo de chocolate

Manteiga

Açúcar

1 xícara de semente de abóbora tostada para enfeitar

1 xícara de framboesa fresca para enfeitar

Folhas de hortelã para enfeitar

Prepare um bolo normal de caixinha. (Amém e aleluia! Ninguém tem tempo para fazer um bolo caseiro.) Depois que esfriar, corte-o em pedaços de 2,5 cm por 10 cm, mais ou menos o tamanho de um dedo. (Essa é a descrição de Aaron, e eu a considero bizarra.) Passe cada pedaço no açúcar. Guarde-os em um recipiente fechado até o dia seguinte.

O doce de leite (dia anterior)

2 xícaras de leite integral

1 xícara de açúcar

1 xícara de *crème fraîche* (a ser acrescentado no dia do jantar)

Junte o leite e o açúcar em fogo médio. Abaixar o fogo, deixe ferver e bata até engrossar, ganhar uma cor marrom-avermelhada e medir cerca de uma xícara. Guarde na geladeira. Você pode preparar com até uma semana de antecedência.

Finalizando o cordeiro assado (dia do jantar)

Separe a gordura da panela. (A gordura deve ter se solidificado por cima como uma camada nojenta de banha. Se você for como minha avó, guarde isso para receitas futuras.) Retire o cordeiro, desfie-o em pedaços grandes e reserve. Coloque

a panela em fogo médio e reduza o molho até cerca de três xícaras. Uma vez reduzido, abaixe o fogo e adicione novamente o cordeiro desfiado e ¼ de xícara do molho de cebola. Deixe ferver até a hora de servir.

Transfira o cordeiro para uma travessa sobre o purê de batatas e regue com o molho de cebola restante e salsinha picada. (Você é uma heroína. Seus convidados vão elogiá-la “à porta da cidade”, como em Provérbios 31:31.)

Purê de batatas com ervas (dia do jantar)

O purê de batatas com ervas não é complicado. É só fazer um purê normal: descasque, corte em cubos, cozinhe e amasse as batatas. Acrescente muita manteiga, creme de leite ou leite, e sal e pimenta a gosto. Adicione um bom punhado das ervas picadas que você usou no cordeiro: alecrim, tomilho e salsinha. Fim.

Finalizando o bolo de chocolate e o doce de leite (dia do jantar)

Logo antes de servir, sele os pedaços de bolo com açúcar (eca, Aaron) em uma frigideira quente com manteiga. Sele todos os quatro lados. Isso só vai levar um minuto.

Em uma tigela, misture o doce de leite e o creme de leite.

Para servir, empilhe dois ou três pedaços de bolo quentes (ah, meu Deus, preciso de terapia agora) no prato de cada convidado. Despeje o doce de leite por cima e polvilhe com as sementes de abóbora tostadas, as framboesas e as folhas de hortelã.



Essa refeição é um arraso, queridas. É uma comida das mais reconfortantes. Sirva com uma salada verde simples, e o pessoal vai se sentir imensamente

amado e bem-cuidado. Escolha a bebida de sua preferência.

CAPÍTULO 20

Notas de agradecimento (parte 3)

Obrigada, Jovens Celebridades de Vinte e Poucos Anos, por me lembrarem por que eu nunca quero voltar aos meus vinte anos. Daqui a quinze anos, vocês não vão mais estrelar em vídeos de sexo, beber vodca seis noites por semana, esquecer a calcinha ou começar brigas bobas no Twitter. (Vocês não lembram que seus doze milhões de seguidores podem ler o que vocês escrevem quando clicam em Tweetar?) Lamento dizer que as fotos que vocês postaram sempre vão existir, mas, pelo menos, quando vocês estiverem nos quarenta e elas ainda circularem, vocês vão se lembrar de como seus seios eram bonitos.

Obrigada, Filha de Quatro Anos, por gritar com a irmã de dois anos: “Você vai me ouvir? Ou quer MORRER NA CRUZ PARA PAGAR POR SEUS PECADOS?!” Você destruiu minha imagem de boa mãe e ao mesmo tempo provou os perigos da má hermenêutica.

Obrigada, Calça de Ginástica para Gestantes, pelo elástico extralargo na cintura e por seu ótimo trabalho em manter escondida

minha barriga de parideira, ainda mais que faz cinco anos e meio que tive meu último bebê.

Obrigada, Xampu a Seco, por me permitir ter mais quarenta minutos de sono esta manhã. Sei que não tomei banho. Você sabe que eu não tomei banho. Mas ninguém mais precisa saber que eu não tomei banho. (Um agradecimento específico para o Xampu a Seco para Morenas, porque agora posso usá-lo sem ficar a cara de minha avó Peck.)

Obrigada, Lista de Coisas a Fazer, por aceitar quando adiciono coisas que já fiz, apenas pela satisfação de riscá-las. Não espero que você entenda minhas neuroses, mas aprecio sua política de viver e deixar viver. Restaram tão poucas coisas. Dê-me essa pequena vitória. De Sua Planejadora de Refeições, Ida aos Correios, Envio de e-Mails para Professores Em Resposta ao Assunto Ausência da Criança na Última Segunda-Feira e Consertadora de Bota.

Obrigada, *Caillou*, por ter um título estranho de modo que meu filho não possa assistir a você no Netflix.

Obrigada, Prazo Iminente de Entrega do Livro, por me fazer enxergar sujeira nos cantos estranhos e recantos da casa, que devem ser limpos imediatamente. Você também me ajudou a entender a urgência de organizar a despensa, classificar em pastas minhas fotos do Instagram e conferir a liquidação no site da Tommy. Por fim, você reacendeu minha relação com todas as redes sociais, por isso, obrigada por criar tamanha paixão por algo diferente de você.

Obrigada, Loja de Departamentos, por nos deprimir ao encher a loja com jaquetas, casacos e botas lindas em agosto, embora ainda esteja fazendo quarenta graus e a temperatura não vá cair para vinte até novembro. Essa tragédia sazonal não é culpa sua, mas nós não precisamos de polainas fofas de tricô em setembro. Ainda precisamos de uma seção de maiôs. Por favor, baixe um aplicativo de previsão do

tempo e envie-o para seus clientes. Atenciosamente, Toda Texana Que Ama o Outono Chorando de Regata num Dia Quente pra Chuchu.

Obrigada, Siri, por nunca entender nada que lhe pergunto e por pesquisar sites que poderiam me levar para a cadeia. O nome de meu marido não é Rendon, não pedi orientações para chegar à “Casa das Nádegas”, e eu não queria ligar para a fisioterapeuta à meia-noite e meia. (Eu disse “filha”, não “físio”, e agora ela está muito, muito arrependida de ter me dado seu celular aquela vez. Nunca vou conseguir uma sessão na última hora novamente.) Poxa vida, Siri.

Obrigada, Pinterest, por alimentar minhas personalidades múltiplas ao me dar a inspiração para preparar uma mousse de chocolate triplo após um intenso treino de abdominais em dez passos. Também aprecio suas inúmeras roupas e acessórios correspondentes, colocados como sugestão para mulheres normais, especialmente os jeans de tamanho 34 e tops apertados que foram feitos para bebês recém-nascidos. Se eu me espremer nessas roupas, ficaria parecendo uma linguíça tentando escapar da película que a recobre. Não sei se você já vestiu uma mulher humana, mas, ei, as roupas estão lindas esticadas no chão desse modo.

Obrigada, Sanitários com Descarga Automática. Minhas partes baixas realmente precisavam de uma borrifada rápida e desagradável quando tentei me afastar de você esta manhã. Até a parte de trás das coxas entrou na história, o que foi uma verdadeira surpresa para ela, e não uma surpresa do tipo “Ei, marquei uma viagem a Cancun para a gente”, e, sim, do tipo “Adivinha? Este não é apenas um vaso sanitário, mas também um bidê. Obrigada. De nada.” Atenciosamente, Senhora Que Acabou de Gritar no Banheiro do Aeroporto.

Obrigada, Mensagens de Texto, por garantir que, se bem executadas, eu nunca vou ter de falar ao telefone de novo na vida. Isso

é como uma parada estratégica para os introvertidos. Eu também gostaria de aproveitar este momento para agradecer aos Emojis, por me ajudarem a expressar meus sentimentos mais íntimos via gatos, gatos chorando, gatos endiabrados e mulheres vestidas de gato. Vocês realmente me entendem. No entanto, eu ficaria com um gato apaixonado em vez de pronunciar palavras todos os dias da semana. (Bate aqui!)

Obrigada, Corretor Automático, por me fazer parecer, ao mesmo tempo, uma professora de inglês e um gângster pervertido. Na verdade, eu não queria *acabar* com o bebê de minha amiga, mas sim *agarrar*. Quem é que acaba com um bebê? Eu não estou sob efeito de esteroides! Você tem sérios problemas. Sinceramente, Não Foi Isso Que Eu Quis Dizer.

Igreja, o pessoal da igreja, o pessoal que não é da
igreja e Deus

CAPÍTULO 21

Turismo de pobreza

Brandon e eu tivemos uma conversa esclarecedora com um líder local na Etiópia. Ele liderava uma igreja e uma organização sem fins lucrativos, e um grupo ocidental descobriu seu trabalho. Ansioso para fazer o bem e ainda mais ansioso para fazê-lo em terras internacionais (que lindo!), esse grupo começou a visitar um lar de crianças aos verões. Uma vez que fracassaram ao ouvir, aprender e adentrar a cultura estrangeira com humildade, sem valorizar a experiência do líder local, a intuição cultural e a autoridade, eles visitaram a comunidade todos os anos com a missão predeterminada de pintar a casa das crianças. Mais uma vez.

Então, a cada julho, antes que eles chegassem, as crianças esfregavam as paredes imaculadas com sujeira e detritos para que norte-americanos pudessem pintar e se sentir bem com sua “útil viagem anual”.

Podemos fazer melhor que isso.

É complicado, tanto para os participantes quanto para os críticos de viagens missionárias curtas, conversar sobre esse assunto com

carinho. Eu gentilmente convido você para a discussão, porque, sem dúvida, quando nos envolvemos neste mundo, nosso objetivo é ajudar e não prejudicar. Devemos ressaltar que as boas intenções são praticamente garantidas aqui. Os motivos não estão em questão, e, sim, os métodos — nosso respeito pelas culturas indígenas, pelos efeitos locais e pela sustentabilidade de longo prazo. Existem viagens missionárias de curto prazo eficazes, e, para tanto, precisamos de boas perguntas, uma autoavaliação humilde e a deferência aos moradores.

Vamos começar por onde sempre devemos começar: pela comunidade local à qual queremos servir — internacional ou nacional. Essa reflexão não deve ser feita depois de acertar os detalhes da viagem. Nenhuma comunidade é uma pauta, um canal ou uma lição, e os moradores não estão ali para aparecer nas fotos. As pessoas mais pobres não são burras, estúpidas, impotentes ou ignorantes; são engenhosas e resilientes. Deve ser erradicado qualquer pensamento errado que as considerem dignas de piedade e correção. Não começamos com a viagem; começamos com as pessoas.

Sempre que o rico e o pobre se reunirem, devemos ouvir quem tem menos poder. Os ricos são condicionados a interpretar o mundo através dos privilégios. Os poderosos tendem a desacreditar ou ignorar a perspectiva dos marginalizados porque nós podemos fazê-lo. Estamos protegidos dos efeitos de uma equação assimétrica; colhemos os benefícios e não as perdas. Não é nossa intenção (ou nem mesmo percebemos que o fazemos), mas avaliamos outras comunidades através da lente de vantagem, presumindo que sabemos o que é melhor e temos mais a oferecer. Ao fazê-lo, sem querer exaltamos nossa percepção.

Cada conversa missionária deve começar com os líderes locais, as famílias locais, os ministérios locais e a perspectiva local. *Conte-nos sobre sua comunidade. Qual é a história? O que vocês já superaram?*

Pelo que ainda estão lutando? Como você está conduzindo seu povo? O que funcionou? O que falhou? Qual é a visão local quanto ao desenvolvimento da comunidade? Quem mais está praticando uma boa liderança? Como é a parceria com o governo? Quais sistemas são falhos na comunidade? Qual é sua maior necessidade? Qual é sua maior força e para que fim? Onde Deus está agindo? Como podemos apoiar o que você já está fazendo? Como poderíamos atendê-lo melhor? Que “ajuda” já o prejudicou e como podemos evitar isso? Uma equipe com um serviço de curto prazo tem algum valor para você ou podemos ser parceiros de longo?

Em contraste, visualize um retrato de muitas pequenas viagens missionárias (e agradeço a meu amigo missionário Jamie Wright por esta perspectiva):

Convide qualquer um que possa pagar por uma viagem para um país ou uma comunidade pobre; arrecade dinheiro e suprimentos para levar (em vez de comprar no próprio país para estimular a economia); encomende camisetas com imagens e slogans do tipo: “Fazendo Discípulos e Alimentando os que Têm Fome: Igreja “Preencha a Lacuna Vai para o México” (e certifique-se de usá-las na frente dos mexicanos famintos que não são discípulos para que compreendam sua caridade); mande trabalhadores não qualificados para um projeto de construção de sua escolha (tenho certeza de que preferiria que 25 adolescentes pintassem minha casa ou construíssem toda uma estrutura a ter um empreiteiro local qualificado); faça um evangelismo com temática ocidental; desconfie dos líderes locais enquanto estão nos recebendo (e não pergunte aos missionários o que de fato pensam sobre muitas dessas viagens); volte para casa em conflito, mas grato pela abundância; e troque sua foto do perfil do Facebook por uma de você com aquela criança que você “amou”.¹

Já participei de viagens assim e ainda as liderei, então também sou uma humilde aprendiz arrependida. Posso explicar o que há de prejudicial aqui? Em primeiro lugar, o benefício para a equipe supera o benefício para a comunidade. É um fato, mesmo se acreditarmos que estamos servindo bem. Claro, voltamos para casa emocionados e gratos (pelo menos por mais um mês ou dois), mas para quê? Se o objetivo de “se expor à pobreza” se sobrepõe a um trabalho humilde, atencioso e estratégico em uma cidade desfavorecida, nós transformamos as pessoas em adereços para nosso aperfeiçoamento.

Os nativos percebem isso também. As pessoas sabem quando são o objeto de uma lição, mesmo inadvertidamente. Sim, os ricos podem estar “aprendendo muito aqui”, mas o que os pobres estão aprendendo? Que somos muito gratos por não vivermos lá? Que pesamos as circunstâncias deles com piedade óbvia e bondosa? Que vamos consertar as coisas, uma vez que eles são claramente incapazes? Esses efeitos são comuns, mas as pessoas desfavorecidas são muito educadas e respeitosas para desafiar os diligentes membros da equipe que estão saboreando sua viagem.

Ao passo que comparamos nosso estilo de vida ao deles e nos sobressaímos, eles também comparam o deles ao nosso e saem por baixo. Eles percebem que os que Têm chegaram de helicóptero para “espalhar o amor” para os que Não Têm. *Desafiar nossa perspectiva mais favorecida não pode ser nosso principal objetivo.* Não devemos usar a tristeza do outro para reforçar nossa alegria, mesmo involuntariamente. Claro que queremos lutar contra os privilégios e as indulgências, mas não à custa de outra alma. Não é digno. Destituímos as pessoas do orgulho quando agimos com paternalismo e privamos a autoridade de seus líderes. Cria-se um ônus e uma dependência, e pode ser totalmente humilhante.

Se você sentir que seu “mas...” está falando alto, eu entendo, mas meu argumento deve ser considerado, especialmente quando não para de surgir na sua mente. Para mim, a mudança em minha visão de mundo foi o resultado de anos de conversas com missionários, líderes locais, membros da comunidade pobre e diretores de organizações sem fins lucrativos. Li seus livros e aprendi as melhores práticas, confiando na autoridade e na perícia deles em suas nações e seus contextos. Viajei para outros países com eles ou trabalhei ao lado deles nos Estados Unidos como aprendiz e vi um modelo completamente diferente do que aquele que eu conhecia. Percebo mudanças nessa conversa, com grande efeito, e estou aprendendo que “o que eu ganho com a viagem” não é o maior objetivo.

Quando as minorias dizem as mesmas coisas, os privilegiados devem ouvir. Devemos fazer uma triagem de nossas experiências como pessoas dotadas de poder e atender com humildade àqueles do outro lado. Enquanto muitos membros de equipes de viagem são, sem dúvida, transformados, essa não é uma razão para continuar um trabalho que está sendo prejudicial. Não é. Ponto. O crescimento pessoal será um efeito residual, mas deve ser um benefício secundário àquele colhido pela comunidade local.

Então, como deve ser uma boa viagem missionária?

Ela claramente começa no campo missionário com os líderes locais e estrangeiros atuando no exterior ou até mesmo nas regiões mais pobres de nossas cidades, como mencionei. Nós nos aproximamos como humildes aprendizes, estranhos à cultura, à história, aos sistemas e às práticas dessas pessoas. Nós ouvimos. É tudo o que há para fazer no início. Tomamos muitas notas. Nós nos demoramos. Excluimos qualquer ideia preconcebida sobre ajudar, servir, viajar ou se envolver. Nós até largamos os pincéis (o mundo já está de saco cheio de ser pintado pela igreja norte-americana).

Nós nos voltamos seriamente para as questões sistêmicas da comunidade. Aprendemos sobre causas, estruturas falhas e desagregações sociais, como a violência e a subsequente falta de justiça; os órfãos da pobreza; o abuso de mulheres e crianças; a perda de poder econômico, a degradação ambiental, a disparidade educacional, a saúde materna, a nutrição e a saúde geral. Ouvimos o que os líderes locais têm a dizer sobre soluções sustentáveis de longo prazo e nos envolvemos na discussão com humildade. Mais uma vez, isso pode acontecer em nível internacional ou local (é chocante o quanto as classes média e alta dos Estados Unidos estão desconectadas da situação dos pobres do próprio país).

Formamos parcerias apenas com missionários locais, líderes e organizações que investem em sua cidade ou país (se você quiser servir os sem-teto de sua cidade, comece com a vizinhança que já serve aos desabrigados). Como forasteiros iletrados e inexperientes, temos de trabalhar com as pessoas que vivem, trabalham e respiram a saúde integral e sustentável da comunidade. Precisamos de especialistas confiáveis aqui. Essas viagens são caras demais — tanto no que se refere ao capital humano quanto ao financeiro — para atravessar metade do mundo a fim de montar um show de marionetes. Líderes locais altamente capacitados que são capazes de implementar benefícios de longo prazo em suas comunidades são essenciais. Deveríamos ficar maravilhados com a aptidão deles e impressionados com sua visão de desenvolvimento, que irá incluir metas de curto e longo prazos, resultados mensuráveis e soluções instruídas.

Se você quer trabalhar em comunidades pobres, a parceria deve ser de longo prazo (extrapolar a ajuda de emergência). Não podemos aparecer e depois desaparecer; tampouco podemos inventar uma viagem e então encontrar algum missionário aleatório para nos hospedar. Se formos, é bom nos prepararmos para *voltar*. É preciso

priorizar a saúde e a dignidade da comunidade no longo prazo, e, para isso, as relações são fundamentais. No Haiti, com o Help One Now, a organização sem fins lucrativos à qual sirvo, um pastor local com quem trabalhamos disse: “Depois do terremoto, centenas de igrejas vieram com promessas e compromissos, e quase nenhuma voltou.” Aposto que essas igrejas se lembram com carinho daquela viagem para o Haiti, enquanto os moradores se sentem abandonados.

Não podemos avançar um quilômetro de largura e um centímetro de profundidade no desenvolvimento da comunidade, porque trata-se de pessoas, não de projetos. Escolha sua missão e invista nela do fundo do coração. Troque nomes, telefones, e-mails, fotografias, cartas — provas do compromisso. Exalte os líderes locais e priorize a autoridade deles ano após ano, porque o desenvolvimento não está estagnado e requer uma avaliação constante. Os líderes locais devem encontrar apenas respeito, parceria e lealdade.

(Observação: quer conhecer a criança que você apadrinha? VÁ. Isso não é uma missão breve; é visitar um filho amado ou uma família. Eu vi as fotos e cartas deles grudadas na parede da casa. Você é uma querida para eles e seria uma convidada bem-vinda. Leve seus filhos. Leve as cartas que você guardou de sua criança apadrinhada. Se sua viagem é motivada por um relacionamento, então será um tesouro para todos os envolvidos.)

Devemos deixar de lado o valor de nossa experiência. Esse benefício virá de qualquer maneira, por isso, não se preocupe. Com inteligência e pensamento crítico, podemos considerar uma comunidade através da pesquisa, da parceria, da escuta e da aprendizagem. Faça novas perguntas e exija mais de si mesma, compreendendo que algumas intervenções podem ser neutras, na melhor das hipóteses, e destrutivas, na pior — e sem dúvida queremos algo melhor do que ambas. Considere os elementos mais complicados

de uma comunidade e forme parcerias para atender às questões urgentes que afetam a vida em vez de se dedicar a projetos frívolos que desperdiçam dinheiro, tempo, recursos e oportunidades. Lembre-se de que os pobres são pessoas reais, capazes, inteligentes, e trate-os com o respeito que merecem. Lute contra cada pensamento paternalista e condoído que os priva de sua humanidade.

Podemos realmente ajudar em vez de prejudicar, e é um trabalho nobre e necessário. Não devemos enviar mais um grupo de órfãos para sujar as paredes da igreja, de modo que tenhamos de pintá-la mais uma vez em julho. Em vez disso, podemos nos aproximar do bravo e corajoso pastor e perguntar: “Bom irmão, como podemos ajudá-lo a esvaziar este orfanato durante os próximos vinte anos?”

CAPÍTULO 22

Querida igreja...

Leitora, prepare-se: Brandon e eu fazemos parte de alguma equipe da igreja desde que tínhamos 21 e 19 anos, respectivamente. Quando me recordo de liderar aqueles jovens — *que eram basicamente nossos pares* —, só posso ser grata. A graça de Deus e vinte anos provavelmente apagaram tudo o que ensinamos, coitadinhos de nós. Também sou filha de pastor, ainda que de um pastor problemático. Minha vida toda vi dos bastidores a liderança da igreja.

Brandon e eu crescemos na igreja batista do Sul; alongamos o trabalho ministerial em uma igreja batista do Sul “liberal” (tenho certeza de que isso é um paradoxo; o maior escândalo teve a ver com as esposas dos diáconos, então, você sabe, *segure o queixo porque ele vai cair*); nos mudamos para uma igreja “que busca fiéis” grande e descolada; em seguida, fomos parar no abraço aleatório dos Metodistas Livres. Brandon já liderou adolescentes, universitários, discipulados adultos, eventos, ministérios de homens e, agora, uma igreja inteira. Eu estudo teologia anglicana, leio livros de oração de pastores, sirvo ao lado dos amigos do movimento Palavra e Fé e

secretamente invejo os renovados. Amo a liturgia dos presbiterianos. Lecionei em todo tipo de santuário e louvei com bandas, coros, dançarinos e quartetos. Eu amo tudo na igreja. Cada expressão dela é um pouco bagunçada, mas *tadinha*, é *nossa* bagunça.

Tenho muitas esperanças para a igreja, embora ela às vezes me dê indigestão. Percebo que muitas leitoras amadas foram feridas terrivelmente sob os campanários, um monte delas foi embora e outro monte quer fazê-lo. Algumas de vocês nunca nem tentaram, porque a igreja é tão, você sabe, igreja. É difícil organizar algo tão misterioso e maravilhoso quanto a família de Deus. Não consigo imaginar um grupo que exija mais graça.

Tenho alguns pensamentos, primeiro para os líderes da igreja e segundo para as pessoas da igreja; eu me sinto estranhamente protetora em relação a ambos, porque *sou* ambos. Amo a menina na sexta fileira que mal entrou pela porta, e amo o pastor que estudou a semana toda enquanto cuidava de seu custoso rebanho. No final do dia, ambos os grupos são apenas pessoas comuns que lutam e pecam, e às vezes agem com coragem e outras vezes agem da pior forma. A cortina é muito mais fina do que parece. Aí vai.



Queridos líderes da igreja, vocês são tão queridos para mim. Vocês foram pais e mães extras minha vida toda. Sei que a grande maioria de vocês são pessoas boas que amam a Deus e querem ser obedientes. Como acontece com qualquer profissão, os limões mais altos chamam a atenção, mas a maioria dos pastores são homens e mulheres de honra. Eu os respeito e os amo imensamente.

Ouçam, vocês deviam tirar férias. Sei que precisam fazê-lo. Considere um ano sabático, se vocês estiverem trabalhando sem parar pelos últimos doze anos. Estou falando sério. As estatísticas não estão a seu lado e devem ser consideradas: 90% de vocês trabalha entre 55 e 75 horas por semana; 70% de vocês luta contra a depressão; 80% de vocês acredita que o ministério afetou suas famílias de maneira negativa; e apenas 10% de vocês vai se aposentar no cargo de pastor. Pelo amor de Deus, 70% de vocês não tem um amigo íntimo.¹ Isso não é bom. Com números como esses, podemos repensar algumas coisas juntos pela saúde de suas igrejas, suas famílias e suas almas?

Talvez comecemos aqui: 90% de vocês acredita que gerenciam de maneira adequada as demandas do trabalho, e metade de vocês está tão desmotivada, que abandonaria o ministério se tivesse outra opção de emprego.² Qualquer carreira em que 90% dos trabalhadores se sente “insuficiente” indica um problema fundamental. Sem dúvida não é essa a igreja que Jesus pretendia. Quando sua fala diária é “Não posso fazer tudo”, talvez a resposta seja simples: vocês realmente não podem fazer tudo e deveriam parar de tentar.

Não está funcionando, vocês estão morrendo, e as pessoas estão indo embora de qualquer maneira.

Eu me pergunto se a igreja norte-americana está mal posicionada. Se a estrutura da igreja — que é voltada para atender a todas as necessidades, desenvolver as pessoas espiritualmente e organizar todos os ministérios de dentro e de fora do país — resulta em 90% de fracassos, talvez devêssemos reavaliar. Quando uma comunidade de fé está centralizada na igreja, espera-se que a equipe tenha total responsabilidade espiritual pelas pessoas, o que está bem além de sua capacidade. Claro, algumas igrejas têm equipes tão grandes que pagam para profissionais manterem os pratos girando. Mas a maioria

das igrejas é de pequeno ou médio porte, com uma equipe modesta, que não pode lidar com tais demandas.

Eu me pergunto se um esquema “venha e vamos fazer tudo, conduzir tudo, organizar tudo, agendar tudo, executar tudo, inovar tudo, cuidar de tudo e financiar tudo” ainda é bíblico. Isso coloca líderes e seguidores diante do fracasso, criando um paradigma centrado na igreja, no qual o discipulado é liderado pela equipe e orientado por programas. Aos poucos, isso constrói uma cultura de consumo, em que a responsabilidade espiritual é transferida dos seguidores de Cristo aos pastores, e essa é a receita para o desastre.

Os números colocam esse efeito sobre vocês, mas há também um impacto negativo na congregação e, por fim, na comunidade. É frustrante quando você diz ao povo: “Venham no domingo para a adoração, na terça-feira de manhã para o estudo da Bíblia, na quarta-feira à noite para o grupo comunitário, na quinta-feira à noite para Awana [<http://awana.org>], na sexta-feira à noite para um projeto de serviço, no sábado à tarde para a aula de liderança.” Intencionalmente ou não, você cria uma cultura na qual o discipulado é medido pelo comparecimento.

Dá a entender que todas essas *coisas* contam mais.

Ironicamente, enquanto você trabalha tanto a ponto de preparar sua precoce sepultura, os fiéis também se sentem sobrecarregados. Não é de se surpreender que vocês estimulam um ao outro. Cada grupo se sente ressentido; os pastores se perguntam *O que mais essas pessoas querem de nós?*, e o pessoal da igreja se pergunta *O que mais esses pastores querem de nós?* Essa abordagem não forma discípulos, mas cria uma situação em que todos perdem e ninguém sente que pode atender às expectativas.

E o que dizer da comunidade? Quando se espera (abertamente ou não) que as pessoas invistam principalmente em ministérios

conduzidos por uma equipe, você fracassa em lançar missionários em sua cidade — não porque as pessoas não se importam, mas porque *não têm mais tempo*. Embora os dados sejam difíceis de solidificar, a igreja está perdendo cerca de cinquenta mil pessoas por semana. As razões são inúmeras, mas o fator número um citado são as demasiadas responsabilidades familiares, que levam a horários sobrecarregados.

Isso está acontecendo, e talvez por isso a igreja possa abraçar novas formas, novas medidas de sucesso. Incentivar uma maior descentralização alicerçada na missão e na flexibilidade, criando margem para ocupar e ao mesmo tempo defender o Reino. Como líderes, vamos ampliar a definição *do que conta*. Será que uma reunião informal de sete pessoas discutindo sobre Deus é mais leve que um culto da igreja? Se uma família cede duas horas de uma terça-feira, isso é menos significativo do que duas horas em um domingo? Se um seguidor de Cristo passa horas atraindo amigos que estão buscando a Deus à base de um encontro gourmet, não podemos esperar também que ele participe de três programas da igreja para legitimar o investimento.

Ironicamente, quanto mais responsabilidade as pessoas assumem por seu desenvolvimento espiritual e pelo do vizinho, mais saudáveis elas vão se tornar — além de menos ressentidas com a igreja, menos dependentes das programações e dos pastores. Isso libera os funcionários para funções mais razoáveis e as pessoas para serem bons vizinhos.

Eis minha sugestão, pastores: ofereçam menos, capacitem mais, validem ministérios não convencionais e estabeleçam um novo padrão a partir do púlpito. Preguem isso, ensinem isso, celebrem os servos não convencionais, exaltem as vidas missionárias simples, e se o sistema estiver acabando com vocês, parem de alimentá-lo. Não seria

um alívio maravilhoso? Isso poderia ser profundamente bom para você e para os membros de sua igreja.

Só mais uma coisa: os números nos dizem que vocês sofrem em silêncio e lutam envergonhados: 77% de vocês acredita que o casamento não vai bem; 72% só lê a Bíblia ao estudar para um sermão; 30% teve casos extraconjugais; e 70% de vocês está completamente solitários.³

Vocês estão mal! Faz sentido, uma vez que são seres humanos, como qualquer pessoa na igreja. Vocês são tão incrivelmente humanos, mas têm medo de admitir. Poucos de vocês o fazem. Claramente, os pastores lutam muito; contudo, raramente ouvimos isso do púlpito. A pessoa mediana se senta na igreja cansada e sobrecarregada, sem fazer ideia de que o pastor entende profundamente sua dor. Então, todo mundo continua fingindo.

Você tem medo de ser transparente, às vezes com razão. Nem toda congregação é segura para um líder honesto. Algumas igrejas preferem a ilusão, porque depender da humanidade de um pastor é difícil e desconfortável. Mas o medo é uma terrível razão para ficar em silêncio. O medo é uma terrível razão para fazer qualquer coisa. Não é um motivo confiável e nunca nos leva à plenitude. As Escrituras nos dizem claramente que o medo não é de Deus, de modo que agir fora da autoproteção nos afasta cada vez mais de uma vida do Espírito, o que é uma ruptura impossível para qualquer pastor navegar.

Isso é mais que uma omissão. Poder e autoridade podem corromper a mais querida das almas, e líderes que não têm transparência são mais suscetíveis a liderar de maneira abusiva. O orgulho não conhece fronteiras, e quando se protegem do púlpito, os pastores tendem a se tornar manipuladores, motivados pelo medo e controladores. Se você é infalível no domingo de manhã, começa a acreditar que é infalível de segunda a sábado também. As pessoas tornam-se mercadorias para

proteger a fachada, e os riscos de exposição e perda podem transformar pastores em tiranos.

Quase 40% das pessoas que abandonaram a igreja citam ter desconfiado do pastor. Peço-lhes para entrarem no púlpito e dizerem a verdade. Sobre si mesmos. A vulnerabilidade é absolutamente transformadora e cria mais confiança, e não menos. Seu povo está quebrantado e ferido, e instruções sem identificação aprofundam a vergonha — tanto a sua quanto a deles. Que alívio abençoado quando um pastor confessa sua humanidade! Quando vocês se apresentam no palco como inumanos, as pessoas colocam expectativas inumanas em vocês quando estiverem em qualquer outro lugar. Vocês são mais que líderes; também são um irmão ou irmã, e a família precisa de mais pessoas que falem a verdade. Brené Brown, em seu livro *A coragem de ser imperfeito*, revelou: “Se formos encontrar um jeito de sair da vergonha e voltar para o outro, a vulnerabilidade é o caminho, e a coragem é a luz. É um ato corajoso definir as listas do que *deveríamos ser*.”⁴

Tiago observa desta forma (e eu adoro essa paráfrase em *A Mensagem*):

Vocês estão sofrendo? Orem. Sentem-se bem? Comecem a cantar. Estão doentes? Chamem os líderes da igreja para orar por vocês e ungi-los em nome do Senhor. A oração confiante irá curá-los. E, se tiverem pecado, serão perdoados — curados por dentro e por fora. Façam disso uma prática comum: confessem seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros, para que vocês possam viver juntos, integrados e curados. (Tiago 5:13-16).

Em outras palavras, digam a verdade sobre como vocês estão, mesmo que seu nome esteja na berlinda. Se estiverem sofrendo, digam. Se estiverem doentes, digam. Se estiverem pecando, digam. A prática sagrada da confissão cria comunidades de fé sinceras e saudáveis. Que teologia incrivelmente importante! O caminho para a cura parece terrível, líderes da igreja; mas essa Escritura ou é verdadeira ou não é. A confissão salva quem fala a verdade e quem a escuta, pois Deus é liberado para agir. Acredito nele por isso. Já vi. Um sermão inebriante emociona as pessoas, mas um sermão vulnerável as liberta.

Uma igreja saudável começa com o líder, e as pessoas confiam na bússola de sua identidade. Fiquem bem, bons pastores. Afastem-se por um tempo, se precisarem. Falem verdades emancipadoras e petrificantes diante de seu povo; deem a essa instrução bíblica a chance de trabalhar. Avaliem a cultura de sua igreja e verifiquem se vocês estão formando discípulos ou consumidores. Por favor, sejam ternos com vocês mesmos e sua igreja; todos, incluindo vocês, estão lutando uma batalha dura. Vamos remover os jugos pesados que colocamos uns sobre os outros ao tentar acertar essa coisa de igreja. Deem uma graça tremenda e a permissão para seu povo, e ele vai devolver tudo isso a vocês.

Vamos deixar nossas comunidades de fé bonitas novamente usando as ferramentas comuns que sempre funcionaram: verdade, confissão, humildade e oração. Certamente elas não são sofisticadas, mas salvam e curam.

Até vocês.



Querido pessoal da igreja, primeiramente, deixe-me ampliar a definição de “pessoal da igreja”. Quem é o pessoal da igreja, o pessoal que era da igreja e o pessoal da igreja em potencial? É uma categoria fluida, então, tudo o que você pode fazer é se aproximar. Vocês são preciosos para mim. Particularmente, gosto das pessoas espinhosas, que estão à margem, mas fui criada pelas senhoras do coral com caçarolas nas mãos, então tenho muito espaço no coração para todas as panelinhas.

Vamos em frente para discutir algumas “coisas”: a igreja é um pouquinho louca. Eu sei. Eu sou. Aproximadamente quatro de vocês têm alguma “bagagem” na igreja. Essas feridas vão desde “isso é irrelevante e estranho” a “esse lugar esmagou minha alma”. Já vivi ambos, de modo que prometo ser uma amiga gentil.

Quando eu era criança, pensei que meus pais sabiam de tudo porque eram pais. Eu não sabia como as informações sobre todas as coisas haviam sido transferidas para eles, mas tinha certeza de que elas estavam com eles. Meus pais pareciam muito velhos e paternais, e eu acreditava que eles estavam totalmente certos sobre nosso mundo e seus acontecimentos. Como era a vida real deles? Não faço ideia. Eu pensava que eles existiam para serem nossos pais.

Quando me dei conta de que meus pais estavam na casa dos vinte e trinta anos quando nos criaram, eu me apavorei. Que bebês! Eles não sabiam de tudo! Não tinham certeza de nada! Eu sei, porque já saí da casa dos vinte e trinta, e não sabemos nada de nada. Usamos fumaça e espelhos enquanto tentamos descobrir atrás de portas fechadas. Além disso, às vezes estamos mal-humorados e cansados de sermos pais e mães e só queremos ir para a casa da própria mãe e tirar um cochilo.

Nossos filhos não sabem que somos pessoas reais, mas vão descobrir um dia.

Acho que muitas pessoas da igreja se sentem dessa forma em relação aos pastores. Nós os vemos como especialistas em tudo, superespeciais e, de alguma forma, diferentes (melhores) de nós; e suspeitamos que estejam sempre certos quando, por vezes, duvidamos. Além disso, seu trabalho é nos pastorear, e é assim que começam e terminam o dia. Assim como as crianças não veem os pais como humanos, presumimos que os pastores existem para pastorear.

Queridos, os pastores são terrivelmente humanos. Vocês leram os parágrafos anteriores? A maioria está lutando, solitária, oprimida e triste. Eles enfrentam os mesmos pecados e tendências que você e são igualmente suscetíveis à areia movediça da vida. Seus corações não são menos bondosos e suas almas não são menos vulneráveis. Às vezes eles não têm certeza. Às vezes projetam autoridade enquanto tentam entendê-la por si mesmos. Eles podem cometer erros como maridos, pais e amigos, e muitas vezes erram. Sua lista de deveres pode ser assustadora, e a maioria dos pastores vive com um medo crônico de desapontar as pessoas.

É óbvio que eles aceitaram um papel pastoral, que vem com uma responsabilidade. Eles vão responder a Deus por cuidarem das almas, e confiem em mim: essa realidade torna-se séria quando o fato de serem humanos não os escusa de uma liderança humilde e diligente. A quem muito foi dado, muito será exigido, e isso certamente se aplica ao cuidado humano. Ser pastor não é um papel a ser aceito com leveza.

Mas, eu me pergunto, quantas expectativas são colocadas em meros homens e mulheres? Eles têm as mesmas 24 horas no dia, as mesmas capacidades básicas e a mesma “vida fora da igreja” que qualquer um — cônjuges, jogos de futebol, viagens, jantares. Algumas coisas são culpa deles, eu sei. Eles lhes dão a impressão de que podem atender a todas as suas necessidades (e de que talvez não tenham

nenhuma necessidade própria). Talvez tenham uma turma, um membro da equipe e um currículo, de modo que tudo parece sob controle. Além disso, se eles não são transparentes, o pedestal está protegido.

E essa coisa do pedestal. Que pesadelo. Por favor, não alimentem isso. Essa ideia criou alguns monstros. Quando a igreja é menos como uma família e mais como uma empresa, os líderes agem menos como pastores e mais como CEOs. Isso coloca todos em perigo — os líderes e as pessoas. O abuso espiritual prospera onde os pastores são intocáveis e as pessoas são mercadorias. Ninguém tem essa intenção, mas o poder absoluto corrompe em cada ambiente humano. As coisas certas se tornam pequenas demais — a humildade, Jesus, as pessoas comuns da igreja, a simplicidade —, e as coisas erradas se tornam grandes demais — os pastores, as hierarquias tóxicas, o sucesso, as aparências.

As igrejas em geral carregam um fardo pesado. Após quarenta anos sob os campanários, estou convencida de que queremos mais do que a igreja foi projetada para fornecer. Com frequência, expectativas irracionais deixam os pastores empobrecidos (ou sedentos por poder) e as pessoas decepcionadas (ou codependentes). A igreja primitiva era formada por comunidades pequenas e orgânicas que se reuniam em torno de mesas, viviam vidas simples em missões e amavam a Deus e ao próximo. E era basicamente isso. Os primeiros crentes reuniam-se para a renovação, os ensinamentos, os jantares e a união. Era tão básico e adorável. Todos faziam sua parte, davam sugestões e louvavam a Deus. A igreja primitiva não era sofisticada ou divertida, impressionante ou complicada, mas conseguiu levar o Evangelho a todo o mundo.

Eu não sei quais são seus sentimentos sobre a igreja, mas e se você libertasse seus pastores para serem pessoas comuns, sua igreja para ser

uma simples família e sua vida para amar a Deus e as pessoas?

Não quero minimizar os danos da igreja; essa dor é real e os ferimentos causados por pessoas supostamente confiáveis cortam fundo. Sei disso pessoalmente. Você não vai me ouvir dizer: “Um pastor ou uma pessoa da igreja machucaram você, mas eles são humanos, então deixe *pra lá*.” A humanidade de alguém não é uma licença para ferir, especialmente no que se refere àqueles na liderança. Como qualquer organização, a igreja tem líderes principalmente maravilhosos e confiáveis, e alguns manipuladores e abusivos. Eu gostaria que pudéssemos proteger a igreja de nossa humanidade, mas, infelizmente, os dois estão ligados de maneira irremediável. Os líderes da igreja são bons e velhos pecadores, mas devem ser corrigidos com discernimento. Nós não colocamos nossa família sob uma autoridade espiritual sem nos preocuparmos (meus pontos de verificação são, nesta ordem, humildade, transparência e integridade).

Mas sob um líder humilde, junto a pessoas comuns que amam a Deus e uns aos outros, a igreja pode ser a família segura com a qual Jesus sonhou. Pode mesmo. Sem expectativas irrealistas depositadas uns sobre e os outros, somos livres para criar uma bela comunidade.

Você é capaz de ter uma vida cheia do Espírito e em missão sem a constante gerência da igreja. Isso liberta você? Ajuda você a libertar a igreja também? Você possui os bens: aqui está sua Bíblia, ali está seu vizinho, você sabe orar, tem olhos para ver sua cidade e o Espírito Santo habita em você. As ferramentas do Reino já são suas: as Escrituras, uma mente inteligente, uma mesa de cozinha, mãos habilidosas, capacidade de estudar e aprender, um coração cheio do amor de Jesus, uma varanda, pessoas que podem nos ensinar, pessoas para amar. Posso ser sincera? A vida é complicada, mas o Reino é simples. Nós complicamos os caminhos de Jesus.

Ame a Deus, ame as pessoas.

Aja com justiça, ame com misericórdia, caminhe com humildade.

Trate as pessoas como você gostaria de ser tratado.

Se quiser ser grande, seja um servo.

É simples de verdade — um Reino puro vivido de formas comuns por pessoas comuns. Vamos soltar as algemas uns dos outros um pouco. Nossos pastores e nossas igrejas nos ensinam e nos unem, nos desafiam e nos lançam, mas nenhuma igreja substitui sua bela e valiosa vida em missão. Você cumpre um papel extraordinário através de meios comuns, e nenhum líder ou igreja pode fazer isso por você. Não há o todo sem as partes.

Se você acha que uma vida obediente requer mil partes móveis, um monte de programas da igreja, um movimento internacional, um ministério grande e sofisticado ou uma plataforma gigante, deixe que a descrição de Jesus sobre o Reino liberte você: *pequeno, invisível, humilde, minúsculas sementes, especialmente escondido*. A fidelidade não é fácil, mas é simples. Você já é capaz, já está posicionado, já é valioso em sua vida comum em sua rua comum ao lado de seus vizinhos comuns em seu trabalho comum. O sacerdócio fiel é real.

Além disso, as pessoas da igreja também são bons e velhos pecadores. Se pudesse corrigir isso, eu o faria. Como se vê, a igreja não é uma reunião de moedas novas e brilhantes. Ela permite que qualquer um entre! Todos os tipos de pessoas lotam os santuários: os gentis e os bondosos; os irritados e os cínicos; os maldosos e os que julgam; os espertos e os engraçados; os quebrantados e os tristes; os estranhos e os desajeitados; os preciosos e os amorosos; os assustados e os feridos; os corajosos e os apaixonados; os moradores locais e os forasteiros; os novatos e os de sempre; e os que estão tentando de novo. Apenas um monte de pessoas humanas. Toda igreja tem todas essas pessoas. É a maior bagunça, mas é evidente que seu lugar é aqui, porque é o de todo mundo. Encontre sua pequena tribo de fé (ela

existe) e aprenda a amá-la com toda a graça e humildade que você puder reunir.

Se permitirmos que as pessoas sejam humanas e que Deus seja Deus, a igreja tem uma chance de lutar. Se você se mostrar corajoso e verdadeiro, e os líderes se mostrarem corajosos e verdadeiros, se você tomar seu lugar, e eu, o meu, o Reino vai triunfar de todas as formas possíveis. Deus é grande e bom o suficiente para nos levar, e, juntos, talvez possamos ver seu Reino na terra e no céu.

CAPÍTULO 23

Se as redes sociais já existissem

Lá nos velhos tempos, eu fazia álbuns de recortes (você consegue imaginar? Não é nem um pouco minha cara, não é?). Bem, era o que eu fazia. Eu tirava 24 fotos desfocadas por rolo de filme (esse “rolo” era o que colocávamos nas “câmeras” para gravar as fotos), as revelava no laboratório e terminava com quatro fotos medíocres que eu cortava em triângulos e colava nas páginas temáticas dos álbuns. Além de recortar todas as fotos dos meus bebês em forma de coração e colar nelas adesivos (preciso de terapia), a maior desvantagem era que não havia maneira de nos gabarmos publicamente delas. Porque as redes sociais não existiam (jovens leitoras, nós nos comunicávamos por meio do que chamávamos de “telefones fixos” e escrevíamos o que eram conhecidas como “cartas” e filmávamos as manhãs de Natal em “câmaras de vídeo gigantes que apenas homens adultos conseguiam carregar”).

Hoje, aqui no novo mundo, sou a louca do Facebook desde que Mark Zuckerberg decidiu que dinheiro era mais importante do que tentar conhecer, mesmo sem jeito, colegas da universidade. Uma vez

que ele abriu as portas de sua criação, eu logo me tornei aquela mãe que reclama dos afazeres, compartilha fotos de festas do *So You Think You Can Dance*, e espiona com quem os filhos adolescentes se relacionam.

Não vou mentir: amo as redes sociais. Elas me conectam, me reconectam e me apresentam a algumas das pessoas mais engraçadas, inteligentes, criativas e interessantes da terra. Elas também devoram um *zilhão* de horas que eu deveria usar para escrever, me exercitar e impedir que meus filhos batam uns nos outros com paus. É um lugar de afirmações incríveis (Ah! Eles gostam de mim!) e de um menosprezo incrível (Ah! Eles me desprezam!), de modo que tenho um caso de amor e ódio com elas. Mas sempre largo tudo o que estou fazendo para assistir a vídeos de gatos correndo em pisos encerados.

Também adoro mergulhar nas postagens de um mês ou de um ano atrás e instantaneamente me inundo de lembranças, morro de rir de fotos e às vezes excluo um *status* demasiado honesto. (Obs.: informações sobre ovulação não pertencem ao Twitter. Obrigada. De nada.) Infelizmente, as reminiscências eletrônicas só são possíveis a partir de 2004, quando as redes sociais passaram a existir. Antes disso, só temos fotos granuladas em forma de estrela nos álbuns de recortes. A barreira digital que me separa de meu passado me deixa com grandes perguntas como: “Será que Simon Le Bon teria me seguido no Twitter?”, ou “Quantas curtidas minha foto de formatura da oitava série teria ganhado?”, ou “Será que o Tinder teria destruído a infraestrutura delicadamente equilibrada dos namoros que marcou a Universidade Batista de Oklahoma no início dos anos 1990?”

Em um mundo onde tudo está conectado por bluetooth e um liquidificador pode FAZER UMA SOPA certamente alguém vai inventar uma maneira de jogar caixas de sapatos, agendas e álbuns de fotos anteriores a 2004 em um picador digital para fazer engenharia reversa

em nossas vidas das redes sociais. Quando isso acontecer, estou bastante certa de que, nos velhos tempos, meu histórico das redes sociais seria algo parecido com isto:



Jen King @JenKing — 25 jan. 1984 — Houma, LA

A igreja comprou um computador para o papai! É tipo coisa dos anos 2000! Ele não tem ideia de como usar. É pequenininho, só pesa 12 kg. #FORTRAN #PaiParedexingar



Jen King @JenKing — 30 set. 1984 — Houma, LA

O treinador-papai me fez lançar de novo, pois Jennifer não conseguia acertar a lateral de um celeiro. Rosto imundo porque a poeira gruda até levar às lágrimas. Coberta de poeira de laranja queimada. #PiorCorDaVida



Jen King @JenKing — 22 mai. 1987 — Houma, LA

Mãe e pai na igreja há HORAS. Estou em casa vigiando as crianças. AFFF. #TrabalhoInfantil Lindsay não para de pedir comida cajun. A gente mora em Houma. #FaçaVocêMesma



Jen King @JenKing — 13 abr. 1989 — Haysville, KS

Eu me diverti horrores com aquele grupo jovem! #GuerreiroDeQuarta Ganhei a competição de esquetes com minha imitação de Paula Abdul #StraightUp



Jen King @JenKing — 27 jan. 1991 — Haysville, KS

Ensaiaando a coreografia da competição de torcidas. Jennifer M. se atrasou de novo. Ela precisa levar isso a sério! isso é tão importante e

sempre será.



Jen King @JenKing — 13 out. 1991 — Haysville, KS

Odeio a aula de datilografia. Quando é que essa habilidade estúpida vai me ser útil? Como se datilografar fosse ser meu ganha-pão. #AtéParece #Apple2eBLAH



Jen King @JenKing — 16 mai. 1992 — Haysville, KS

Passei na Universidade Batista de Oklahoma! Não sei onde fica Shawnee, mas vai ser melhor que Haysville. #Liberdade #AGrandeAventura #PreparemOsCavalos



Jen King @JenKing — 28 jul. 1992 — Haysville, KS

Mamãe me levou para fazer compras e me deu um macacão! Mal posso esperar para usá-lo na faculdade! Com uma alça solta, claro. #EstiloWillSmith #FreshPrincess



Jen King @JenKing — 16 ago. 1992 — Shawnee, OK

Primeiro dia na UBO! Peguei meu RX7, uma carta de motorista nova, e tem garotos por todo lado! #PeloAmor Mal posso esperar para ligar a cobrar para mamãe e contar tudo!



Jen King @JenKing — 21 out. 1992 — Shawnee, OK

Aquele tal de Brandon fica aparecendo em tudo quanto é lugar: na sala das correspondências, em qualquer igreja que eu estiver, na cafeteria. Eu o chamo de #MeninoDaCamisaPolo



Jen King @JenKing — 14 fev. 1993 — Shawnee, OK

Brandon e eu escrevemos cartas todo dia. Nós NUNCA vamos parar de fazer isso. Vai ser nossa marca. Finalmente, encontrei o amor da minha vida. #FireHouse



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 31 dez. 1993 — Wichita, KS

Nosso casamento foi dos sonhos. Cores: verde-floresta e vinho, claro. Vestidos longuetes para as madrinhas. Sem álcool na recepção. #Batista #EEuTenho19



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 12 de dez. 1994 — Shawnee, OK

Comemorando 1 ano de casamento estudando para a prova de atualidades. Nova constituição da Etiópia #Afff #NemIdeiaDeOndeSeja



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 14 mai. 1996 — Shawnee, OK

Acho que mamãe está surpresa de verdade por eu ter me formado na UBO hoje, e não estar #Grávida #SouProfessora



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 8 jun. 1996 — Tulsa, OK

Contratada para dar aula para a quarta série na Jenks East, em Tulsa. Vou ganhar 75 dólares para comprar material para o ano inteiro! Deve render muito! #Chique #CarsonDellosa



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 10 set. 1996 — Tulsa, OK

Aposto que meus alunos e pais amaram esses pacotes semanais de Estudos Sociais! Isso que é aprendizagem de qualidade! Mal posso esperar para fazer a lição de casa com meus filhos um dia!



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 23 jun. 1997 — Tulsa, OK

Férias da escola! Bem a tempo de acompanhar o acampamento do grupo jovem de Brandon. #SemDescanso Onde vende maiô em Tulsa? #ModéstiaÉMaisChique



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 1jul. 1997 — Tulsa, OK

O acampamento dos jovens foi ótimo! Morri de chorar na Noite da Confissão do Círculo da Vela de Oração e nas 79 rededicações. Todos somos os #DoidosPorJesus agora. #DCTalk



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 4 set. 1997 — Tulsa, OK

Não estou dizendo que a meninada da quarta série me enoja, mas hoje é o terceiro dia em que vomitei antes da primeira aula. Eca. Essa gripe está deixando meus seios doloridos também. #Bizarro



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 20 set. 1997 — Tulsa, OK

Brandon nunca me entende, e lecionar é tão difícil e se começo a chorar não quero mais parar. #TristePorTudo



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 30 set. 1997 — Tulsa, OK

Gente, dormi na mesa hoje. Os alunos me acordaram. Ai, meu Deus. É como se eu não conseguisse passar das seis da tarde. Pesquisei sobre câncer de mama nas microfichas. #sintomas



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 9 out. 1997 — Tulsa, OK

Gente, vocês nunca na vida vão adivinhar o que vou contar. É sério. Ninguém nem imagina... #VocêsNãoTêmIdeia #Atordoad



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 21 mar. 1998 — Tulsa, OK

Se minha barriga crescer ainda mais, talvez eu precise de um CEP próprio. Se a Hasbro vendesse um kit caseiro de cesariana, eu compraria um agora. #ABalançaMeFazChorar



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 9 abr. 1998 — Tulsa, OK

RT @BrandonHatmaker nós fizemos um bebê e o bebê nasceu! ele vai morar com a gente! #GavinJoseph



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 11 jul. 1998 — Tulsa, OK

Meu bebê minúsculo acabou de destruir o banco de trás inteiro com uma explosão de cocô. Foi algo de outro mundo. Vou jogar o banco fora. #SemConserto #MeuCarroÉUmEsgoto



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 13 ago. 1999 — Corpus Christi, TX

Dando aula para a primeira série (????) na Luther Jones no Texas! Primeiro dia: escrevi meu nome no quadro e uma criança disse: "Tia, a gente não sabe ler." #OMG #Socorro



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 2 set. 1999 — Corpus Christi, TX

No Texas eles põem estrelas em, tipo, tudo. Nas rodovias, papéis de hambúrguer, tatuagens. Nunca vou tomar esse Kool-Aid. #Obsessão



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 19 set. 1999 — Corpus Christi, TX

OMG se eu não comprar um cheeseburger da Wendy's nos próximos cinco minutos, vou cometer um assassinato.



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 28 set. 1999 — Corpus Christi, TX

Não consigo parar de chorar. Tipo, o mundo é tão duro. Para quê? Ninguém se importa. Todos vamos morrer e ninguém vai se lembrar

de nós. #triste



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 3 out. 1999 — Corpus Christi, TX

Como se eu fosse acreditar em um teste de gravidez que custou quatro dólares. Como se Deus fosse me dar dois bebês de uma vez só. #PeloAmor



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 13 fev. 2000 — Corpus Christi, TX

Compramos uma casinha que precisa de reforma. Se meus instintos de mãe não estivessem falando mais alto, reformar essa casa com Brandon seria um pesadelo. #NuncaMais



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 23 mai. 2000 — Corpus Christi, TX

Meu Deus RT @BrandonHatmaker Se houver um jeito de amar uma bebezinha ainda mais, quero ver. Sou um campeão em escolher uma esposa e fazer bebês. #SydneyBeth



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 15 jul. 2000 — Corpus Christi, TX

A reforma acabou, a cidade de Corpus Christi é linda, o emprego de Brandon é ótimo, Sydney dorme a noite toda. #Perfeição #FiqueParaSempre



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 1 out. 2000 — Corpus Christi, TX

Advinha quem está se mudando para aquela Sodoma e Gomorra infestada de hippies conhecida como Austin? Nós! Eu = Jonas, Austin = Nínive #UhulSQN



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 3 mar. 2001 — Austin, TX

QUERIDA AUSTIN, NAMORE COMIGO. Tacos no café da manhã. Música em todo lugar. Pessoas legais. Já falei dos tacos no café? #MinhaCidade #Apaixonada



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 2 jul. 2001 — Austin, TX

Comprei ingressos para o campeonato texano de futebol em vez de pagar a conta de luz. Dispensando propaganda de Austin. #KoolAid #VenhamMorarAquiFamília #TenhoSeusNetos



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 24 ago. 2001 — Austin, TX

As aulas recomeçaram e eu não. #BarlowTrina medicando os sintomas da minha abstinência de professora com mimosas contrabandeadas. #EquipeDaIgrejaProíbeBebida #DonaDeCasa



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 16 out. 2001 — Austin, TX

Brandon encontrou a mim, Gavin e Sydney chorando no chão da cozinha hoje. Ele não sabe como é a minha vida. Sinto falta de um trabalho remunerado. Sou uma péssima mãe. Os seios doem. #triste



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 4 jun. 2002 — Austin, TX

Sério? RT @BrandonHatmaker Há pouco tempo celebramos o fato de Jesus ter saído da tumba. Hoje, meu novo filho, Caleb, saiu do útero. #TrêsÉDemais



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 22 mai. 2003 — Austin, TX

Três filhos. Conduzindo outro estudo bíblico. Maridão trabalhando 70 horas por semana no ministério. Como ocupo aqueles cinco minutos de tempo livre no dia? #Sarcasmo



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 30 jun. 2003 — Austin, TX

Pensando em transformar minhas coisas de estudo bíblico em... alguma coisa. Um panfleto? Um folheto? Será que eles encadernam na Kinko's? Posso pegar uma máquina de escrever emprestada? #NãoTenhoComputador



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 22 jan. 2004 — Austin, TX

A VIDA É ABSURDA. Querem publicar meu folheto. Acho que posso escrever um livro e #JáDeu antes de voltar a #DarAula. #DeixarBethMooreEscreverOsLivros



Jen Hatmaker @JenHatmaker — 17 fev. 2004 — Austin, TX

Estou adorando escrever sem parar e de forma produtiva, mas vou dar uma espiada nesse negócio de Facebook para ver se conheço alguém... #PequenaPausa

CAPÍTULO 24

Notas de agradecimento (parte 4)

Obrigada, Marido Doente, porque o que eu pensei erroneamente ser apenas um resfriado com um pouquinho de febre é, ao que parece, algo mais próximo dos sintomas iniciais da peste negra com uma parte de doença hepática. De acordo com suas descrições, você está apresentando sintomas de uma pandemia que existiu na Europa por volta de 1300 d.C. Devemos alertar o Departamento de Controle de Doenças! Quer dizer, claro, eu me virei com a carona, o jantar, a ajuda com as lições de casa e as atividades de quatro crianças na semana passada, quando tive infecção de garganta e gripe, mas você só fica na cama com a garganta irritada. *Não queremos infectar as crianças.*

Obrigada, Escritores de Spam, porque estou curiosa para ter notícias do Suco_de_Idiotismo em minha publicação sobre a criação de filhos estrangeiros. Amo a forma como você faz a conversa fluir naturalmente ao escrever: “Olá, meu nome é John, estou muito interessado em comprar o seu {o que você quer vender}, vou gostar de você me der o PREÇO FINAL e as últimas condições, tenho um serviço de frete confiável que cuida de toda as minhas mercadorias. Então, pfv,

me responda para concluirmos a negociação. Xau Xau, John.” Talvez as estratégias de aquisição da língua inglesa que discuti no artigo poderiam ajudar você. Obrigada mesmo assim, Nenhum Interesse Em Me Tornar Uma Consumidora Misteriosa no Paquistão.

Obrigada, Lojas de Departamento, pelos pisca-piscas fluorescentes, pela tinta amarelo-sujo na parede e pelos espelhos ajustáveis no provador onde experimento roupas de banho. É por causa de vocês que eu bebo.

Obrigada, Responder a Todos, porque eu amo receber cinquenta e-mails que dizem: “Parabéns!”, ou “Estou orando!”, ou “Hahahaha”, ou “Muito obrigada, Obama.” Realmente, meu dedo que aperta deletar está forte o suficiente para executar todos aqueles golpes que aprendi nas aulas de defesa pessoal. Você potencialmente salvou minha vida. (Observação: Obrigada, Papai, por todas aquelas mensagens encaminhadas sobre controle de armas. Você acertou na mosca sobre as principais preocupações políticas de suas três filhas adultas.)

Obrigada, Trampolins, Pula-Pulas Infláveis e Aulas Animadas de Aeróbica, por me lembrarem que dei à luz vários filhos. Se, de alguma forma, a falta de sono, de células cerebrais ou a aparência abatida de mãe não fizerem o truque, você deflagra minha nova falta de controle da bexiga. Não, eu não queria usar essa calça o dia todo. Deixe-me revirar a monstruosa pilha de roupa suja em busca de uma calcinha de biquíni para usar, já que as vinte calcinhas que eu comprei antes de 2003 — quando eu me preocupava com a roupa de baixo — estão todas sujas.

Obrigada, Spotify®, porque, se não fosse por suas sorrateiras atualizações do Facebook, meus amigos não saberiam que acabei de ouvir Jock Jams. Atenciosamente, Mãe Que Estava Apenas Se Preparando Para Botar Para Quebrar.

Obrigada, Artistas do Subway, por sempre usarem luvas porque, realmente, eu me sinto muito melhor quanto à integridade de meu sanduíche frio depois que você abriu e fechou o forno, limpou o balcão com o pano sujo e levantou a tampa do lixo cinco vezes enquanto prepara meu sanduba. Porque você está com luvas sanitárias. Está tudo bem. Tanto faz. Não é como se o presunto tivesse sido recentemente cortado de um porco de origem local por um chef treinado. Não há nem mesmo uma cozinha aqui, a menos que você considere uma câmara frigorífica. Até onde posso dizer, tudo o que há de “cozinha” aqui se restringe a um micro-ondas e uma torradeira. Apenas me dê meu sanduíche de 15 cm. Eu tomo vitaminas.

Obrigada, Clube do Livro, por permitir que minhas amigas e eu mantenhamos a fachada de que ainda somos jovens e inteligentes e lemos livros, quando, na verdade, só comemos e bebemos. Por favor, não conte a nossos maridos, porque nós damos a impressão de que isso é puramente um estímulo intelectual.

Obrigada, Testes do Facebook, por me ajudarem a identificar qual princesa da Disney eu sou, qual é meu nome de velha, qual é meu transtorno mental e qual é a cor de minha alma. Tudo em uma noite. Tudo de bom, Ariel Harriet Esquizofrênica Cor de Malva.

Obrigada, Jeans Skinny Masculino, por fazer os caras acreditarem que se parecem com Justin Timberlake ao passo que a maioria se parece mais com o Gru, de *Meu malvado favorito*.

Obrigada, Disney, por fazer minha filha achar que o único bom começo para uma historinha de mentira é matar a mãe. Você também apresentou meu filho ao Mogli, o menino lobo. Ele precisava de uma boa desculpa para sair correndo de cueca com fácil acesso às partes baixas. Sinceramente, Mãe Que Ama Dizer: “Tire A Mão Daí, Menino.”

Obrigada, canal ABC Family, por sua programação “para toda a família”. Eu sempre deixo meus filhos sintonizarem seus programas estrelados por mentirosos, prostitutas e assassinos. Não sei qual é sua definição de “para toda a família”, mas uma trama em que se mata a meia-irmã surda e companheira secreta da lésbica rainha do baile é demais; se liga, pessoal.

Obrigada, Taco Bell, por saber que cem sachês de molho e zero guardanapo é o número perfeito de coisas a serem colocadas na sacola para viagem.

Obrigada, Loja de Frango e Legumes Congelados, por ser o jantar improvisado que diz que eu me importo. Um pouco.

Obrigada, Todas as Roupas de Bebê do Mundo. Vocês são muito fofas e parecem inocentes, mas seus fechos são tão ardilosos que exigem um diploma de engenharia, e suas meias NÃO SÃO FEITAS PARA PÉS DE BEBÊ. Vocês são tão fofas que, até meu bebê, aos berros, estar vestido, ele já ouviu mais maldições do que um juiz de futebol. Obrigada, Loja de Roupas Infantis. Meu bebê está tão lindinho. Para que servem esses fechos aleatórios no pescoço e na virilha? Atenciosamente, Suada.

Obrigada, Arrecadadores de Fundos Para a Escola, por fazerem meus filhos acharem que não podem viver sem os brinquedos de 25 centavos que vocês distribuem como “recompensas” por vender o equivalente a seis mil dólares de papel de embrulho e pastinhas e geleias. Quando vocês invadem a escola com sua barulhenta música de estádio de basquete e vendem suas mercadorias, isso é basicamente extorsão. Todo ano tenho de dizer a meus filhos que, em nenhum contexto, a partir de nenhum exercício da imaginação, eles vão ganhar um passeio de limusine para um show da Taylor Swift vendendo velas. Não dá para parar não?

Obrigada, Mulher Que Faz Minhas Unhas, por sempre perguntar de uma forma triste e não muito sutil se eu também gostaria de fazer as sobrancelhas.

CAPÍTULO 25

Caros cristãos, por favor, parem de ser chatos

Com base em uma interação real no Facebook:

EU: Amo você, Facebook. No último mês, construímos uma casinha para uma família desabrigada de Austin, arrecadamos cinquenta mil dólares para o Help One Now e nos comprometemos a apadrinhar mais quatrocentas crianças na Etiópia. Um bom trabalho para o Reino. Vocês são incríveis. Vocês são dos meus.

COMENTADOR ALEATÓRIO: Cadê o Evangelho, Jen? Há meses sigo seu blog e sua página do FB, e não vi NEM SINAL DO EVANGELHO. Acho que devo tê-lo “deixado passar”. Você tem muitos seguidores e deveria levar isso muito a sério. Você tem uma responsabilidade maior e vai responder por sua influência.

Isso me dá vontade de arrumar as coisas e me mudar com a família para a Suécia. Para ser sincera, amo Jesus, mas às vezes seus

seguidores me dão dor de cabeça. E, em vez de ficar mais paciente, estou me tornando intolerante. Na verdade, o mundo inteiro está exasperado, e a frustração vem se transformando em indiferença. *Afff, lá vem a patrulha cristã hipócrita. E daí? Vamos adiante.*

Esta não é mais uma conversa opcional. Já não dá para tratar esse comportamento como fazemos com o louco do tio Bob, que age como um caipira racista (mas, sabe como é, é só o tio Bob, e não tem problema, desde que ele nunca descubra as redes sociais). A questão não é mais banal ou irrelevante. Estamos perdendo influência em nossa cultura, e o porquê não é mistério. As pessoas estão explicando claramente por que estão abandonando a fé ou têm muito medo de se aproximar dela. Uma das principais razões é esta:

Os cristãos.

Sei que o êxodo em massa é multifacetado e merece uma análise imparcial, mas o denominador comum é tão abundante, que temos de encará-lo. Ainda mais que os outros fatores — uma visão de mundo pós-moderna, culturas religiosas em transformação, obstáculos geracionais, mudanças na dinâmica da família tradicional — são mudanças sísmicas que estão, em grande parte, fora de nosso controle. Essas transformações culturais estão acontecendo dentro *e* fora do cristianismo e são necessárias para que possamos avaliar e compreender.

Mas tratar mal uns aos outros não é um fator que os cristãos podem deixar passar.

Isso acerta bem entre os olhos.

Ouçá, sei que sou, como diz minha amiga, um ímã para porcarias cristãs (que gracinha esse termo!), pois um número desproporcional de pessoas lê minhas palavras. Eu entendo. Entendo mesmo. Uma boa parcela de cristãos anuncia com regularidade o quanto crio mal meus filhos, vivo mal, lidero mal e até mesmo cozinho mal. Eu atraio uma

concentração de críticas, e, para ser honesta, sei lidar com isso. Sei mesmo (Deus operou um milagre em mim para que eu pudesse sair da cama de manhã, e deixei de sentir que devia agradar aos outros). Não ajo assim porque fiquei magoada, cara leitora, pois a maioria de vocês é a alegria de meu coração. Além disso, vocês policiam os loucos por mim, então batam aqui!

Isso é muito maior do que eu. É meu vizinho que responde a meu convite para ir à igreja, dizendo: “Ah, não. Eu vejo como os cristãos falam com você, e você é a garota-propaganda deles. Iriam me destruir. Tenho pavor deles.” É a próxima geração chorando pelos amigos e colegas diferentes, rejeitando a igreja que não os aceita. É minha amiga esperta e engraçada que vive na solidão porque as “amigas” cristãs a feriram e envergonharam, e ela tem medo de tentar de novo.

Moramos em Austin, uma cidade tão incrivelmente sem igrejas, mas que eu amo. Nossa comunidade é tão secular, que me separo do pacote cristão homogêneo e entro em sintonia com a perspectiva dos “de fora”. (“De fora” é um termo enganador, uma vez que cerca de 65% das pessoas do país não frequenta nenhuma igreja. Melhor seria dizer: “a maioria das pessoas”.) Vivemos tempos de urgência. O caminho de Jesus não está se sustentando, e presumir o contrário é uma canção de ninar perigosa que embalará nosso sono enquanto nossas comunidades se atolam e lutam. Somente uma negação determinada consideraria nossa subcultura cristã saudável.

Já que *nem tudo está bem*, é hora de sermos humildes — amar os vizinhos e o mundo que nos teme e rejeita. Isso não é sobre sermos bem-quistos ou populares, nem é um Evangelho suave que prefere harmonia à redenção. Eis a verdade: se estamos inibindo os outros de encontrar Jesus, isso constitui uma crise de grandes proporções. Em última análise, a rejeição aos cristãos implica uma rejeição a Jesus, e se

isso não nos aflige é porque não estamos entendendo nada. Jesus tentou imprimir isso em nós. Essa era sua determinação.

“Com isso, todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros” (João 13:35).

“Eu neles e tu em mim. Que eles sejam levados à plena unidade, para que o mundo saiba que *tu me enviaste, e os amaste* como igualmente me amaste” (João 17:23, grifo nosso).

A mulher samaritana.

O bom samaritano.

O cego Bartimeu.

A viúva pobre.

Zaqueu.

Há uma clara correlação entre a forma como tratamos uns aos outros e o modo como o mundo que nos observa vai se sentir em relação a Jesus. O que o próximo deduziria de nossa benevolência uns para com os outros? Opção um, que nós obviamente pertencemos a Jesus, pois o que mais explicaria essa comunidade linda? Deve ser tão convincente que os outros a interpretam como sobrenatural — *essas pessoas devem pertencer a Deus*. E, de acordo com Jesus, o cartão telefônico de Deus é o amor. Se as pessoas não reconhecem que Deus é bom ao observarem seu povo, então tragicamente saímos dos trilhos.

É certo que Deus ama as pessoas, pois como se explica esse comportamento? *Essas pessoas são queridas, e, se elas estão imitando seu Salvador, então ele deve ser um bom Salvador*. As pessoas amadas perdoam e encorajam, servem e elevam, porque são preciosas para alguém. Elas vivem dentro de um paradigma ridículo que diz “os outros em primeiro lugar” e que apenas pessoas queridas e seguras dão conta de colocar em prática. Deus ama muito essas pessoas, o que as torna loucas de tão bondosas. De que outra forma poderíamos

entender essa bondade? *E será que isso significa que Deus me ama também?*

Fico intensamente triste ao perceber que o mundo que nos observa está muito distante dessas conclusões. Quão longe está esse Reino tangível? Quando pergunto a minhas amigas não cristãs a que conclusão elas chegam ao observar os cristãos, a resposta delas é tão diferente da descrição que eu dei que eu poderia passar dias chorando. A cultura secular reconhece nossa teologia, mas eles se sentem lamentavelmente confusos quanto ao nosso amor — o que significa que lamentavelmente os deixamos confusos quanto a nosso Deus.

Falaremos sobre amar o próximo mais tarde; primeiro, vamos discutir sobre amarmos uns aos outros. No Novo Testamento há muitas instruções sobre amar os irmãos e as irmãs de fé. Todos os escritores mencionaram a gravidade da questão. Não é apenas nosso testemunho, mas também nossa recompensa. Que tesouro recebemos junto com a salvação! Os solitários, os párias, os doentes e os tristes herdaram uma família. Ganhamos mães e pais, irmãs e irmãos. Somos bem-vindos à mesa e convidados para entrar nos corações e nos lares. Não penamos doentes em uma cama sem companhia; não enfrentamos nenhuma tragédia sozinhos. Professores, mentores, amigos — eles se tornam nossos. Essa é uma parte integrante da salvação. Deus criou uma família inteira a partir de nós, e colhemos os benefícios. Quantas vantagens insanas!

Por que essa realidade não é para muitos?

Uma vez que existe uma desconexão notória para tantos viajantes cansados, podemos discutir o fracasso juntos? Estamos falando de eternidade — então a situação é bem triste. Fé, Jesus e almas são coisas substanciais e queremos desesperadamente entendê-las direitinho. Temos um texto antigo que veio de uma cultura diferente da nossa, e queremos pegar as palavras e as histórias ali e fazer o bem

de acordo com elas. Queremos que estejam vivas e sejam verdadeiras em nossa geração. Queremos que digam que fomos fiéis.

Esses são os objetivos nobres, sem dúvida. Mas, de meu ponto de vista, vejo um vilão familiar: o medo.

Tendemos a colocar o mistério em uma fórmula, optando por um Evangelho mais gerenciável em vez do Evangelho imprevisível e não domesticado que temos. Queríamos que ele tivesse linhas mais nítidas e limites mais claros, pois quem pode compreender um Salvador que nasceu em um celeiro e lavou os pés de seus seguidores antes de morrer por pessoas que o odiavam? Quem pode seguir Jesus nos caminhos que ele andou? A igreja primitiva era uma bagunça. Os “heróis” de Deus na Bíblia eram um desastre. A teologia foi constantemente mal-interpretada depois que o carpinteiro de Nazaré turvou a água que antes parecia clara.

Não é de se admirar que, por muito tempo, a humanidade preferiu o legalismo, que envolve um território muito mais limpo. Dê-me uma regra qualquer dia. Dê-me distinções nítidas entre o que “pode” e o que “não pode”, porque os limites me dão segurança. Se eu puder demarcar claramente as fronteiras, então me sinto certa de que estou por dentro — uma posição que me sinto obrigada a defender, a única coisa de que posso ter certeza. Quero estar diante de Deus após ter entendido direito.

Esse mecanismo acaba criando um medo visceral: será que estou entendendo *direito*? Será que compreendo Deus corretamente? Será que minha teologia é precisa? Estou agradando a Deus? Estou banindo as dúvidas? Posso defender minhas posições? Meus argumentos são sólidos?

Infelizmente, o caminho mais fácil que leva a respostas satisfatórias envolve confirmar que os outros estão por fora. É um truque barato, certamente, mas eficaz. Se eu puder acusar suas interpretações e

tradições, meu lugar é mais bem assegurado. Não importa se essas questões são inteiramente secundárias; o fato de estarem “certas” ou “erradas” é, por si só, reconfortante.

A verdade é que Deus redimiu o mundo através das culturas, dos países, das potências mundiais, dos sistemas, das ordens religiosas, das tendências, dos movimentos e dos corações humanos desde o início dos tempos. Seus caminhos estão totalmente fora de nossa compreensão. Claro, eu conheço a Deus e o amo em meu contexto, pois é o único que conheço; e sou grata por ele ter me encontrado aqui. Mas ele salvou pessoas dentro e fora da igreja, dentro e fora das religiões, dentro e fora das tradições desde o começo dos tempos. Ele opera de maneiras verdadeiramente misteriosas, que só conheceremos no céu. E é provável que fiquemos chocados.

Eu também suspeito de que “entender tudo direitinho” não é a mais alta ordem de Deus. Repetidas vezes a Bíblia eleva o amor sobre o conhecimento, a misericórdia sobre o sacrifício. O conhecimento é um companheiro complicado, porque às vezes pode nos proteger do Evangelho. A doutrina é um terreno mais ordenado do que a carne e o sangue. De qualquer maneira, sem dúvida, nenhum ser humano já esteve diante de Deus após ter “entendido tudo direitinho”. Nenhum. Nós nem sequer sabemos o que não sabemos. Nossos pontos cegos são terrivelmente cegos. Alguns dos acertos mais acertados acabaram se mostrando errados. Alguns dos teólogos que mais acertam estão em lados opostos da doutrina. Alguns dos líderes que mais acertam destroem pessoas na esteira de seu intelecto.

Será que o mais alto nível da “teologia correta” envolve amar a Deus e as pessoas como Jesus sugeriu?

O medo faz de nós irmãos e irmãs terríveis. Não precisamos pegar tanto no pé um do outro. De qualquer modo, deveríamos tratar-nos uns aos outros como família. Nossos irmãos em Cristo não precisam

de outro pai; eles têm a Deus (como digo a meus filhos a cada segundo, mais ou menos: “Se eu precisar de sua ajuda para criar vocês, vou pedir”). A condescendência que usamos para falar uns com os outros — corrigindo publicamente, procurando defeitos e criticando, questionando e reprovando, abrindo mão do benefício da dúvida — é um saco. Por isso, muitos observadores passam ao largo dessa família.

Como em qualquer família, temos questões a resolver. Não estou sugerindo que abandonemos as conversas difíceis ou ignoremos um irmão ou uma irmã que está a caminho da sarjeta. Devemos ensinar e liderar uns aos outros, mas esse deve ser um trabalho fiel e amoroso entre companheiros da vida real que merecem o direito de falar a verdade. Deve envolver discussões privadas envoltas de dignidade e graça, priorizando tanto o entendimento quanto a instrução. Não deve incluir presunçosos tiros de misericórdia que transformam alguém em vítima.

Espero que o mundo veja uma comunidade que está de braços abertos, que conforta e recebe e parece determinada a construir uns aos outros. Espero que nos considerem bondosos, generosos, empenhados e leais. A igreja me criou, me abraçou forte e continua a ser minha família inabalável; e não tenho a menor ideia de onde eu estaria sem ela. Que possamos demonstrar amor de maneiras grandes e pequenas, e que esse amor alcance as pessoas que estão acostumadas a ser ignoradas ou envergonhadas. As estrelas brilhantes não devem receber toda a atenção; vamos procurar aquelas cujas luzes se ofuscaram, pois não somos uma tribo de supernovas, mas de luz constante e coletiva.

Vamos tratar bem uns aos outros, criando mais espaço para todo tipo de pessoas. Não precisamos confundir unidade com uniformidade; podemos ter a primeira sem a segunda. A família de

Deus tem a amplitude da misericórdia. A graça, ao que parece, não tem discernimento. Jesus criou um grupo heterogêneo, arrancando-nos de todos os contextos e inaugurando um clã fragmentado que, desde então, funcionou sempre com misericórdia. Deveríamos estar agarrando as mãos, jogando a cabeça para trás e rindo, pois Deus salvou a todos nós; certamente esta é a família mais bagunçada de todos os tempos e ele nos ama mesmo assim. Nossa redenção compartilhada deve nos manter gratos e bondosos; que outra resposta ainda faz sentido?

Que o mundo veja uma família grata e comprometida que ama seu Deus, adora seu Salvador, e cujos membros não se cansam um do outro. Essa é uma história que salva, uma história que cura; é a história certa para contar.

CAPÍTULO 26

Sobre mulheres

Helen, Marie, Ann, Inez, Ruth, Mavis... Elas eram amigas de minha avó e estão presentes em minhas lembranças mais antigas. Todas elas me carregaram nos braços durante minha primeira semana de vida. Não me lembro de minha avó sem elas — na cozinha, jogando dominó, tirando férias na cabana dela no Colorado, indo a nossas formaturas, levando os presentes mais pretensiosos em casamentos e chás de bebê. A amizade delas durou sessenta e tantos anos ao redor de tabuleiros de dominó, varandas, balcões de fórmica e café descafeinado. Suas mãos gastas alisaram nossos cabelos, acariciaram nossas costas, limparam nossas lágrimas e fritaram nosso frango à milanesa em banha de porco.

Judy, Rita, Sandy, Debi, Prissy, Cheryl, Sharon, Melissa... Elas eram as amigas de minha mãe. E também estão presentes em quase todas as minhas lembranças de infância. Crescemos nas casas delas. Consigo imaginar todos os cômodos das casas — os recantos onde brincávamos de pique-esconde, aquele corredor onde ouvíamos conversas alheias através da grade de ventilação, os quintais onde

descascávamos toneladas de lagostins cozidos, as cozinhas com estoques de Ovomaltine... Todas as crianças pertenciam a todas as mães, e elas nos criavam coletivamente, um termo vago que significava, basicamente, manter-nos vivos, naquela época. Essas mulheres trocaram nossas fraldas, nos deram uma carona para o baile de formatura e choraram em nossos casamentos. Seu riso coletivo é como uma trilha sonora da infância.

Cresci com tantas mães e avós comuns e extraordinárias.

É provavelmente por isso que valorizo tanto minhas amigas, embora eu tenha demorado para dar crédito à mamãe e à vovó. Em meu mundo, era assim que os adultos levavam a vida. Você e suas melhores amigas cuidavam de cada questão que a vida colocava. Em conjunto, vocês criaram um monte de crianças e, depois que elas cresceram, vocês ainda tinham umas às outras, além de uma montoeira de netos, genros e noras e casas limpas pela primeira vez em 25 anos.

Por toda a minha vida, as mulheres foram incríveis para mim.

Espiritualmente, cresci com mensagens contraditórias quanto ao valor da mulher. A igreja ensinava que as mulheres eram grandes em seu lugar, mas esse lugar era bem estreito. Minhas mães e avós eram incrivelmente capazes e inteligentes. Nunca entendi por que ocuparam um lugar pequeno no Reino se ocuparam um espaço enorme em meu desenvolvimento. Seu conjunto coletivo de habilidades era impressionante: elas eram professoras, empreendedoras, empresárias, profissionais do direito, corretoras de imóveis, administradoras. Elas eram líderes em casa e no trabalho, mas eu não vi sua autoridade se traduzir na igreja.

Gostaria que tivessem tido a permissão e a influência que Deus está devolvendo em minha geração. Lamento pela pouca oportunidade dada a essas mulheres, pois o Reino precisava de uma dose maior da

liderança feminina. Seja como for, somos filhas e netas de mulheres incríveis, e é nosso papel nos levantarmos e continuarmos seu legado. Nós nos apoiamos em seus ombros, e nenhuma mulher moderna seria uma líder hoje sem as conversas que elas suscitaram ou as mudanças que forjaram. Com coragem e determinação, nossas mães e avós fizeram a diferença para as mulheres.

Deus está revelando mulheres ao redor do mundo. Ele sempre trabalhou e continua a trabalhar através de mulheres e meninas, que são metade de sua igreja. Assim como os homens e os meninos, elas carregam sua imagem, elas são talentosas, prendadas, inteligentes e ungidas.

A igreja clandestina na China diminuiria sem mulheres. As mulheres disseminam o Evangelho no Oriente Médio correndo risco de vida. As mulheres lideram movimentos sociais de baixo para cima combatendo a pobreza, e são pioneiras em criar legislações de cima para baixo com o mesmo fim. Elas trabalham em silêncio e com estardalhaço; no palco e nos bastidores. Nunca houve um momento melhor para ser mulher!

Embora tenham sido historicamente oprimidas, as mulheres mantêm uma dignidade que, sem dúvida, será eternamente recompensada. Mulheres em todo o mundo são corajosas e responsáveis. Quando uma mulher ganha dinheiro, é mais provável que irá gastá-lo na própria saúde e segurança, bem como na de seus filhos. Para cada dólar ganho, ela vai gastar oitenta centavos na saúde e no bem-estar de sua família (por outro lado, os homens gastam apenas cerca de trinta centavos em suas famílias e são mais propensos a desperdiçar o resto).¹ As mulheres mantêm comunidades unidas há séculos.

O que estou tentando dizer é o seguinte: acho as mulheres surpreendentes. Elas sempre foram.

Somos uma geração muito abençoada. Não temos de escolher entre doçura e autoridade, uma tensão com a qual o feminismo secular se viu às voltas. Podemos ter ambos. Ficamos com as vitórias das gerações passadas, além da esperança da nossa. Podemos fornecer hospitalidade *e* declarar a Palavra de Deus; nutrir nossas famílias *e* abraçar nossos dons; pôr a mesa da comunhão *e* a mesa da teologia. Sou muito grata por ver minhas filhas liderando com coragem. Elas não vão ter de lutar por pouco nem sufocar seus dons. *Elas só precisam estar ligadas.*

Irmã, chegue mais e ouça: você é inteligente e capaz, forte e sábia. Você é uma vencedora, um membro valorizado do corpo de Cristo. Você tem muito a oferecer. Você pode reunir sua tribo de amigas e criar seus filhos juntas, proporcionando-lhes a mais feliz das infâncias, sobre a qual nunca reclamarão. Você pode abrir sua Bíblia e pregar as boas-novas para os pobres. Você pode construir amizades fiéis ao redor de sua mesa e pode esticar a mão através dos oceanos para as mães de todo o mundo. Você pode fazer um trabalho pequeno. Você pode fazer um trabalho grande. Você é tão capaz em Jesus, tão amada, tão aprovada.

Se alguém fez você se sentir invisível ou inferior, escreva uma nova narrativa em seu coração. A Bíblia foi usada para subjugar as mulheres por séculos, mas o Novo Testamento revela mulheres liderando a igreja, profetizando, ensinando e trabalhando junto com os homens. Vamos florescer sob a instrução de Paulo: “Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar, que maneja corretamente a palavra da verdade” (2Timóteo 2:15).

Você está aprovada.

Você é trabalhadora.

Você não tem do que se envergonhar.

Você lida com a verdade.

Você é uma operária sancionada e honrosa na esplêndida tarefa de amar a Deus e as pessoas. Você tem um papel. Seu lugar é seguro. Se não você, quem? Quem mais vai levar esperança a seu povo? Quem mais vai abraçar os cansados e os solitários? Quem mais vai ensinar a boa palavra e proclamar suas promessas? Quem mais vai rir dos dias que virão com coragem? Quem mais vai criar seus filhos para ter força? Quem mais assumirá a responsabilidade por seu povo e seu lugar?

Você.

Iremos juntas. Seremos as mães de todos os nossos filhos e avós de todos os nossos netos. Vamos torcer umas pelas outras, recusando-nos a duvidar de nossos dons. Quando você temer, vou declarar: “Você consegue.” Quando você sussurrar um sonho, vou gritar em um megafone que você é corajosa, maravilhosa e importante! Quando eu estiver abatida, você vai me lembrar de que sou uma trabalhadora aprovada e sem motivos para me envergonhar; levantaremos a cabeça umas das outras e lidaremos com a verdade umas para as outras.

Está na hora. Não espere permissão; ela já foi dada. Lidere, irmã. Você tem autoridade para usar sua casa como um santuário, suas mãos como ferramentas de cura, sua voz como um instrumento de esperança, seus dons como canais incríveis de poder.

Se alguém tem o dom de profetizar, use-o na proporção da sua fé. Se o seu dom é servir, sirva; se é ensinar, ensine; se é dar ânimo, que assim faça; se é contribuir, que contribua generosamente; se é exercer liderança, que a exerça com zelo; se é mostrar misericórdia, que o faça com alegria (Romanos 12:6-8).

Vamos fazer isso. Vamos cumprir o bom trabalho para o qual fomos contratadas. Silencie qualquer voz que sussurrar “não é suficiente” e ponha-se de pé na verdade como uma trabalhadora aprovada. É o que você é. Jesus a fez assim. Se Deus examinou a cruz e declarou que estava consumada, então não era suficiente para todos, exceto para você. Se Jesus cuidou de tudo, então ele cuidou de tudo. Agora você está aprovada, querendo ou não. Ou, como Deus disse a Pedro: “Não chame impuro ao que Deus purificou” (Atos 10:15). Beleza, então. Essa é uma instrução bastante simples.

Se você precisa negociar, negocie. Lute contra o que quer que a jogue para baixo ou a deixe à margem. Você é muito vital para entregar a vida ao arrependimento, à vergonha, à insegurança ou ao medo. Nós não somos escravas daqueles mestres; Jesus cuidou disso. Enfrente seus problemas com coragem, irmã, porque a verdade e o amor vencem, e você tem essas duas cartas para jogar. Pergunte a Deus: “Em que mentiras eu acredito sobre mim mesma? Em que mentiras eu acredito sobre ti, Senhor?” O Espírito Santo é um incrível líder e curador. Não o impeça; coloque seus problemas sobre a mesa e lide com eles. Encare as coisas. Perdoe, liberte, reconheça, enfrente, sinta as emoções, desapegue, creia na verdade, seja lá o que você precisar fazer. Em seguida, sacuda a poeira das mãos e prepare-se para *ir*.

Acho que estamos prontas, não estamos? Posso ouvi-los. Os sonhos, as visões, a emoção. Eu me espanto com as mulheres em toda parte. Elas estão superando, resistindo, sobrevivendo, brilhando, liderando, arriscando, mostrando-se, erguendo a voz, levantando-se. Elas estão perseguindo sonhos enquanto vivem a vida. Volta e meia fico espantada. Esta geração está escolhendo levantar umas às outras em vez de derrubá-las, encontrando maneiras de amar a Deus e às pessoas através das gerações, das culturas, dos países e dos obstáculos.

As mulheres estão ensinando com autoridade tamanha que me deixa arrepiada. Estamos fazendo coisas difíceis em trincheiras invisíveis. Estamos dizendo sim quando dizer não seria mais fácil. Estamos dizendo não quando dizer sim seria mais fácil. Estamos assumindo a responsabilidade por nossas irmãs ao redor do mundo porque já aguentamos o suficiente; não vamos ficar de braços cruzados enquanto as pessoas são maltratadas, traficadas, vendidas e abandonadas.

Se as mulheres de fato sustentam metade do céu, então vamos levantar os braços bem alto.

Vamos lançar mão da própria vida.

Tire todas as partes difíceis — os fracassos, as perdas, as feridas — e os dê a Jesus pela glória. Ele faz mágica com eles, eu garanto. Essas cicatrizes são um presente; elas dizem: “Veja, eu estive lá, e agora ainda estou de pé e você também vai conseguir.” Elas vão se tornar medalhas de honra, agentes de cura.

Esta realidade é sua única vida, livre e preciosa. Você é muito importante. Você está escrevendo uma história boa para seus filhos. Sua comunidade e sua igreja precisam de você, seus vizinhos e seus familiares precisam de você, Deus a ama e Jesus está interessado em você. Aqui estamos nós, sua comunidade de mulheres que percorre unida esta corrida, orgulhosa de você, tocada por você. Nós vamos tropeçar; faz parte do percurso, mas não vamos deixar nenhuma mulher para trás. Nossa geração cruzará a linha de chegada tendo amado a Deus e as pessoas com todas as nossas forças. Teremos vidas imperfeitas para oferecer, certamente, mas eu sonho com o céu, vendo milhões de pessoas amadas, onde espero ouvir: “Muito bem, boas e fiéis servas. Sem dúvida foi divertido assistir a vocês.”

Conclusão

Talvez eu tenha mencionado que temos galinhas. Nós nos mudamos para nossa antiga casa de fazenda, limpamos o viveiro, e agora somos donos de galinhas. (Nota para potenciais donos de galinhas: vários predadores gostam de matar galinhas, que não são inteligentes o suficiente para escapar; por isso, é aconselhável não as tratar como animais de estimação ao, digamos, chamá-las de McNugget e Teriyaki e Barack O´Brahma, como *certos* donos de galinhas que presumiram que suas galinhas viveriam para sempre. Como meu filho Ben disse: “Na Etiópia, nós não choramos pelas galinhas.” Devidamente anotado.)

Gente, as galinhas são tão engraçadas. Abrimos a porta do viveiro todas as manhãs e elas saem pulando como corredoras olímpicas. Nós as deixamos soltas o dia todo, e cada uma tem ideias próprias. Temos três galinhas tratantes que se espremem através da porta todos os dias e passeiam nos quintais dos vizinhos. Ao que parece, elas sentem o desejo de viajar, conhecer novos ares. Seus corpinhos estranhos, com um gingado, vão se afastando até um quarteirão de distância, porque acho que suas irmãs caídas não serviram de aviso contra predadores. Outras seguem o mesmo caminho de sempre, bicando pelo quintal. O terreno tem mais de quatro quilômetros, mas elas se atêm à cerca na

extremidade sul. Volta e meia uma das galinhas está em cima dos carros, na mesa do quintal, na geladeira e na cama elástica. Nosso quintal é o Everest delas.

Mas não importa por onde elas vagam durante o dia; assim que o sol começa a se pôr, lá estão elas, todas as dez, de volta aos poleiros no viveiro, reunidas bem próximo umas das outras, como corajosas irmãzinhas galinhas. As aventuras do dia acabaram, e elas passarão a noite em casa, aconchegando-se nas asas umas das outras, vivendo para ver mais um dia. (Se acha que estou prestes a comparar as mulheres a galinhas, você está certa, minha senhora.)

Quando penso na comunidade de mulheres a que pertencemos, não há dúvida de que nossas aventuras diárias nos levam a todos os lugares do globo. Algumas de nós vivem no limite e se aventuram além das fronteiras “seguras” — os predadores ficarão impressionados. Outras prosperam nos espaços constantes e estáveis que sempre fizeram sentido para nós. Outras, ainda, estão sempre atrás de uma nova visão, uma nova perspectiva, um novo poleiro. Durante o dia, estamos por todo lado, diversas, originais, distintas. Isto é tão bom, essa falta de homogeneidade.

Mas eu gostaria de pensar que, quando o sol está se pondo, depois que nossas diferenças nos levaram para todo canto na vizinhança, podemos voltar para casa, umas para as outras. Podemos nos aconchegar como irmãzinhas corajosas e nos apoiarmos umas nas outras em busca de descanso e um santuário. Podemos contar nossas histórias (“Você nunca vai adivinhar aonde eu fui hoje...”) e ouvir sobre os caminhos que não tomamos, mas saberemos, no final do dia, que pertencemos umas às outras.

Espero que nossa comunidade seja marcada pela graça e pela afirmação em vez de uma postura defensiva e exclusivista. Claro, algumas vagam por caminhos que não entendemos, mas há espaço na

vizinhança para todas nós. Em última análise, a irmandade é um lugar confortável para pousar, e podemos nos despedir umas das outras com bênçãos, sabendo que podemos voltar para casa em segurança. Quero estar sempre aqui *para* você, e você para mim.

Vamos largar nosso lixo emocional, nossos sentimentos instáveis que estragam os relacionamentos, a comunidade e a união. Não vamos deixar nossa loucura nos impedir de afirmar umas às outras e rufar os tambores para nossas irmãs. Nossa tribo não precisa ser governada pela escassez; há o bastante para todas as mulheres viverem lindamente. A maré alta levanta todos os barcos no porto; quando uma mulher se levanta, todas nos levantamos. Vamos abrir nossas mãos e doar tudo — estima, honra, atenção, amor. O que é bom para uma é bom para todas.

Eu vejo vocês torcendo umas pelas outras e despertando o melhor umas nas outras, e isso me alegra. É assim que tem de ser. Foi para isso que nós fomos feitas. Isso é viver bem. Se preferirmos umas às outras como Jesus nos aconselhou, não há nada com o qual nossa comunidade de mulheres não possa lidar. Dê-nos injustiças, lutas, sofrimentos, perdas, desgostos, obstáculos, *vida*. Vamos conseguir juntas. Dentro desta comunidade, fortalecemos umas às outras para amar nossas famílias e o próximo e as cidades e o mundo. Chamamos a atenção umas das outras para Deus e afirmamos nossa bem-aventurança. Isso é incrivelmente poderoso.

Sou muito grata por ser mulher, aqui, com você, em nossa geração. Meu cálice transborda.

É isso. Esta é nossa única vida. Então, juntas, vamos nessa!

Eu amo muito vocês.

Notas de agradecimento pra valer

Quero agradecer a minhas amigas, porque eu ficaria desolada sem vocês (e não teria histórias para contar neste livro). Sou rica de amizades e sei disso, e me sinto deslumbrada o tempo todo por causa disso. Vocês tornam minha vida tão feliz. Vocês são tudo o que há de divertido, amável, atencioso, hilário, inteligente, leal, engraçado e bom no universo. Se um dia me abandonarem, eu vou matá-las enquanto dormem. (Desculpe. Ficou bizarro.)

Muito amor por minhas leitoras maravilhosas. Vocês me acompanharam ao longo de livros, estudos, viagens, consultas ao dentista, maratonas de *Friday Night Lights*, tempos bons, tempos difíceis, sempre. Brandon sempre me diz: “Seu pessoal é tão legal com você.” VOCÊS SÃO MESMO. Vocês são extremamente especiais para mim. Eu amo o que temos. Valorizo o espaço que criamos juntas. Eu amo vocês tanto quanto amo Tim Riggins.

Chorei ao escrever cada capítulo sobre a igreja, porque amo muito a minha. A igreja tem sido uma estrada sinuosa para mim, e na Austin New Church me sinto em casa. Vocês são as melhores pessoas que conheço. Vocês nos amam tanto, assim como amam nossa cidade e o mundo, que eu nem acredito. Obrigada por me devolverem aquilo que vocês nem sabiam que eu tinha perdido.

Agradeço a meus pais, Larry e Jana King, por serem os melhores pais a quem eu nunca soube ser grata quando jovem. Pensei que todos os pais fossem incentivadores, amorosos, saudáveis e maravilhosos. Espero que um dia meus filhos sintam por nós o que sinto por vocês, ou seja, uma ternura incrível, enquanto vivem em suas casas e não no porão da minha casa. Vocês são sensacionais, e eu não vou esperar até vocês morrerem para escrever um livro de memórias, como fazem algumas de minhas amigas. Obrigada. De nada.

Ao meu agente, Curtis Yates; a sua incomparável esposa, Karen; ao colega Mike Salisbury e a toda a dinastia Yates, para citar Sealy: sou muito grata por ser um cavalo em seu estábulo. Curtis, além de agente, você é treinador, animador de torcida, protetor e irmão. E você dominou a arte de usar *emoticons* e sabe o que penso de uma conquista como essa. Obrigada por começar seu Clube Gastronômico depois de ler este manuscrito. Obrigada por chorar lágrimas de tanto rir quando leu “Questões de moda”. Obrigada por acreditar em mim e por me incentivar a ser melhor e mais corajosa.

Um abraço enorme a toda a minha nova equipe da Thomas Nelson americana! Vocês arrasam, gente. Apenas arrasam. Brian Hampton, Chad Cannon, Emily Lineberger, Katy Boatman, Kristen Parrish, e todo o pessoal de Nashville... Mal sei como lidar com seus grandes objetivos, grandes ideias, grande confiança e grande apoio. Vocês sonharam sonhos impossíveis à mesa da minha casa na fazenda. Vocês comeram mini-hambúrgeres de língua de boi atendendo a um pedido meu. *Vocês me deixaram falar diante de toda a editora.* Sejam meus para sempre. Não consigo encontrar palavras suficientes para agradecer.

Por fim, agradeço à minha familiazinha, a família de meus sonhos. Vocês são tudo o que eu sempre quis. Os Anos da Família estão prestes a começar a mudar, mas eu não poderia estar mais grata (e

DESOLADA, mas este capítulo deveria ser alegre). Gavin, Sydney, Caleb, Ben e Remy: vocês são meus cinco filhos favoritos do planeta. Amo vocês de montão (e certamente vou parar de pagar a conta de telefone se você não me ligar com frequência quando for para a faculdade, no próximo ano, Gavin. Duas vezes por dia devem bastar). Brandon, olhe para nossa vidinha. Acredita? Sei que você não acredita, porque volta e meia dizemos: “Você acredita que temos uma vida como a nossa?” Eu não conheço um marido que ama mais sua esposa e seus filhos. Você é tão devotado a nós, e sabemos disso. Você nos faz muito felizes. Amo você. Amo muito. E lamento por ter jogado no chão todas as peças das Palavras Cruzadas.

Eu nem sei como agradecer a dois grupos de pessoas:

Minha Equipe de Lançamento e #os4500.

Essas mulheres (e homens do #quarteto) se reuniram meses antes deste livro ser lançado, e daí emergiu uma comunidade que eu não poderia ter imaginado em meus sonhos mais loucos. O que começou com uma reunião simples para discutir *Ame mais, julgue menos* se transformou em encontros, bolsas de estudo, grupos de oração, viagens, festas, tópicos parentais, clubes de redação, *merchandising* de grupo e, essencialmente, toda a mensagem da FTL demonstrada na vida real. Amigos, amo vocês com todo o meu coração. Além dos belos elogios e do incentivo, vocês me mostraram que uma comunidade FTL não é apenas possível, mas também vibrante e espiritual e unificada e totalmente irreverente. Vocês são meu melhor presente deste ano. Para sempre #emminhatrave.

Obrigada aos membros da equipe de lançamento de *Ame mais, julgue menos*:

Abby Ades
Abby Twarek
Alaina Falk
Alia Joy Hagenbach
Alicia Vela
Aline Nahhas
Alison Stow
Allison Funke Pickett
Allison Ramsing
Aly Garrett
Alysa Bajenaru
Alyssa De Los Santos
Amanda Brown
Amanda Bush
Amanda Jo
Amanda Johnson
Amanda Kay Duckett
Amanda Pierce Jones
Amanda Rosler
Amanda Schafer
Amanda Smith Carver
Amanda Tomzak Regas
Amanda Wissmann
Amber Gonzales
Amber O'Toole
Amber Thompson Austin
Amberly Noble
Amilee Blanchard Sanders
Amity Rider Jones
Amy Cashion Hickman
Amy Crouch Wiebe
Amy Davis
Amy Dieter Decker
Amy Elizabeth Patton

Amy Mathias Austin
Amy Sheehan Wilkins
Anastasia Huffman
Andi Edwards
Andrea Grieshaber-Roberts
Andrea Stunz
Andrea Trexler Conway
Angela Brandel Gifford
Angela Gottschalk
Angie Abbate Mood
Angie Brown
Angie Dailey
Angie Kay Webb
Ann Crawford Goade
Ann Marie Corgill
Anna Carpenter
Anna Price
Anna Rendell
Anna Rubin
Annaliese Wink
Anne Henninghausen Alley
Anne Rumley Gift
Anne Watson
Annie White Carlson
AnnieLaurie Walters
April Golden
April Lakata
Ashlee Barlow
Ashley Abbott Bunnell
Ashley Behn
Ashley Besser
Ashley Doyle Pooser
Ashley Griffin
Ashley Pratt

Ashley Williams
Athena Buckner Davis
Aubrey Stout
Audra Ohm
Aundi Kustura Kolber
Becca Longseth Kiger
Becky Gillespie Yurisich
Becky Goerend
Becky Ritta
BeckyWaldrup Johnston
Beth Buchanan Webb
Beth Latshaw-Foti
Beth Walker
Bethany Alexander
Bethany Beams
Bethany Winter Vaughn
Betsy Perrell Shaak
Brandee Holland
Brandi Dowdy
Brandi Ebersole
Brandy Lidbeck
Brenna Lauren
Brenna Stanaway
Briana DuPree
Brianna George
Brianna Sweet
Bridgette Cook
Brittany Roof Griffin
Brooke Justus Fradd
Bryna Richter Rodenhizer
Caitlin Snyder
Cara Joyner
Cara McConnell
Carey Schmitz Gregg

Carlee Ann Easton
Carol Fruge
Carrie Beth Tigges
Carrie Bricker Himel
Carroll Tatge Marxen
Cathy Campos Davidson
Celine Noyes
Chelsia Checkal
Cheryl Moses
Chris Bishop
Christian Annette Barnett
Christi Gibson Miller
Christine Frank Bowin
Christine Miller McDermott
Christy LeRoy
Christy Wiseman Leake
Cindy Battles
Claire Thompson Mummert
Colleen Crocker
Connie Martin Beckham
Corie Clark
Corie Gibbs
Courtney Banceu
Courtney Oakes
Courtney Smith Cassada
Courtney Thrash
Crissy McDowell
Crystal Santos
Cydney Reagan Feltcher
Cynthia M. Milner
Dana Pierce Herndon
Dana Rollins Martin
Danielle Brower
Darcie Tisdal Jackson

Darla Dillahunty Baerg
Dawn Klinge
Deanna Kell
Debi Jenkins
Deedra Amsden Mager
Deidre Price
Delia Jo Ramsey
Dena Howard Franco
Denise Kinsey Tyriver
Diana Kerr
Diane Weaver Karchner
Elise Cleary
Elise Johnson
Elizabeth Grossman
Elizabeth Lovell Lovelace
Elizabeth Sawczuk
Ellen Rorvik Frens
Embo Tshimanga
Emily Bedwell
Emily Carlton
Emily Davis Nelson
Emily Donehoo
Emily Judge Kates
Emily Mastrantonio
Emily McClenagan
Emily Tuttle
Emma Kathryn Robinson
Erica Armstrong
Erica Willer Groen
Erin Bassett
Erin Brazofsky
Erin Eichorn Shafer
Erin Felder Earnest
Erin Leigh Cox

Erin Moffitt
Erin Needham
Erin Vande Lune
Erin Wevers
Erin Woods
Gail Zainea Ramesh
Genevieve Yow
Geoff Kullman
Georgette Beck
Gina Grizzle
Ginger Newingham
Gloria S. Lee
Grace Manning
Gwendolyn Howes
Hailey Liew
Hannah Card
Hannah Lane Buchanan
Harmony Harkema
Heather Arseneault
Heather Galyon-Lamb
Heather Gerwing
Heather Goyne Parker
Heather Jasinski Brady
Heather Long
Heather Meek Henderson
Heather Middeldorf Rattray
Heather Post Hefter
Heather Webb
Heather Schmidt
Helen Kerr
Holly Kemp Garin
J'Layne Sundberg
Jack Donkin
Jack and Emily Engle

Jadee Isler
Jamie Brown
Jason Mitchell
Jeane Wynn
Jeanna Martin
Jemelene K. Wilson
Jen Gash
Jen Goforth
Jen Ruble
Jenna Sasso
Jenni DeWitt
Jennie Woelpern
Jenniemarkie Palomo Cisneros
Jennifer Battles
Jennifer Davis
Jennifer Drennan Bell
Jennifer Hermosillo
Jennifer Howard
Jennifer Lloyd Goodwin
Jennifer Marcy Mrochek
Jennifer N. Early
Jennifer Snyder
Jennifer Wier
Jenny Garwood
Jenny Johnson Ross
Jenny Lyn Harwood
Jess Collier
Jessica Feeley
Jessica Hamlet
Jessica Hurtt
Jessica Laine Singletary
Jessica Morrison Grant
Jessica Turner
Jessica Wolfe

Jill Richardson
Jinny McCall
Jo Hooper
Joana Studer
Jodi Lynn McCoy
Jody Leigh
Johanna Trainer
Julie Moorhead
Julie Shreve
Julie Shumate Long
Kacy Wansley Pleasants
Kaitlyn Bouchillon
Kamryn Schill
Kande Koogler Milano
Kara McLendon
Kara Williams
Karen Taylor Graham
Karen Wolf Anderson
KariAnn Loy Lessner
Karli Von Herbulis
Kate Hight-Clark
Kate Scoggins
Katelyn Roskamp
Kathryn Giese
Kathy Macheras
Katie Corley
Katie Eller
Katie Howard
Katie Hurst
Katie May Tramonte
Katie McGee McReynolds
Katie Melton
Katie Mumper
Katie Vale

Katy Ruehr Epling
Katy Zitzmann
Kayla Aimee
Kayla Craig
Kelley Maranto Mathews
Kelly Buddenhagen
Kelly Buist
Kelley Dorgan Ruark
Kelly Ivey Johnson
Kelley Richards Smith
Kelsey Ferguson
Kelsey Holson
Kelsey King
Keri Snyder
Kiah Maylynn Geleynse
Kim Knudsvig
Kim Labar
Kimberly Bolden
Kimberly Hollis Widmer
Kimberly Poovey
Kirsten Trambley
Kodi BeVelle
Krista Gradias
Krista Wilbur
Kristen Bulgrien
Kristi Bair Roddey
Kristi James
Kristin Maddox Cheng
Kristin Stewart
Kristin Ulrikson-Hernke
Laine Alves
LaRae Humes
Laura Daniels
Laura Nile

Laura Zandstra Murray
Lauren Douglas
Lauren McHam Gibbins
Lauren McMinn
Leanne Johnston
LeeAnna Smith
Leslie Armstrong
Leslie David Carlton
Leslie Knight
Linda Shaffer Perkins
Lindsay Brandon-Smith
Lindsay Burden
Lindsay Langdon
Lindsay Prout Loughrin
Lindsay Stevenson
Lindsey Bryan
Lindsey Morgan Nihart
Lisa Bartelt
Lisa Ray Janes
Lisa Van Engen
Lisa-Jo Baker
Liv Campbell
Liz Wine
Lori Florida
Lori Harris
Lori Kuney Sawyer
Lori Stilger
Lori Waltmon Motal
Loyce Pickett
Lyndi Schnelle
Mabe Jackson
Macy Robison
Madelyn Jackson
Mandy Santos

Mandy White Alexander
Mariah Sanders
Marie Gregg
Marie Underhill Jackson
Megan Byrd
Megan Lowmaster
Melinda Hoggatt Mattson
Melinda Nelson
Melissa Crawford
Melissa Gardner-Miller
Melissa Henderickson
Melissa Jorgensen
Melissa Madole-Kopp
Melissa Neuman
Melody Consuela Taloolah Kopp
Meredith Donkin
Michele Lewandowski Mayhan
Michelle Collins
Michelle Craig Discavage
Michelle Fortik
Michelle Haseltine
Michelle Kelly
Michelle Kime
Michelle Robinson
Michelle Unwin
Miguel Cain Cooper
Mindy Christianson
Miranda Norris Coker
Miriam Blankenship Boone
Monica Jakoby Deskins
Monica Montoya
Natalie Bradley Slusser
Natalie Emmert Reid
Nichole Aponte Carrabbia

Nicole Case
Nicole Pals Diehl
Nicole Stormann
Noelle Morin
Pam Parker
Pamela Anne
Parker Barnes
Pattie Reitz
PenniCrouch Zylka Van Horn
Perri Verdino-Gates
Phillip and Shannon Taylor
Rachel Legg
Rachel Mueller Hill
Rachel Ravellette
Raleen Sloan
Rebecca Beckett
Rebecca Reardon Degeilh
Rebecca White Greebon
Rebekah Fairley
Rebekah Johnson
Robin Lee
Robin Parks Allen
Robin Turner Dauma
Robin Tutwiler
Robin White
Ronna-Renee Jackson
Rosanna Mullet
Sandy Kaduce
Sarah Denley Herrington
Sarah Herbert
Sarah Markowski
Sarah May
Sarah Schultz
Sarah Varland

Shanna Leigh
Shannon Bradley Taylor
Shannon Imel
Shawwna Householder
Shea Callahan Hughes
Sheila Burger Stover
Sheila Taylor
Shellie Carson
Shelly Mowinkel
Stacey Lynn Drake
Stacey Philpot
Stefanie Cullum Ritz
Stephanie Bishop
Stephanie Clinton
Stephanie English Roberts
Stephanie Kandray
Stephanie Lloyd
Stephanie Vos
Sue Bidstrup
Susan Galbo Hunt
Suzanne Sample Rees
Tamara Lancaster
Tammy Lee
Tara Davis
Tara Rooks
Terri Gorton Fullerton
Terry Dean Felix
Theresa Brown
Tomi Bussey Cheeks
Torrey Swan
Traci Adkins Cook
Tricia Klein
Valerie Cronk Kushnerov
Vicki Lodder

Whitney Cornelison

Whitney Severns Werling

Notas

Capítulo 2: Sobre fazer quarenta

1. Maya Angelou apud Maria Popova, “Maya Angelou on Identity and the Meaning of Life”, *Brainpickings.org*, acesso em: 4 jan. 2015, disponível em: <<http://www.brainpickings.org/2014/05/29/maya-angelou-on-identity-and-the-meaning-of-life>>.
2. Annie Dillard, *The Writing Life*. New York: HarperPerennial, 1989, p. 32.

Capítulo 3: Sobre vocação e mães haitianas

1. Anna Quindlen, *A Short Guide to a Happy Life*. New York: Random House, 2000, e-book em PDF.

Capítulo 6: Não caia nessa

1. Sim, Gwyneth Paltrow falou isso mesmo em uma entrevista concedida à revista *Elle* em 2011. Para ver mais citações de Gwyneth, acesse: “10 Epic Quotes From Gwyneth Paltrow”, *ABC News*, última modificação em: 26 mar. 2014, disponível em: <<http://abcnews.go.com/Entertainment/10-epic-quotes-gwyneth-paltrow/story?id=23070550>>.

Capítulo 7: Diga a verdade

1. Brené Brown, *Daring Greatly: How the Courage to Be Vulnerable Transforms the Way We Live, Love, Parent, and Lead*. New York: Gotham Books, 2012, p. 248-9.
2. Scott Stratten, apud Brown, *Daring Greatly*, p. 171.
3. Brown, *Daring Greatly*, p. 99.

Capítulo 12: Casamento: divirta-se e tal

1. Charlotte Brontë, *Jane Eyre*. New York: Carleton, 1864, p. 481.

Capítulo 13: Crianças de Jesus

1. Drew Dyck, “The Leavers: Young Doubters Exit the Church”, *Christianity Today* 54, n. 11, 1 nov. 2010, p. 42.
2. Ibid., 40.
3. “Threads Presentation: What Matters to Young Adults?” *SlideShare.net*, postado por guest569c3f, 8 jan. 2009, disponível em: <<http://www.slideshare.net/guest569c3f/threads-presentation-presentation>>.

Capítulo 17: Peculiar

1. Flo Rida e Will i Am, “In the Ayer”, *Mail on Sunday*, Atlantic Records, 2008, CD.
2. Susan Cain, *Quiet: The Power of Introverts in a World That Can’t Stop Talking*. New York: Crown Publishers, 2012, p. 230.
3. Ibid., 239.

Capítulo 21: Turismo de pobreza

1. Embora o retrato seja meu, foi inspirado por uma postagem no blog de Jamie Wright, “Healthy Short-term Missions? Do it like Jesus”, *Jamie the Very Worst Missionary*, última modificação em: 10 abr. 2012, disponível em: <<http://www.theveryworstmissionary.com/2012/04/healthy-short-term-missions-do-it-like.html>>.

Capítulo 22: Querida igreja...

1. Bo Lane, “Why Do So Many Pastors Leave the Ministry?”. *ExPastors.com*, última modificação em: 27 jan. 2014, disponível em: <<http://www.expastors.com/why-do-so-many-pastors-leave-the-ministry-the-facts-will-shock-you/>>.
2. Ibid.
3. Bo Lane, “Why Do So Many Pastors Leave the Ministry?”; e Richard J. Krejcir, “Statistics on Pastors: What is Going on with the Pastors in America?”. *IntoThyWord.org*, acesso em: 4 jan. 2015, disponível em: <<http://www.intothyword.org/apps/articles/default.asp?articleid=36562>>.
4. Brown, *Daring Greatly*, p. 110.

Capítulo 26: Sobre mulheres

1. “Economic Empowerment”, *HalftheSkyMovement.org*, acesso em 4 jan. 2015, disponível em: <<http://www.halftheskymovement.org/issues/economic-empowerment>>.

Sobre a autora

Jen Hatmaker e o marido, Brandon, moram em Austin, no Texas, onde são líderes da Austin New Church e criam seus cinco filhos (além das galinhas que Jen disse que nunca teria). Ela ministra palestras em eventos de todo o país e é autora de dez livros, incluindo *Interrupted* e *7: An Experimental Mutiny Against Excess* [7: Um motim experimental contra o excesso], best-sellers do *USA Today*. Jen e Brandon estrelaram uma série da HGTV chamada *My Big Family Renovation* e moram em uma fazenda de 105 anos de idade com um encanamento duvidoso.

Confira o ministério, a programação e o blog dela em
www.jenhatmaker.com.